

UFRRJ

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

DISSERTAÇÃO

**QUE É SER UMA PROFESSORA ARTICULADORA? CONHEÇA A TI
MESMA**

DANIELLE MILIOLI FERREIRA

2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**QUE É SER UMA PROFESSORA ARTICULADORA? CONHEÇA A TI
MESMA**

DANIELLE MILIOLI FERREIRA

Sob a Orientação do Professor
Carlos Roberto de Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Fevereiro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383q Ferreira, Danielle Milioli , 1981-
Que é ser uma professora articuladora? Conheça a ti
mesma / Danielle Milioli Ferreira. - Seropédica;
Nova Iguaçu, 2023.
120 f.: il.

Orientador: Carlos Roberto de Carvalho.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares, 2023.

1. Educação Infantil. 2. Professora Articuladora.
3. Experiências de Vida. I. Carvalho, Carlos Roberto
de, 1950-, orient. II Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 296 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.018434/2023-93

Seropédica-RJ, 27 de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES

DANIELLE MILIOLI FERREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/02/2023

Membros da banca:

CARLOS ROBERTO DE CARVALHO. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

ROSANA PINTO PLASA SILVA. Dra. UFRRJ (Examinadora Externa ao Programa).

LETÍCIA SANTOS DA CRUZ. Dra. (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 29/03/2023 14:04)

CARLOS ROBERTO DE CARVALHO
COORDENADOR CURS/POS-GRADUACAO
PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)
Matrícula: 1607701

(Assinado digitalmente em 30/03/2023 10:39)

ROSANA PINTO PLASA SILVA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CTUR (12.28.01.30)
Matrícula: 387411

(Assinado digitalmente em 19/04/2023 19:29)

LETÍCIA SANTOS DA CRUZ
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 052.369.307-90

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **296**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **27/03/2023** e o código de verificação: **d5a51266f3**

RESUMO

FERREIRA, Danielle Milioli. **Que é ser uma Professora Articuladora? Conheça a ti mesma.** 2023. 120p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

A Intenção deste texto é o de desvelar minhas experiências enquanto Professora Articuladora. Experiências vividas por mim no Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) em uma das unidades da rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Neste pretendi registrar, examinar, identificar práticas pedagógicas favoráveis à boa convivência que assegurem seja na ciência, seja na arte os direitos inalienáveis da criança que está sob nossa responsabilidade. Dada a magnitude e a importância da questão, fui impelida a refletir sobre o meu próprio ofício e papel social: a de ser-estar-sendo no meu sendo uma “professora articuladora”. Mas que é ser? Como se chega a ser que se é...? A dissertação nasce, então, da questão do ser. Que é ser? Da pergunta sobre o ser também nasce o método intuitivo, introspectivo, imanente- método fenomenológico que nos obriga a uma decisão, qual seja: ver as coisas mesmas, nelas mesmas, sem a priores... Foi assim que tudo começou a fazer sentido, a ter um sentido... um caminho de pensamento na e com a linguagem.

Palavras-chaves: Educação Infantil, professora articuladora, experiências de vida;

ABSTRACT

FERREIRA, Danielle Millioli. **What does it mean to be an Articulating Teacher? Know thyself.** 2023. 120p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

The intention of this text is to reveal my experiences as an Articulating Teacher. Experiences lived by me in the Child Development Space (EDI) in one of the units of the Municipal Education Network in Rio de Janeiro. In this one, I intended to register, examine, identify pedagogical practices favorable to good coexistence that ensure, whether in science or in art, the inalienable rights of the child that is under our responsibility. Given the magnitude and importance of the issue, I was impelled to reflect on my own profession and social role: that of being-being-being in mine, being an “articulating teacher”. But what is to be? How does one come to be that one is...? The dissertation is born, then, from the question of being. What is to be? From the question about being, the intuitive, introspective, immanent method is also born - phenomenological method that forces us to a decision, namely: to see the things themselves, in themselves, without a priores... That's how everything started to make sense, to have a meaning... a way of thinking in and with language.

Keywords: Early Childhood Education, articulating teacher, life experiences;

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Documentos Oficiais	56
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. COM LICENÇA, NA SOLEIRA DA PORTA.	8
CAPÍTULO I - O INFERNO.....	13
CAPÍTULO II - O PURGATÓRIO	19
2.1 - MAS O QUE É MESTRE?.....	20
2.2 - COMENIUS, UM MESTRE DA EDUCAÇÃO!	22
CAPÍTULO III – INFÂNCIAS E BRINCADEIRAS.....	24
3 MINHA INFÂNCIA	24
3.1 - <i>Crianças e Infâncias</i>	29
3.2 - <i>Educação Infantil: Deixar que a criança seja ela mesma!</i>	36
3.3 - <i>Espaço das brincadeiras</i>	41
CAPÍTULO IV: O SENTIDO DA PESQUISA.....	44
4 O MÉTODO	46
4.1 - <i>Aranha e seu método</i>	47
4.2 - <i>Não sei bem ao certo como tudo isso começou...</i>	49
4.3 - <i>E tive uma ideia</i>	52
4.4 – <i>Que é ser uma professora articuladora?</i>	52
CAPÍTULO V - RESULTADOS E DISCUSSÕES	81
5 O FAZER-PENSAR	81
CONCLUSÃO: O CÉU NA TERRA, O PARAÍSO É QUE AQUI?.....	111
CONHECENDO A MIM MESMA	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116

INTRODUÇÃO

1. COM LICENÇA, NA SOLEIRA DA PORTA.

Na soleira da porta vi nove quadradinhos numerados no chão, uma pedrinha, um caco qualquer e está pronta a brincadeira! Em algumas regiões do Brasil, a brincadeira recebe o nome de academia, maré, sapata, avião, pula-macaco. Há formas e variações ao longo do mundo, mas seu objetivo é chegar à última casa e na volta recuperar a pedrinha.

Existem várias versões sobre a origem do jogo amarelinha. Uma delas é inspirada no livro de Dante Alighieri A Divina Comédia, junto com o seu mestre Virgílio o autor caminha entre pelos mundos do inferno, o purgatório para que se possa chegar ao paraíso com sua amada Beatriz. Aonde chegar ao céu é um mero conhecer-te a ti mesmo. A alegoria feita no jogo da amarelinha fica mais explícita na passagem do purgatório, onde Dante precisa atravessar os nove patamares para chegar ao paraíso.

É possível ver na poética de Dante a importância do número três que na Idade Média era considerado mágico por ser a junção do corpo, alma e o éter: são três pessoas principais Dante o homem, Virgílio detentor do conhecimento e da razão, Beatriz a portadora da fé e do amor. São nove *círculos* no inferno, nove *patamares* no purgatório, nove *céus* no paraíso; A obra é dividida em três partes (inferno, purgatório e paraíso) de 33 cantos cada uma, que somam 100 cantos, o número da perfeição no todo da unidade; Os versos em hendecassílabos, dançam de 3 em 3, tercetos entrelaçado (*terza rima*), onde o em estrofes de 10 versos, tudo pensado por Dante numa *Divina Proporção*¹.

O purgatório está no nível da terra, situado ao lado de uma ilha, onde há subidas *por estradas tão árdua e temerosa, que esta subida a par, jogo é de infantis*². Em seu poema, Dante é uma pessoa de carne e osso que vaga com seu mestre Virgílio entre o

¹ A descoberta da Divina Proporção, Regra de Ouro ou Proporção Áurea é resultado da busca pela beleza nas formas.

² ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia: purgatório. Traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. Jandira, SP: Prinpis, 2020. (Canto II, p. 15)

inferno e o purgatório até encontrar sua amada Beatriz no paraíso. Dante é ao mesmo tempo pessoa de carne e osso que vaga pelos mundos como autor e personagem, onde seu caminhar é feito por intrincados labirintos da cidade, uma metáfora moderna do paraíso, inferno na terra.

A viagem de Dante entre mundos é uma busca, a saída do herói para o mundo hostil e reconciliação consigo mesmo, onde a busca não se dá por caminhos seguros, mas difíceis e tortuosos. Para Julio Cortázar, a vida é um caminhar entre o céu e o inferno, podendo ou não avançar no jogo, mas o mais comum é errar o passo e tentar de novo.

A origem da amarelinha assume um viés religioso, onde Dante caminha pela versão do cristianismo, referente às imperfeições humanas de base moral. Para além do religioso, pode-se dizer que o ser humano está sempre em busca de respostas aos seus dilemas existenciais e possíveis caminhos éticos e políticos. No percurso do jogo amarelinha o inferno, a terra e o céu representa um viver que não é tão simples e nem linear: ora se caminha para frente, ora se caminha para trás, não se sabe o que vai encontrar na esquina. Nessa brincadeira pensamos em estratégias e soluções para se chegar ao céu, mas o céu não é o limite. Quando se chega lá o jogo não acaba, ele retorna para a originária terra. E assim é a vida *um indo e vindo infinito*, já dizia o poeta!

E nesse jogo da vida que é a amarelinha, podem-se pensar pedagogicamente seus benefícios. A criança enquanto joga participa apreende de corpo inteiro e nesse apreender, apreende o que mais tarde, no tempo próprio, lhe será apresentado como objeto de estudo na forma de ensino e de reflexão racional. É a partir dos jogos e brincadeiras que as crianças desenvolvem suas habilidades e competências corporais, mentais, cognitivas, intelectivas e emocionais.

A amarelinha não é apenas uma brincadeira divertida, ela tem objetivo³ e regras bem importantes para o desenvolvimento físico, social, cognitivo e ético da criança: não pode pisar na casa que está à pedrinha ou nas linhas. O jogador não pode esquecer-se de tirar a pedrinha da casa. O jogador perde se errar a casa em que a pedra deveria cair quando jogá-la no início da partida. Por último o jogador não pode desequilibrar e pisar com os dois pés quando tiver somente uma casa para pisar. As regras podem ser combinadas, o importante é respeitar o combinado, afinal o combinado não sai caro!

Desenvolvimento das noções espaciais como saber orientar-se e situar-se em relação aos objetos e as pessoas, desenvolvimento da lateralidade e da coordenação

³ A brincadeira amarelinha aqui não tem o objetivo de escolarização, mas o mero observar pedagógico que um jogo ou uma brincadeira pode proporcionar.

motora, o que contribui diretamente na organização do esquema corporal, motriz e força das crianças, como correr, pular e jogar a pedrinha. Nas interações sociais a brincadeira propicia esperar a vez, valorização da cultura, colaboração, compartilhamento e iniciativa nas soluções de busca e problemas.

A brincadeira também tem relação com as noções matemáticas como desenvolvimento e memorização das sequências numéricas e também noções geométricas, de medidas, contagem e quantidades, discriminação visual e reconhecimento de algarismos. Essa noção é importante para a prática intencional do educador. Mas para as crianças elas querem pular de um pé só ou com dois de uma vez, não importa o que vale é decifrar o enigma e se errar passa a vez.

*

A Intenção desta dissertação é o de desvelar minhas experiências enquanto pessoa e Professora Articuladora. Experiências vividas por mim no Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) em uma das unidades da rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. Onde o brincar de amarelinha faz parte do cotidiano das crianças deste espaço, e por isso ela não poderia ser outra coisa a não ser, ser o próprio sumário. É no “era uma vez...” que as histórias de vidas, sejam elas fictícias ou não, que são contadas e recontadas todos os dias, presente na rotina das crianças. Porque viver isso tudo ao mesmo tempo em que é aprender mesmo! Jamais em um espaço de educação podemos deixar de sermos amorosos e afetuosos com todos e principalmente com as crianças.

Neste lugar pretendi a registrar, examinar, identificar praticas pedagógicas favoráveis à boa convivência que assegurem seja na ciência, sejam na arte os direitos inalienáveis da criança que está sob nossa responsabilidade. Dada à magnitude e a importância da questão, fui impelida a refletir sobre o meu próprio ofício e papel social: a de ser-estar-sendo no meu sendo uma “professora articuladora”. Mas que é ser? Como se chega a ser o que se é...? A dissertação nasce, então, da questão do ser. Que é ser?

E é daí que nasce o objetivo geral, a sua causa final de nossa pesquisa sobre a sentença que paira sobre a minha cabeça: que é ser uma professora articuladora?

Da pergunta sobre o ser também nasce o método intuitivo, introspectivo, imanente- método fenomenológico que nos obriga a uma decisão, qual seja: ver as

coisas mesmas, nelas mesmas, sem a priores... Foi assim que tudo começou a fazer sentido, a ter um sentido... Um caminho de pensamento na e com a linguagem.

A pesquisa é acordante a ética *universal do ser humano*, de Paulo Freire. Uma ética responsável que afronta o racismo e preconceito em várias instância da sociedade, bem com inseparável da prática educativa. *Não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar*⁴. É nessa ética responsável que os professores e professoras autorizaram colocar o seu nome verdadeiro na pesquisa; as imagens foram retiradas da internet; alguns desenhos ganhei ao longo desses 10 anos de professora, outros foi feito pela minha sobrinha direcionada a mim como pessoa e professora articuladora.

Então para fazer e perfazer este caminho na pesquisa, só o fiz caminhando e jogando amarelinha. O leitor e a leitora irão percorrer nessa dissertação o caminho pelo inferno, o purgatório e o paraíso, como é descrito no jogo da vida apresentada n'A Divina Comédia, de Dante Alighieri.

Capítulo I - o inferno refere-se a minha própria busca e meus questionamentos na pesquisa. Para Dante, a pessoa que está no inferno é aquela que não admite seus erros, seus pecados, não assume suas reponsabilidades. Então, nesta primeira casa procurei os questionamentos que atravessa o processo de formação do que é ser uma professora e professora articuladora na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Só assim no caos que pode haver mudanças. Conhecer o passado e o presente faz saber quem eu sou, traz prudência.

Capítulo II - o purgatório, aqui me deparo com os parceiros de vida e de caminhada. Às vezes solo, com livros, com as crianças, com parceiros e parceiras da comunidade escolar, com o grupo de pesquisa, com meu mestre, meu Virgílio, Beto de Carvalho. Dante é guiado por Virgílio desde o inferno, mas é na passagem do purgatório que essa relação entre mestre e discípulo fica mais evidente, pois Virgílio representa a razão, a ética, à virtude.

Capítulo III – Infâncias e brincadeiras. Recordações que tenho quando criança, amada e brincante. Processo histórico que concerne às crianças e infâncias, dialogando com pensadores e filósofos. E respeito à Educação Infantil e o Espaço de Educação

⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996. (p.16)

Infantil (EDI), conversas sobre as interações e brincadeiras, permitindo que as crianças sejam no mundo.

Capítulo IV – o sentido da pesquisa. Aqui se buscou o sentido e meu caminhar na pesquisa e na metodologia fenomenológica. A dissertação nasce de uma inquietação que são as vivências de uma professora na Rede Municipal do Rio de Janeiro. A obra de Dante nos permite pensar nos nossos juízos e advertências, erros, acertos e estratégias. Reflexão do método, ainda por aqui eu e meu mestre ainda estamos no purgatório, pois estamos na busca do conhecimento, da reflexão, do autoexame de consciência que se faz pela exposição da fala, da linguagem. Uma busca de o verdadeiro ser, o voltar-se a si mesmo. Vê as coisas mesmas, nelas mesmas. O método como labirinto, teia de aranha, pois o método só aparece no caminho e se anuncia na pergunta. E as entrevistas dos professores.

Capítulo V – Resultado e discussões: o fazer pensar da professora articuladora na rede Municipal do Rio de Janeiro. O cerne central da pesquisa é o ser-aí da professora e o da professora articuladora que habitam em mim. Que é ser uma professora articuladora? Nessa questão nos debruçamos para refletir a respeito.

Conclusões - O céu na terra, o paraíso é que aqui? Finalizo estas escritas voltando à pergunta o que é ser uma professora articuladora? O céu não é o limite, no jogo amarelinha a gente volta ao jogo. E penso no modo próprio do ser da professora articuladora que se mostra em sua travessia.

Como nos diz Paulo Freire, ninguém caminha sem aprender a caminhar e para mostrar minhas escritas e pensamentos levo a você, leitor-leitora, as minhas reflexões... Convido-os a vir jogar a amarelinha comigo... Já estão na soleira da porta, podem jogar a primeira pedrinha...

CAPÍTULO I - O INFERNO

*Da nossa vida, em meio da jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa,
Tendo perdido a verdadeira estrada.*
(Dante Alighieri)

Comecei minha jornada pela educação no curso de pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, não sabia ao certo se era isso que queria da vida, ser professora. O curso me possibilitou vários olhares inebriantes, mas nada se compara a angustia da prática, do cotidiano escolar. Este só sabe quando se faz o caminho caminhando.

É na angustia do caos, na selva tenebrosa que se aprende que há possibilidade de mudança. Observo que muitos professores deixam o amargor da profissão lhes tomarem conta, da mesmice do cotidiano. E acabam vivendo uma profissão penosa, antiquada, fora do tempo das crianças, com aquele caderno de cinco anos atrás, como uma simbiose. Por muitas vezes colocando a culpa do fracasso escolar no sistema.

O inferno de Dante tem nove círculos onde cada um corresponde um tipo de pecado e quanto mais profundo o círculo, mais intenso é pecado e suas punições. Sua porta é bastante larga, ou seja, qualquer pessoa pode entrar. Ela vai se afunilando, até chegar ao último círculo o Lago Cócite que para Dante é o abismo gelado de Lúcifer, sem quaisquer resquícios de vida. Dante passa pelos nove círculos, precisa passar pelo o que é mais profundo e difícil para conhecer a ti mesmo e assim poder caminhar para algum lugar.

Como no inferno de Dante, a pessoa que não admite seus erros, que não assume suas responsabilidades diante a educação ficará preso no inferno para sempre, porque como já dizia Heidegger *ninguém pode fazer o caminho do pensar por nós*. O caminhar entre os mundos (inferno, purgatório e paraíso) pode ser árduo e amoroso: primeiro lança-se a pedrinha, se acertar entra no jogo, se errar passa vez e mesmo quando se chega lá no céu, a vida não acaba... Ela retorna para que possamos pensar e planejar novamente!

*

Ao pegar no rabo da palavra professora é um substantivo feminino, aquela que ensina... Repassa algo, doutrina, leciona, transmite e instrui. E exerce o professorado... Cargo ou função de professor, magistério. Confesso que o significado soa estranhamente tão curto e tão pouco para mim. “Ser” professora é aquela que ensina sim, mas posso ser mais que isso... Então buscarei nas profundezas das minhas memórias e vivências dizer a você leitor, o que é para mim, “ser” professora.

No dia 16 de março de 2012 fui para a minha primeira turma de educação infantil. Chego a um CIEP⁵ em Cosmos, bairro da zona Oeste do Rio de Janeiro. Tinham quatro turmas pela manhã e apenas eu e mais uma professora.

Cheguei ao CIEP e peguei duas turmas em horário reduzido, para que todas as crianças pudessem ser atendidas até que mais professores chegassem. Ficávamos em um anexo no quintal do CIEP, lá estavam elas... Quatro salas pequenas, com portas de vidro que davam para um parquinho. Dentro da sala as paredes amarelas, seis mesas com quatro cadeiras cada, uma pia no fundo, e um armário vasado em alvenaria com materiais tipo pastas, lápis de cor, canetinha, lápis, folhas, massinhas, tintas e colas. Nas paredes um alfabetário em letras cursivas e bastão. Próximo às salas tinha um banheiro infantil, a sala da classe especial, um banheiro para professores e uma sala de vídeo. Muitas vezes não tínhamos contatos com outros professores ou até mesmo a direção. Até por que o CIEP atendia da educação infantil até o 9º ano. Atravessávamos o pátio apenas para irmos ao refeitório.

Cheguei à sala com as crianças, duas turmas no horário da manhã. Apresentei-me, tentei fazer uma roda para que todos se apresentassem. A roda ficava tipo um T, não tinha espaço. Lembro que foram as duas piores semanas da minha vida profissional, fico pensando se todos os professores que não tem experiência passam por isso. A ideia de “ser foucaultiana” foi para o ralo abaixo. Não dava conta de nenhum pensador da educação naquele momento. Minha primeira turma, não tinha ideia do que fazer, do que era “ser” professora.

Uma dessas turmas era mais “difícil”, sabia que a dificuldade também era minha. Com crianças que tinham perdido a mãe assassinada pelo pai, outra que o pai

⁵ CIEP – Centros Integrados de Educação Pública, conhecido também como Brizolão. Foi um projeto educacional elaborado pelo antropólogo Darcy Ribeiro. Implantado inicialmente no Rio de Janeiro, ao longo do governo Leonel Brizola (1983 a 1994). Tinha o objetivo de oferecer educação integral de qualidade aos alunos da rede estadual.

morreu e tantas outras que nem os conheciam. Era sim uma escola em uma comunidade com crianças que iam ali para comer, com sérios problemas familiares e sociais. Onde a falta era generalizada por vários segmentos políticos e sociais. Mesmo sabendo de tudo isso, e tentando pensar numa educação que não fosse apenas ao sentido dicionaresco da doutrina, do apenas ensinar, é que foi mais difícil para mim.

Numa dessas vezes dei “aula” encostada na porta, porque uma criança queria fugir da sala, outra criança veio interferir batendo nele e falando que tinha que respeitar a professora. Conversei com ele, pedi para que o deixasse. Terminaram a atividade e dei massinha. Era o momento mais calmo deles. Estava extasiada nesse dia, tinha ganhado uns chutes na canela e quando a mesma criança fujona estava com a sua massinha na mão, olhou para mim e disse:

- Vou jogar essa massinha na sua cara! Exclamou a criança.

E num tom esbravejador! Gritei e bati na mesa!

- Joga que eu quero ver!

O silêncio tomou conta da sala. Eu nunca tinha gritado com eles. Mas o maior medo, era dele jogar e não saber o que fazer depois.

Ele baixou as mãos, tirei a massinha da mão dele e disse:

- Perdeu o direito da massinha!

Decepcionada, pedi para a professora e única da sala ao lado tomar conta das crianças.

E fui chorar no banheiro!

Para mim, não importa o que aconteceu depois desse episódio. Porque vivenciei outras coisas que também me constituem como professora. Mas esse episódio, essa imagem é que não gostaria de deixar para as crianças. Essa imagem do ensino, da disciplina e do autoritarismo. Dante em “A Divida Comédia” faz pensar nos nossos atos, como quero levar a minha vida, o que quero fazer dela e o mais importante para mim, na minha saga de ser professora... De como quero ser lembrada, que lugar é esse que ocupo na vida de alguém?

Hannah Arendt⁶ expõe que o autoritarismo é a deturpação da autoridade. A palavra autoridade é aquilo que é ampliado, o que é aumentado. E o que precisa ser ampliado na educação? “Preparar” uma criança para o mundo exige autoridade e

⁶ ARENDT, Hannah. A Crise da Educação. *In.*: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

respeito à tradição. Autoridade para dizer a criança como é o mundo e a tradição é fazer com que a criança respeite a condição do mundo. Ir de encontro à tradição não quer dizer que ela não possa transformar o mundo, pelo contrário, para que ela possa transformá-lo precisa antes de tudo entender como o mundo é.

As tradições é o que vai humanizar as pessoas. Aquilo que passa pelo respeito, pelo amor, pela pluralidade de pessoas e ideias. É a tradição que dará mais autonomia e liberdade às pessoas. A educação precisará transitar pela liberdade no processo do educando para que a autoridade e a tradição perpassem pelas ações humanas, pois é isso que configurará o que é ser humano. Ser humano é a pessoa ter seu poder ampliado, um ser que se sente participante no mundo, num grupo de pessoas, num corpo político, ou seja, participe da sociedade civil que lhe dará visibilidade.

Voltando as minhas memórias, a essa criança que esbravejei. Criança esta tão desamparada por várias instâncias sociais volta-me a Hannah Arendt, já que é dever, ou deveria da família protege-la e a escola de “prepará-la” para o mundo. Penso nela até hoje, pois teve uma omissão da família de cuidá-la, sem deixar de refletir no contexto familiar desta criança. E a escola, e eu, de lhe dar condições humanas. Daí a importância da qualificação e da responsabilidade de ser professora. Da responsabilidade de apresentar o mundo para as crianças.

Existe uma linha tênue entre prática e teoria, qualificação e reponsabilidade. Numa dessas minhas andanças lembro-me de uma frase do Che Guevara *hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás*, onde muitas vezes vamos precisar ter autoridade sobre os pequenos, mas não ser autoritário. Muitas vezes o encontro da prática e da teoria não acontece, na verdade muitas vezes, mas é ela que nos dá o arcabouço para a mudança. É pela teoria que é possível repensar, pensar por si mesmo em outras possibilidades, pensar sem corrimão.

Depois de duas semanas, chegaram mais duas professoras de educação infantil, pude escolher a turma, optando pela outra que achava mais tranquila. Foi um ano que pensei em desistir várias vezes, foi um ano que perdi também o mestrado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, foi um ano de amor e ódio pela educação, pela educação infantil. No fim aprendi muitas coisas, principalmente o “tipo” de professora que não desejaria “ser”.

A palavra “ser” está com aspas, porque em seu sentido fiel quer dizer ter identidade, característica ou propriedade intrínseca; apresentar-se em determinada condição ou situação, o que me remete a algo dado e acabado. Ser professora é estar

sendo no mundo, sempre em processo, sempre no inacabado, sempre no diálogo, não é apenas ser isto ou aquilo. O professor ou a professora precisa fazer reflexões sobre as suas práticas, *voltar às coisas nelas mesmas*⁷. Então neste momento voltar as minhas memórias, no meu eterno vir a ser, e nessa busca constante pretendo “ser” uma professora não autoritária, mas com autoridade e acima de tudo ética e democrática com as crianças, as famílias, a educação e colegas de profissão.

Para, além disso, a palavra SER na filosofia propõe outra perspectiva que perpassa na ontologia que estuda o conhecimento do Ser, dos entes e das coisas. Os filósofos clássicos por muito tempo ao tentar interpretá-lo e universalizá-lo acabaram por levar ao esquecimento do ser. Para iniciar esta conversa precisa-se diferenciar o ente do ser. Ente refere-se ao participio presente do verbo ser, tudo aquilo que é. Entes são coisas pelo mundo como homens, árvores, objetos, ideias, Deus. O ser não é o ente, e sim o modo como os entes são. Assim, a ideia primeira de Heidegger é a pergunta que foi esquecida pelo pensamento ocidental: Que significa ser?

A retomada desta pergunta pressupõe nos movermos para a compreensão do ser, mesmo não podendo explicá-la racionalmente, mas no ente que nós somos. Denominado por Heidegger de ser-aí, Dasein, onde toda interpretação compreende a essência temporal do existir humano.

Nessa perspectiva de perguntar o ser-aí, a de voltar às coisas nelas mesmas. Reporto-me ao subtítulo deste texto: Qual é o ser-aí da professora? Qual é o ser-aí da professora articuladora?

O que constitui a professora articuladora que sou hoje é o meu processo histórico de ser e está sendo professora ao longo desses anos, até por que continuo sendo professora, pois exerço as duas funções em horários diferentes. O que eu entendo e acredito ser educação infantil, o que é infância. Tudo isso interfere para que eu possa discutir aqui o que é esta profissional na rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

Estou apenas na primeira casa do jogo amarelinha, não quero ficar no Inferno de Dante para sempre, remoendo velhos estigmas da educação. Quero ser ética e ter responsabilidades pelo meu fazer como professora e professora articuladora. Sei que posso voltar aqui outras vezes, o inferno neste momento é só passagem, porque esse

⁷ HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, RJ: Vozes, 2012.

jogo da vida não pára. E agradeço por não passar nesta vida sozinha, pois tenho vários Virgílios ao longo dessa caminhada.

CAPÍTULO II - O PURGATÓRIO

*Oh! Virgílio, tu é aquela fonte [...]
Ó dos poetas ilustre, honra, eminência! [...]
Vai, pois nosso querer está combinado.
Serás meu guia, meu senhor, meu mestre!
Disse-lhe assim. Moveu-se ele; ao seu lado,
Pelo caminho entrei alto e silvestre.
(Dante Alighieri)*

Pelo caminho entrei alto e silvestre, às vezes solo, com livros, com as crianças, com parceiros e parceiras da comunidade escolar, com o grupo de pesquisa, com meu Virgílio, o mestre Beto de Carvalho. O purgatório tem também nove patamares: o antipurgatório, o purgatório que se refere aos sete pecados capitais e o paraíso terrestre. Aqui ele pergunta sobre a origem das coisas, vai falar de amor, do livre arbítrio, da alma... Questionamentos profundos que no inferno não se via. É no purgatório que leva a gente a buscar e a pensar nas coisas

E quem está junto de Dante no caminhar dos mundos é o mestre Virgílio (70 a. C. - 19 a. C.) poeta italiano, autor da epopeia patriótica de Eneida constitui uma idealização das virtudes que legitima e ilustra a cultura romana da época. Virgílio é uma grande inspiração para Dante tanto como história, como poeta e símbolo da razão e é por isso, uma das figuras centrais da Divina Comédia. O mestre representa a razão, a ética, à virtude. Pilares tão importantes para a passagem dos três mundos de Dante.

Virgílio é o mestre, o guia que conduz. Dante por sua vez o discípulo que inicia sua jornada temeroso e ignorante, frágil física, espiritual e moralmente, onde Virgílio precisa carrega-lo desmaiado várias vezes, para que assim ele possa chegar no final da sua jornada. E não é isso que os mestres fazem? Orienta seus discípulos para o caminho do conhecimento para que possam ter condições de pensar sozinhos?

Nessa jornada entre discípulo e mestre há uma relação de altos e baixos tanto de reciprocidade do conhecimento, como dúvidas, incertezas e também o de tecer críticas. Essas relações, como nos mostra “A divina comédia” se alterna em estados de deslumbramento com o seu mestre e de decepção ao descobrir as fragilidades e as

deficiências do ensinador. E assim é o percurso da pesquisa e das relações que estabelecemos nesse processo, onde tudo contribui para que se possa caminhar sozinha, mas a vida continua e mesmo chegando ao final de uma etapa teremos outras e outras...

Mas é sempre o mestre aquele que nos guia e ampara é quem faz compreender as etapas de evolução da vida! Nosso orientador - Beto - que sempre está lá quando precisamos para nos colocar no caminho do pensar, para esclarecer ou por dúvidas, tecer críticas.

2.1 - Mas o que é mestre?

No dicionário diz que mestre é pessoa de grande saber. Em nosso caso particular talvez tal termo não se aplique ainda. No enquanto ainda não, o que almejamos não é tão somente o título mestre, mas a nós mesmo a partir de uma força interior que nos impele a realizar algo, a realizar a mim mesma a me aperfeiçoar como pessoa.

A professora é antes de tudo pessoa. Quando digo que sou uma pessoa digo que sou um ser humano que pertence à espécie humana. Como os demais seres sou uma criatura, um indivíduo responsável ao qual se atribuem deveres e direitos. O indivíduo responsável é responsável por si mesmo, ele é o projeto de sua libertação, entendi isso na leitura de Paulo Freire, na “Pedagogia do oprimido”.

Enquanto classe gramatical o termo “Pessoa” delimita a dinâmica dos discursos verbais. Determina quem fala (um Eu) com quem se fala (um Tu), e sobre o que se fala (um Ele). A pessoa gramatical tem a ver com diálogo entre três pessoas distintas: Eu, Tu, Ele. Fala-se a alguém a respeito de algo, de um alguém sobre um Ele ou um isto, tema ou assunto sobre o qual se fala. O assunto que está entre as três pessoas do discurso é sempre o mundo. Aqui o assunto é educação infantil e o papel da professora articuladora.

Nesta dissertação falo a respeito da professora articuladora, falo de um ele que no fundo sou eu mesma em mim mesma. Falo a partir das minhas experiências em uma unidade de educação infantil. Escrevo a partir da experiência do vivido em que o apreendido-aprendido resulta do aprender a viver mesmo, pois viver é que é o aprender mesmo, não tem receita. Nesses entrelaçamentos de discursos teóricos e práticos de tantos começos e fins inacabados não dá para saber quando essa coisa começou... Que coisa? A de querer saber “o que é ser uma professora articuladora”.

A partir daí, dessa pergunta inicial, de inúmeros fios que fui fiando-desfiando ao mesmo tempo tecendo-destecendo, como Penélope, redes, teias semânticas, significados. Foi no aí do cotidiano que acabei por compreender que uma pesquisa não é precisa e a vida menos ainda. Daí o subtítulo da dissertação “conheça a ti mesma”. Precisava urgentemente saber uma porção de coisas antes que pudesse me qualificar como mestre, defendendo uma dissertação.

Precisava saber o que é ser um mestre ou mestra. Fui mas uma vez ao dicionário: “Mestre” é uma pessoa, um perito, alguém versado em qualquer ciência ou arte como, por exemplo: mestre em pedagogia, pessoa versado nas artes de educar, como Comenius, Paulo Freire, Darci Ribeiro; Mestre da música, como Mahler, Verdi, Villa-Lobos, Bellini, Mozart, Offenbach, Schubert e Schumann; Mestres da poesia como Virgílio, Homero, Rilke, Drummond, Cecilia, Camões, João Cabral de Melo Neto e Parmênides; Mestres da literatura, como Machado, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Saramago, Goethe, Vitor Hugo, Cervantes. Tem mestre de tudo quanto é arte e jeito de fazer, ver pensar. Tem mestre marceneiro, pintor, poeta, ferreiro, cozinheiro, costureira. Mestre, não importa o que faça ou que seja, tem a ver com o bem feito, com justo, com o perfeito, aquele que possui certa excelência. Tem a ver com a virtude, com os valores.

O mestre é um sábio, é o construtor de si para si na imanência-transcendente no mundo e com o mundo. É sábio aquele que não sabe, mas antes, aquele que toma consciência de sua própria ignorância. Paulo Freire é um Mestre, um sábio que como Sócrates não se jacta de si, sequer ensina, antes aprende. Ninguém ensina ninguém, se aprende juntos no diálogo fraterno, amoroso. Tanto Sócrates como Freire os mestres não são sábios, são doutos ignorantes que ignoram o saber, mas não ignoram a si próprios, sabem que não sabem por isso se autoexaminam dialeticamente, dialogicamente vivem em estado de aporias, sem respostas definitivas.

O tempo é um grande mestre, a gente aprende com o tempo. Aprende no desempenho no fazer-desfazer no que fazer dos afazeres. Na marinha é chamado de mestre o comandante de uma pequena embarcação, é um oficial experiente de um navio que orienta o trabalho da tripulação, a figura do mestre marinheiro é um belo exemplo sobre o que seja uma pessoa articuladora: aquela cuja função é a de orientar os tripulantes.

No dicionário também está escrito que mestre é chefe. Aquele que dá início. É o iniciador de um movimento cultural, científico, artístico, religioso, político. Enfim é uma Pessoa que governa, comanda, dirige algo ou alguma instituição civil, militar,

religiosa. O Papa é chefe espiritual da Igreja Católica. Já o bispo Macedo é o chefe espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus. Chefes nem sempre são sábios, mas estão por toda parte. Nas igrejas, nos centros espíritas, nas escolas, nas famílias... São inúmeros.

Não tem a ver com saber, mas com o poder. Chefe é pessoa que detém o poder, cumpre um papel social de comando. O pai e a mãe são os chefes das Famílias; a professora, chefe daqueles que ela educa-ensina. Em uma escola para bem funcionar tem que ter sábios e chefes para tudo quanto é lado: chefe da secretária, chefe dos serviços gerais, chefe do ensino, chefe da cozinha, chefe da limpeza e da secretaria... Em uma escola toda, indistintamente, são os chefes da educação, são, portanto, responsáveis por. São autoridades, exemplos. Têm autoridade para educar. Educar é papel dos adultos.

“Preparar” uma criança para o mundo exige autoridade e respeito à tradição. Autoridade para dizer a criança como é o mundo na tradição é fazer com que a criança respeite a condição do mundo. Ir ao encontro da tradição não quer dizer que ela não possa transformar o mundo, pelo contrário, para que ela possa transformá-lo precisa antes de tudo entender como o mundo é. Compreender o mundo não significa concordar com o mundo. Essa coisa comecei a compreender no livro de Hannah Arendt. Qual é a autoridade do pedagogo? De onde provem essa autoridade? Onde ela se funda? Que é autoridade? São perguntas a elucidar... *Só sei que nada sei*⁸. Para Hannah - é assim que gosto de chamá-la - o autoritarismo é a deturpação da autoridade. Tudo que uma educadora não pode ser é autoritária, todavia não pode a abrir mão de sua autoridade. Distinguir a ideia de autoridade e autoritarismo é importante para educação dos pequenos e também dos pedagogos. As crianças são educadas nas práticas cotidianas e na relação com adultos e outras crianças, a criança é real, se educa na realidade em que vive...

2.2 - Comenius, um mestre da educação!

O pai da didática moderna, escrita antes do grande livro de Roseau sobre a educação da criança, leituras necessárias a todas as pessoas dedicadas a educação. Ler a Didática Magna de Comenius e o Emilio, de Rousseau é mais que ler dois clássicos da

⁸ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

educação. Significa antes compreender a pedagogia, tomar consciência da presença de outros indivíduos, que todos os dias chegam ao mundo.

A proa e a popa da nossa Didática será investigar e descobrir o método segundo o qual os ensinam menos e os estudantes aprendam mais; nas escolas, haja menos barulho, menos enfado, menos trabalho inútil, e, ao contrário, haja mais recolhimento, mais atrativo e mais sólido progresso; na Cristandade, haja menos trevas, menos confusão, menos dissídios, e mais luz, mais ordem, mais paz e mais tranquilidade.

Termino esse texto agradecendo aos mestres que encontramos pela vida que caminham conosco numa jornada para o céu. Mas, o céu não é o limite. O pesquisador e o seu mestre se arriscam e se deparam com o método, bem no labirinto do Minotauro.

E disse o mestre Sordello para o mestre Virgílio:

Lugar não há, que almas habitem
Aqui; na direção vou, que me agrada;
Guiarei quanto os passos me permitem.⁹

⁹ ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**: Purgatório. Traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. Jandira, SP: Principis, 2020. (Canto VII, p. 49)

CAPÍTULO III – INFÂNCIAS E BRINCADEIRAS

A criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

(Brasil)

3 Minha Infância

No dia 8 de abril de 1981 no hospital em Itaguaí, nasci filha dos Milioli. Protestantes. A mãe, Conceição Aparecida, era cabeleireira e o pai, José Armando, funcionário público contratado pelo Departamento de Estradas e Rodovias. Ganhavam pouco, mas era com esse pouco que sustentavam a família. Quando eu tinha 8 anos, meu pai morreu. Acidente de automóvel. Uma tragédia! Na época Junior tinha menos de um ano. Não se lembra de nada. O que ele sabe é de ouvido, das histórias contadas sobre o pai. O pai que sabe Junior é o falado no pé dos ouvidos. É o pai das memórias do vivido por outras pessoas e nos álbuns da família. O Pai que Junior conhece é o das imagens do lembrado por outros.

Eu conheci o pai de carne e osso, só descobri que ele tinha espírito depois que ele morreu. Diziam para mim “ele foi morar no céu” e dava de imaginar o céu... Cheio coisas bonitas. O céu era azul e branco mobiliado de nuvens e anjinhos segurando cortinas de estrelinhas. Tenho memórias vivas, táteis, olfativas, beijinhos na face, afagos nos cabelos, cosquinhas na barriguinha...

Conheço o pai de corpo e alma, comíamos pipocas, doces e balas. Às vezes escondidos, antes do almoço. Erámos cúmplices, às vezes ele era meu cavalinho, depois virava príncipe, sapo, maestro, dançarino, palhaço virando cambalhotas, feito bobo, no tapete da sala. Adorava quando brincávamos de casinha. A casa-tenda era feita por ele com um lençol rosa e de brincadeiras fazíamos comida de mentirinha enquanto minha mãe fazia a comida de verdade, saudável. Cuidando do que a criança tem que comer, mas que, às vezes não aprecia muito, mas necessário. Aprendi a comer de tudo, a experimentar gostos e sabores diversos... O almoço que minha mãe fazia era gostoso,

nutritivo. “Minha mãe cozinhava exatamente: Arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas. Mas cantava.” (Adélia Prado)¹⁰.

O segredo da comida é o tempero, a boa cozinheira tem temperança, paciência e serenidade para encontrar o justo, o ponto certo do cozer e harmonizar com os sabores, os cheiros, as cores, o sal, a cebola, o alho, a pimenta malagueta e do reino. A mesa era farta e a hora da comida uma festança. *Mangia che te fa bene!*. Mas o nosso, o de brincadeira, o feito de terra e plantinhas do quintal era mais gostoso, mais cheio de bolos e sorvetes de creme e de chocolate, cheio de guloseimas que não engordava, era de imaginação, a imaginação deixa tudo mais light.

A imaginação não emagrece nem engorda ela cresce sem fingimento, sem meias verdades é o que é sem nenhuma regra, passamos de uma para outra sem nos importar se aquela acabou ou não. A imaginação para Vygotsky¹¹ tem relação direta com a riqueza e variedade das experiências, pois a experiência é o principal material para se construir a fantasia, então quanto mais ricas forem suas vivências e interações com o mundo, mais potentes serão suas possibilidades criadoras. Muda-se de brincadeira, mas não do brincar. A essência é o brincar. E pode-se brincar de tudo. Imagina-se e pronto, um pente, uma escova de cabelo vira jacaré, vira teatro de boneco, transforma meninos e meninas em príncipes e princesa. Brincar não precisa nada caro. Modelos, arquétipos de justiça, bondade e beleza. “Todo menino é um Rei” toda menina é Rainha. Daí importância dos contos de fada.

Mas entre brincadeiras com o papai e a comida da mamãe, 1989 foi ano de ano de tristeza. Alegria de chegada e a tristeza da partida. A causa da alegria e da tristeza tinha um nome só: Jose Armando. Dois homens e um nome, fato comum sem mistério: é costume se dá o nome para o primeiro filho homem. Todavia os Josés Armandos que se amavam tanto não duram muito tempo juntos, onze meses apenas...

Eu me recordo... Vi-os muitas vezes juntos ora na beira do berço e ora no colo. Vi um moço com seu herdeiro no colo dando mamadeira, preparando, trocando fraldas dando comida para filha mais velha, a sua primeira alegria. Vi meu pai fazendo coisas que, dizem por aí que muitos homens não fazem, mas deveriam fazer, mas que o machismo tem atrapalhado a educação dos meninos e meninas. O machismo, o racismo,

¹⁰ PRADO, A. Poesia reunida. São Paulo: Siciliano, 1991.

¹¹ VYGOTSKY LS. **A formação social da mente**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

a homofobia prejudicam a sociedade. Prejudica todo mundo. A educação infantil não compactua com isso... Que é de pequeno que se torce o pepino.

Educação: do latim *educare, educere*... Significa literalmente “conduzir para fora” ou “direcionar para fora” as virtudes favoráveis à vida boa de todos os humanos, de todos os seres tomando consciência do todo vital: do céu, da terra, das águas, das plantas e de todas as famílias que vem perdendo seus entes para a COVID-19, eu como professora e professora articuladora presenciei dois casos que ainda relatarei.

Amava e ainda amo muito meu pai. Ele era o meu herói, o meu Príncipe Encantado que virou estrela e “foi morar lá no céu”, - essas coisas que os adultos dizem para consolar as crianças. Consolam, mas não matam as saudades que a gente sente quando se perde uma pessoa amada. A criança se sente desamparada, triste, abandonada, com raiva. A causa é a falta, um buraco sem fundo sem chão sem céu... Cheia de saudade, mil vezes maior que eu. Brincava de ouvir os passos de meu pai a se aproximar. Encantada me perguntava: como se faz para virar uma estrela? Para onde se vai quando a gente morre? Porque meu pai morreu? Ainda, não sei a resposta. A vida e a morte são mistério para mim.

Apesar do luto, a minha mãe viúva e sozinha cuidou de nós com zelo, amor e carinho. Ela não achou nada heroico, nisso. Para ela, apesar dos apertos e aperreios, era obrigação dos adultos cuidar dos filhos. Cuidar das crianças era um ato responsável e amoroso de que toda criança precisa para crescer feliz. Tivemos, sim, uma infância feliz com o necessário que tínhamos por direito: casa, comida, brinquedos, estudos, brincadeiras, festas, passeios, bolo de aniversário com bolas de gás enfeitado a sala. A ajuda material e afetiva dos nossos avôs paternos e maternos também foi muito importante.

Lembro-me do quintal dos meus avós paternos... Era cheio de bichos, de árvores frutíferas e também de crianças, netos e netas. Família grande, oito filhos. Vovô Armando sempre sério e controlador. E vovó Irla, tinha coração de vó mesmo, "Dadá me dá uma cadeira pra sentar", dizia ela toda vez que queria caçoar de mim, através de um sorriso maroto. Abraço apertado, cheiro de canela na casa, comida de vó com pedaço de amor.

Neste quintal também morava a bisa Maria (filha de negro e indígena), mãe da minha avó Irla. Que antes de abraçar a fé cristã era zeladora de um centro de religião de matriz africana, fato que a família procura apagar. Com as estórias de Bisavó Maria que

bordava tapetes, rodeada de crianças debaixo do pé de jambo aprendemos as suas histórias de vida. Contos e causos de assombração.

Minha bisa era uma exímia *griot*. Ficávamos horas ouvindo suas histórias debaixo do exuberante pé de jambo. Uma delas é a história de vida da sua mãe que "foi pega no laço". Lembro vagarosamente de ela contar essa história com certa poesia. A índia no meio da floresta sendo laçada pelo homem no seu cavalo branco. Mas o que me faz pensar escrevendo essa história é a naturalização de uma cena de sequestro e de estupro. Uma herança violenta, onde os povos originários tiveram sua cultura e suas vidas subjugadas. Principalmente a mulher indígena que era obrigada a se casar e procriar com o colonizador.

A partir da árvore genealógica da minha tataravó indígena também me pus a observar o processo de miscigenação e embranquecimento na família. Tataravó indígena. Bisa Maria negra e indígena casada com um italiano os Miliolis. Minha avó Irla casada com um descendente de português, meu avô Amando, os Ferreiras. A maioria das famílias tem essas histórias de lutas e silenciamento que é feito e refeito o povo brasileiro.

Outra história contada pela bisa Maria é um caso de assombração que acontecia na família com meu tio Zemá ou Josemar... Onde o sétimo filho homem que nasce em uma família torna-se lobisomem. A transformação, segundo bisa Maria, acontecia nas noites de lua cheia de quinta-feira para sexta-feira. Bisa Maria sempre falou para tomar cuidado com o tio, nessas noites de lua cheia, sempre insinuava que ele precisava ficar em casa, preso em seu quarto.

Recorri à família Milioli para fortalecer a memória, mas o que fica do quintal dos meus avós Irla e Armando é de casa cheia com meus tios e primos. Herança de uma memória viva de meus ancestrais.

A família da minha mãe é pequena, composta por meus avós e dois filhos. Lembro-me da vovó Sebastiana matar porco para a ceia de natal. Ela limpava, mas quem cozinhava era sempre o vovô. Meu avô Vino, adorava cozinhar, lembro-me da rosquinha que fazia... Cheiro de infância é assim: farinha de trigo espalhada na cozinha, minhoca agarrada no dedo, o doce do açúcar e da canela, com o banquinho junto a pia e meu vovô do lado. Vovó Nenza, como carinhosamente a chamamos, sempre foi uma costureira de mão cheia e trabalhou em grandes fábricas de roupas.

A casa sempre estava cheia nos fins de semana que eram animados pelas jogatinas do vô Waldevino, um *bon-vivant* se posso dizer assim. Caricato com seu

chapéu tipo Panamá, blusa de viscosa estampada, bermuda e tênis, cordão, pulseiras e anéis de ouro ou prata e um perfume que ia longe. Nunca estava sozinho, sempre com meu pai e meu tio Elmo (irmão da minha mãe) a tira colo, todos amantes dos prazeres da vida, porém isso me revela não só uma cumplicidade, entendida aqui como um machismo estrutural e cultural entre homens. Como também as infidelidades que assombravam suas mulheres. Estes são casos que só fiquei sabendo mais velha.

Outra coisa que atravessa a minha infância e adolescência são as grandes mudanças educacionais. No jardim de infância, nome que se dava a educação pré-escolar era ministrado por escolas privadas, creches comunitárias e instituições religiosas sem qualquer fiscalização do Estado ou do município. Não havia uma política pública para infância. Esta só veio existir nas lutas pela educação infantil na década de 70 e 80 que visava educação como um direito de todos e dever Estado. Estas lutas como sabemos repercutiram na Constituição de 1988, onde a educação infantil de 0 a 6 anos é definida como a primeira etapa da educação básica conforme disposto no artigo 211, § 2º, em que os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na Educação Infantil.

Saí do Jardim de Infância por volta dos 6 anos e fui para a primeira série. Não lembro se fui para a Classe de Alfabetização, pois nesta época se a pessoa sabia ler e escrever, já era considerada alfabetizada. Sendo comum a criança que já tinha sido alfabetizada na educação infantil pular a Classe de Alfabetização. Hoje temos uma grande discussão em torno do analfabeto funcional, onde não basta apenas decodificar os códigos. Alfabetização é a técnica e domínio da leitura e da escrita em diferentes contextos e instrumentos sociais.

E foi bem no início da alfabetização que o meu pai morreu o que fez com que eu repetisse a 2ª série primária. Foi um ano difícil para a nossa família, principalmente para a minha mãe que ficara totalmente responsável tanto financeiramente e emocionalmente por duas crianças. Tivemos a ajuda dos meus avós paternos e maternos nesse caminhar.

Os anos se passaram e cheguei ao segundo grau, aonde as reformas educacionais vieram com a promulgação da LDB de 1996. Estava no segundo grau técnico à noite, pois precisei trabalhar para pagar os meus estudos. Nesse interim veio à mudança de nomenclatura com a LDB de 1996 que incluía a educação infantil como a primeira etapa da educação básica e as trocas de nomenclaturas, inclusive do segundo grau, para ensino médio. Então, a Educação básica foi dividida em três níveis: educação infantil, ensino fundamental (I e II) e ensino médio (normal e técnico). E educação superior. Tendo os

seguintes tipos de modalidades: educação especial, educação profissional e tecnológica, educação de jovens e adultos, educação indígena, educação à distância.

Com a Constituição de 1988 e a LDB de 1996 muitas mudanças ocorreram na Educação Infantil, principalmente o que concerne o seu currículo e o espaço físico da instituição. Mesmo que ainda muitas vezes se nade contra a maré para que essa mudança se concretize, estamos ali na, para e com as crianças e para deixar que elas sejam no mundo.

3.1 - Crianças e Infâncias...

A palavra criança significa ser humano na fase da infância, aquele que vai do nascimento a puberdade. É infância período do desenvolvimento do ser humano, que vai do nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia. “Infância” etimologicamente vem do latim *in-fans*, que significa sem linguagem. Sugere dizer que na filosofia ocidental, a criança não possuía pensamento, conhecimento e nem raciocínio. Ou seja, a criança como a tábula rasa, que precisa ser regada, educada, adestrada e moralizada.

As primeiras noções do conhecimento ocidental¹² têm suas origens nas sociedades antigas, onde suas vivências se integravam à magia, ao trabalho e à vida, advindas da percepção sensorial da natureza. Foi somente no século VII e I a.C. que se deu o desenvolvimento científico-filosófico a tentativa de explicar racionalmente o mundo. O primeiro pensamento grego sobre o conhecimento se deu em cima do desdobramento cognitivo que ultrapassasse um caráter mítico religioso, que excedesse as perspectivas dos mitos, dos sentidos e da opinião.

Heráclito¹³ foi um dos pensadores pré-socráticos a refletir o movimento. Considerado o “pai da dialética”, cunhou a frase *não nos banhamos duas vezes no mesmo rio*. Tudo que é fixo é ilusão. Nos mesmos rios entramos e não entramos. Somos e não somos. O movimento constante para Heráclito é a marca principal da natureza, pois o mundo é um eterno devir, havendo sempre uma constante e inesperável mudança. O rio muda a todo instante, do mesmo modo que as pessoas mudam a cada segundo, por

¹² SOARES, Telmir de Souza. Sobre A Dimensão Epistemológica da Alma Em Platão. IN.: AUFKLÄRUN, **Revista de Filosofia**. V.1, N.2, Outubro de 2014.

¹³ HERÁCLITO. —Fragmentos de Heráclito de Efésio. In: **Os Pré-Socráticos**. Tradução De José Cavalcante De Souza Et Al (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1989.

isso uma mesma pessoa não pode entrar duas vezes no mesmo rio. Esse pensamento caberia à infância, pois toda criança é um rio, todos os dias ela é outra, todo dia aprende alguma coisa nova, aumenta seu vocabulário. Sempre na constante e inesperável mudança.

Já no cenário da filosofia grega clássica, teremos Parmênides, que negará a mudança, afirmando o que não for idêntico é excluído. Para o filósofo o ser é único, imutável e imóvel, sempre idêntico a si mesmo. Dividindo a realidade em duas categorias o que é e o que não é. Para o pensamento de Parmênides seria uma criança imutável, ou é isso ou aquilo. O que não cabe às várias peripécias infantis, pois num mesmo dia a criança pode ser o que ela quiser. Amanheceu príncipe e terminou o dia como super-herói. A criança não é estática e imóvel nunca!

Segundo Sócrates, para que o conhecimento fosse verdadeiro ele precisaria vir de dentro, ou seja, fazer o uso da razão. Assim, as pessoas poderiam pensar a sociedade a qual viviam, compreendendo que a essência do ser humano era a sua personalidade e a sua consciência.

Sócrates sabia da importância da formação da criança baseada na areté, conceito grego de excelência e virtude, através de noções da moral e da ética, voltada mais para práxis do indivíduo. Mas ainda tinha uma ausência do reconhecimento da criança como sendo produtora de opinião. Portanto, ele via o indivíduo-criança a partir da participação da práxis por via da experiência e vivência, e isso poderia ser concretizado a partir das falas de crianças encorajadas do dizer autêntico, como indivíduos livres em praças públicas, podendo assim, ensaiar o seu lugar público. No entanto, Sócrates tinha uma estética infantil, que ao mesmo tempo via a racionalidade infantil, noutra as crianças ainda eram indiferentes às questões de normatização social e política.

Para Platão, o mundo é dual. O mundo das ideias (inteligível) a pessoa traz consigo desde o nascimento, o que diz respeito à alma, o que é inato. E o mundo concreto e sensível, onde o ser humano busca o mundo a partir dos sentidos ou do material. Para Platão, alcançar o conhecimento precisa mudar o sensível ao inteligível, seria despertar o conhecimento esquecido. A alma se desprende das aparências para se abrir a novos conhecimentos e isso só é possível pela dialética. O diálogo propicia a busca da verdade e ao consenso.

O filósofo busca o cuidado da alma e a importância do ensino da ética, principalmente a partir do diálogo entre o eu e o mundo. Ele acredita que as crianças poderiam ser facilmente moldadas, sendo assim convertidas em adultos, a partir de uma

educação que produza alguma coisa que já existe e está latente e que precisa da ajuda de outra pessoa para poder despertá-la, direcionando-a ao caminho certo. Como elas podem ser influenciadas de forma negativa, o papel da educação é direcionar o comportamento da criança, pois elas serão os futuros guardiões da Polis.

Aristóteles¹⁴, discípulo e crítico de Platão, discordava do seu dualismo. Portanto que elaborou outro ponto de partida entre matéria o que é particular, a essência e forma o que determina a matéria e lhe propicia uma universalização, ou um senso comum. Forma e matéria também se constituem entre ato e potência, pensamento que trago para discutir como um fenômeno que acontece na educação, onde ato é como o educando é e potência seriam as possibilidades desse educando de vir a ser.

Outra questão que rege esta escrita é a ética, que para Aristóteles presume como o estudo da virtude. A ideia é nos tornarmos homens bons, através de ações e pensamentos do bem-humano. Esse bem é a felicidade; e a *felicidade consiste na atividade da alma de acordo com a virtude*¹⁵. Para o filósofo as virtudes éticas não são apenas ações racionais, como as virtudes intelectuais, mas implicam também sentimentos e afetos que devem ser conduzidos pela razão e nem somente serem resolvidos por ela. Uma de suas teorias é que o ser humano feliz e justo está à procura do meio-termo, da prudência e da moderação.

Aristóteles traz um método que corrobora com a educação infantil que é o método peripatético, seu significado é ambulante ou itinerante, que consiste em “aprender caminhando” pelos ambientes, tendo experiências empíricas, com o intuito de explorar, observar, comparar e perceber diferentes espaços e o mundo a sua volta e instigando o pensamento e a reflexão. Tinha como finalidade conduzir o homem (entendido por Aristóteles homem como questão do gênero masculino) a felicidade, ideias de conceitos úteis e práticos da vida cotidiana. No “aprender caminhando”.

A ideia das escritas acima é para pensar o surgimento do conhecimento na Grécia antiga. Mas então como os gregos viam a educação das crianças? Foi com o pensamento platônico e aristotélico que surgiu o modelo de Paideia¹⁶. Que tem como significado inicial a “criação das crianças ou dos meninos” um termo utilizado para a educação na sociedade grega clássica, que tinha a intenção da formação geral e instruir

¹⁴ ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

¹⁵ ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/%C3%89tica-a-Nic%C3%B4maco.pdf>. Acesso em: Jun de 2020.

¹⁶ ARENILLA, L. et al. (Org.). **Dicionário de pedagogia**. Lisboa: Piaget, 2001.

o homem e o homem como um cidadão, no qual ainda temos resquícios dessa educação. A educação para eles não era meramente para a técnica, mas visavam à ética e disciplinas gerais como: ginástica, gramática, retórica, música, matemática, geografia, história natural e filosofia. As crianças eram tratadas como adulto e o método utilizado era baseado na memorização e a uso de castigos físicos.

Vale lembrar que esta educação era para homens livres. Sendo assim ficavam de fora escravos, estrangeiros, mulheres e crianças. Até os 7 anos as crianças eram educadas pela família, mais especificamente a mãe e as mulheres da casa. Após os 7 anos, as meninas eram educadas para os trabalhos domésticos e a música. Os meninos entre 7 e 14 anos eram instruídos a ter práticas de ginástica e música, mas não era uma obrigatoriedade. No final do século V a.C. que surgiu os *grammatistés*, professores que ensinavam as crianças as regras das gramáticas, a ler e a escrever. Estes professores, também chamados de pedagogos, eram contratados pelas famílias, ou seja, apenas aqueles que tinham condições financeiras.

O interessante ao pesquisar a educação na Grécia antiga foi em descobrir que o pedagogo era um escravo que acompanhava a criança a escola. Eles eram submissos às crianças, mas o mesmo deveria ter autoridade no trato com elas. Pode-se dizer que a Grécia é considerada o lugar de origem da Pedagogia. Onde surgiram as primeiras ações pedagógicas que influenciam até hoje a educação das culturas ocidentais, atrelando o pedagogo à formação das crianças.

Por volta dos 16 anos, os rapazes ficavam livre de seus pedagogos e interrompiam seus estudos literários e musicais. Ao entrar para o ginásio continuavam seus aprimoramentos da harmonia do corpo e do espírito. Após as aulas de educação física, andavam nos jardins conversando com os mais velhos e com eles aprendiam a sabedoria da arte de discutir as ideias. Eles se tornavam cidadãos, depois dos 20 anos, onde ainda tinham mais dois anos de preparação no serviço militar.

É possível perceber que concepções das práticas infantis, concepções de professor e concepções de criança vem sendo modificadas ao longo dos séculos. Hoje se percebe conquistas da própria educação infantil, uma educação para todas as crianças percebidas como sujeitos históricos e do seu tempo.

Repare nos significados dicionareístico das palavras, que, com certeza, nós dá um posicionamento mais técnico, não necessariamente mais claro, pois quando vivenciadas essas palavras extrapolam os significados do dicionário. O poeta Manuel de Barros percebe no processo de sua “crianceira” um ser inventivo, inquieto e

transgressor. Onde com *certeza, a liberdade e a poesia se é aprendida na e com as crianças*.¹⁷ A poesia para Manuel é o primeiro caminho da infância, rodeado de fantasias e livre de amarras e conceitos, onde a criança é criança e deixar que ela seja... que brinca de inventar as palavras, “no reino das despavras”.

Deixar que a criança seja ela mesma, *um sujeito histórico e de direitos*¹⁸. Onde nas interações com seus pares e relação com o mundo que constitui sua identidade pessoal e coletiva. Deixar ser um sujeito que brinca, imagina, cria poesias, inventam palavras, fantasia coisas inimagináveis, observa e experiência o mundo e as coisas, relata seus medos e prazeres, um ser que questiona e constrói seus conhecimentos sobre ser e estar na sociedade, produzindo cultura.

Mostrar a criança o mundo é ter a responsabilidade em propiciar a arte, a vida e conhecimento, *devo responder com a minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos*¹⁹. Esse deveria ser a responsabilidade de todo educador entender que a criança está sendo no mundo e que é nosso dever apresenta-la em diversas linguagens de como o mundo é.

Uma das maneiras de mostrar o mundo para a criança pequena é fazê-la através do sensível. Para Aristóteles a razão é o principal elemento do conhecimento humano, mas é através dos sentidos (das experiências e do sensorial) que os fenômenos são processados pela razão. É essa experiência que leva a criança e também a nós adultos a conhecer e a entender o mundo que nos rodeia.

A criança é os sentidos, *sentimentos e afetos seus pensamentos são todas sensações. Penso com os olhos e com os ouvidos*²⁰. *E com as mãos e os pés. E com o nariz e a boca. Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la. E comer um fruto é saber-lhe o sentido*. A criança vive no reino das sensibilidades e das invencionices. Onde o meu papel como adulto é fazer que ela dentro desse reino desperte suas potencialidades. Para o filósofo Aristóteles ato e potência²¹ são inerentes ao ser. Ato é a forma assumida de um ser num determinado momento, aquilo que já é; e potência são as possibilidades e

¹⁷ BARROS, Manoel de. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávvia Dumont sobre desenhos de Demóstenes. Exercícios de ser criança. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

¹⁸ BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Parecer CNE/CEB Nº. 20/2009 e Resolução CNE/CEB Nº. 05/2009, Brasília/DF, 2010 (p. 12).

¹⁹ BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 6ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

²⁰ Pessoa, Fernando (1986). **O manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro**. Edição fac-similada. Apresentação e texto crítico de Ivo Castro. Lisboa: D. Quixote, 1986.

²¹ ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

transformações do ser, aquilo que ainda não é, mas pode vir a ser, o que as crianças podem chegar enquanto potências.

Um bom exemplo nesse processo de vir a ser são os bebês dentro do espaço de educação infantil. A faixa etária de crianças a partir de 1 ano, é só corpo, afetos, sentimentos e sensações, suas aprendizagens estão em constantes transformações. Chegando a esse espaço ela sai do ceio familiar, interage com seus pares, se comunicam com suas línguas próprias, aprendem novas palavras, começam a se alimentar sozinha, tem o momento do desfralde e assim vai construindo sua autonomia, essa seria umas das potencialidades do berçário, reconhecer o espaço, a si e os outros.

A infância é vista de várias maneiras ao longo da história. Para Philippe Ariès²² até a Idade Média, por volta do século XV ainda não tinha um conceito de infância, o indivíduo até os 7 anos era caracterizado por um comportamento infantilizado. A criança se socializava a partir do cotidiano e afazeres dos adultos. E a educação era de certa forma autoritária voltada para a moral e aprimoramento intelectual. Com o passar do tempo, a criança foi vista com graciosidade e começaram a tratar com “paparicação”. Passou-se a dar mais atenção às crianças, a brincar, a contar histórias, a se distrair com elas.

Foi a partir do século XVII que os moralistas e educadores começaram a pensar em separar as crianças do convívio adulto, o que gerou nas concepções de infâncias do século XX. Surgindo assim uma preocupação da moral e religioso, interesse na psicologia infantil e em técnicas educativas. Vale ressaltar que essa educação ainda era para poucos e as meninas apenas para os afazeres do lar.

As formações dos colégios surgiram no fim da Idade Média, mas ainda vinculado às instituições religiosas. Foi a partir do século XVIII que os liceus e colégios foram responsáveis pelo ensino secundário, mas ainda voltado à burguesia e ensino primário para o povo. Não havia uma formação voltada para a educação da infância já que as crianças eram alvos das transações sociais da época, indo trabalhar nas indústrias. E a classe burguesa tinha um tratamento escolar diferenciado.

Foi com Friedrich Froebel²³, pedagogo e precursor dos jardins de infâncias, que a educação, para crianças de menos de 6 anos, começou a ser pensada para os pequenos. Esta educação era vista como uma importante ferramenta para a sociedade capitalista,

²² ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

²³ AMUDE, A. M. e SILVA, G. B. **Os Jardins-de-infância – um estudo sobre a formação do ser humano a partir dos postulados de Friedrich Froebel**. IN.: *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.11, n.2, p.168-172, maio/ago. 2008.

com base numa filosofia cristã. A metodologia era empírica e intuitiva, baseada nos jogos e nas artes. O nome jardim de infância tem como entendimento como a planta que precisa ser cuidada e regada na medida certa. Froebel também se preocupou com a formação das mulheres nesses espaços, já que ele acreditava que elas tinham por natureza o dom e pré-requisitos necessários para serem jardineiras.

No Brasil, a educação para as crianças de 0 a 6 anos, surgiu a partir do século XX com o movimento Escola Nova²⁴, que trouxe outra perspectiva para as crianças pequenas. O contexto histórico no Brasil envolvia o estadista Getúlio Vargas e o movimento higienista, com o intuito de evitar a criminalidade e marginalização através da educação. Mas cabe destacar que os percussores do Manifesto dos Pioneiros tinham outras intenções para a educação infantil como abranger o sistema educacional, laico, de qualidade e de acesso à população.

O movimento escolanovista²⁵ teve pouca repercussão no Brasil, o que abrangeu apenas as classes mais privilegiadas. As creches até a década de 70 foram em sua maioria, atendidas por institutos filantrópicos ou religiosos com a ideia do cuidado, da higiene e da alimentação para as crianças pobres. Foi apenas com a constituição de 1988 que o Estado passou a intervir nas escolas infantis criando políticas públicas municipais, orientações pedagógicas, políticas de fiscalização e supervisão condizentes para a creche e pré-escola, estabelecendo direito específico às crianças de 0 a 6 anos de idade.

Hoje a infância é percebida conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil vem afirmar que *as crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio*,²⁶ e que no seu processo de construção do conhecimento, as crianças usufruem de diversas linguagens, construindo conceitos e hipóteses originais a partir de suas descobertas. Para Rainer Maria Rilke²⁷, Ser criança é:

Não saber que o mundo já é, e fazer um. Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto. Nada mais que possibilidade. Nada mais que desejos. E, de repente, ser realização, ser varão, ter Sol. Sem que se fale disso, involuntariamente. Nunca ter terminado. Nunca ter o sétimo dia. Nunca ver que tudo é bom. Insatisfação é juventude.

²⁴ KULHMANN JR. M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediações, 1998.

²⁵ KULHMANN JR. M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediações, 1998.

²⁶ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil**. v.1-3, Brasília: MEC/SEF, 1998 (p. 22).

²⁷ RILKE, Rainer Maria (1875-1926) - **Cartas do poeta sobre a vida: a sabedoria de Rilke / organização Ulrich Baer; tradução Milton Camargo Mota**. (Coleção Prosa). São Paulo: Martins 2007.

3.2 - Educação Infantil: Deixar que a criança seja ela mesma!

Educação é substantivo feminino que refere-se ao ato ou processo de educar-se; procedimentos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino, arte. O sentido da educação é muito mais amplo, porque está relacionado à arte de se desenvolver-se como um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia²⁸. Bem diferente do ensino - que abrange o ensino fundamental – substantivo masculino: transferência de conhecimento, instrução, métodos. Educação infantil é desenvolver a potência e o processo da criança de estar sendo no mundo no espaço-tempo²⁹.

A história da Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro surge com a promulgação da LDBEN 9394/96 onde os Municípios ficaram responsáveis em ofertar, planejar e atender crianças de 0 a 6 anos, incluindo assim a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica: Infantil, Fundamental e Médio. Como as creches conveniadas eram de responsabilidade da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS), houve um período de transição, sendo de total responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação SME a partir de 2003.

Em leituras encontrei que a composição técnico-administrativa das creches tinham a seguinte estrutura: 1 diretor, 1 professor regente articulador, recreador, cozinheiro ou merendeira, lactaristas ou merendeiras para as creches que possuem berçário, auxiliar de serviços gerais³⁰. Para as autoras Rochas e Vasconcellos, um dos maiores entraves nesse primeiro momento foi elaborar propostas pedagógicas para essa faixa etária, já que o documento que regia o Município era o Multieducação, e não contemplava a faixa etária dos pequenos.

Outro desafio que vinha com a implementação da Educação Infantil na Educação Básica, é que não tinha professor regente e sim os recreadores contratados,

²⁸ BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Parecer CNE/CEB Nº. 20/2009 e Resolução CNE/CEB Nº. 05/2009, Brasília/DF, 2010 (p. 12).

²⁹ ARENDT, H. **A Vida do Espírito**: O pensar, o querer, o julgar. 8ª Ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

³⁰ ROCHA, F. V. e VASCONCELLOS, V. M. R. **Trajatória das Creches Públicas do Rio**: da LDBEN 9394/96 à estrutura organizacional da SME/RJ. X Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste /Anpedinha. Rio de Janeiro: RJ, 2011. Disponível em: http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/trabalhos/PROPED_UERJ_008.589.137-12_trabalho.doc. Acesso em: 25 de nov. de 2018. (p. 6)

mediados pelo Professor ou professora Articuladora. Esta profissional que promovia as atividades pedagógicas com as crianças. Para amenizar essa demanda, a Prefeitura do Rio de Janeiro, criou o concurso auxiliar de creche que tinha apenas o Ensino Fundamental, onde estes passaram a compor o Quadro de Pessoal de Apoio à Educação em 2008, no entanto, este concurso não preencheu o quesito mínimo de escolaridade de Ensino Médio Normal, exigido pela LDBEN/96.

A partir de 2008, ocorreram mudanças, principalmente no que concerne à estruturação das creches municipais, propondo equiparação da equipe de direção, incluindo o Diretor Adjunto na equipe pedagógica. Em 2010, o Município do Rio de Janeiro cria o cargo de Professor e Professora de Educação Infantil, concurso que exigia o Ensino Médio na Modalidade Normal. Concurso no qual eu me tornei professora de educação infantil do Município do Rio de Janeiro.

É importante ressaltar as tentativas do Município em reparar o erro dos auxiliares de creches, já que estes não fazem parte do corpo educacional por não terem a formação mínima para que estejam no grupo de profissionais da educação. A primeira tentativa de acerto foi de fornecer formação de ensino médio normal para que assim eles pudessem receber um salário melhor, uma gratificação. Uma das formações foi o ProInfantil criado em 2005, um curso de ensino médio na modalidade normal, à distância, promovido pelo Ministério da Educação, destinado aos educadores em atividade que ainda não possuíam a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Mudou-se assim a sua nomenclatura de auxiliares para agentes de educação infantil. Essa formação permitiu apenas uma gratificação, ainda não faziam parte do corpo dos profissionais da educação. Suas lutas sempre foram baseadas na mudança de cargo para professor, mesmo tendo o ensino médio normal ou a faculdade em pedagogia. O concurso dos auxiliares de creche foi de ensino fundamental, totalmente inconstitucional já que para atender crianças de 0 a 3 anos, pela LDB já deveria se ter a obrigatoriedade do ensino médio na modalidade normal.

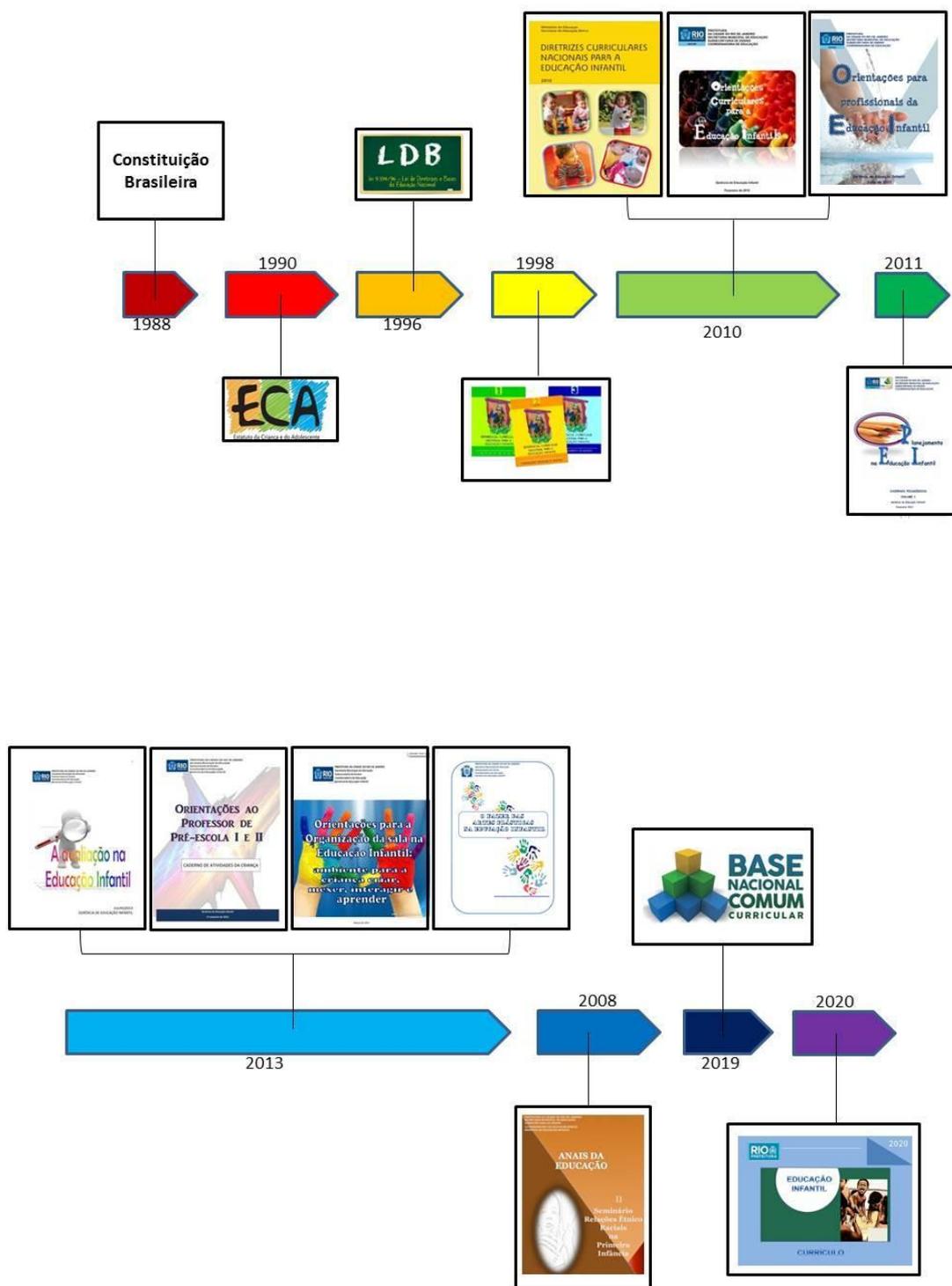
Essa luta dura até hoje, mas a maneira que o Município achou em equiparar esses profissionais foi realizando outro concurso em 2019 de Professor Adjunto de Educação Infantil (PAEI). Então, hoje o corpo da educação infantil do Município do Rio de Janeiro é composto pelos seguintes profissionais: Professores e professoras regentes de Educação Infantil (PEI), Agentes de Educação Infantil (AEI), Professores e professoras adjuntos de Educação Infantil (PAEI) e Agente de Apoio a Educação

Especial (AAEE), um grupo heterogêneo, com diferentes formações e concursos públicos.

Foi com a LDBEN de 1996 que a educação infantil tomou rumos mais pedagógicos e em elaboração de documentos que regiam a educação dos pequenos. A partir de 1996 temos as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil³¹, documentos oficiais do Município do Rio de Janeiro como orientações curriculares, orientações para os profissionais da educação, orientações para os professores de pré-escola, planejamento e avaliação na educação infantil.

³¹ BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Parecer CNE/CEB N°. 20/2009 e Resolução CNE/CEB N°. 05/2009, Brasília/DF, 2010.

Gráfico 1: Documentos Oficiais



Fonte: Montagem pessoal com fotos da internet

Com esses documentos pode-se pensar em práticas educativas mais condizentes para essa faixa etária, já que a educação infantil tinha um olhar assistencialista, um lugar onde as crianças ficavam para os pais irem trabalhar.

Entre conversas e encontros com o Beto e os profissionais da Unidade Escolar na qual trabalho, nossas reflexões sempre foram que a essência da Educação Infantil é a

CRIANÇA e a única observação nossa é deixar que ela seja, mas com intencionalidade. É pela criança que estamos ali! Se nada contra a maré o tempo inteiro, ainda mais quando um candidato político coloca em sua campanha a construção de mais creches. No senso comum a creche tem um histórico de ser um local para deixar crianças para os pais irem trabalhar. Um lugar seguro onde a criança será cuidada, alimentada e terá sua higiene básica realizada.

O Espaço de Desenvolvimento Infantil pode ser um lugar seguro, onde a criança será alimentada, e cuidada, mas também estará presente o seu desenvolvimento integral que consiste em orientar essa criança nos meios da cultura e da arte, das suas potencialidades no que pode vir a ser, nas interações com intencionalidade pedagógicas e entre seus pares para que ela possa ter um desenvolvimento pleno. Isso nada mais é do que Arte, Vida e conhecimento.

Este é um espaço que educa e não ensina, mas se aprende. Este é um espaço que deve “preparar” a criança para o mundo no e com o mundo³². Afinal o mundo é aqui antes da criança e permanecerá depois dela. Educar para o mundo é exigir autoridade e respeito pela tradição.

É importante lembrar que o Educar e o Cuidar andarão juntos nesse processo. Mas o principal objetivo sempre será a CRIANÇA os compromissos:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; E estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais³³ (p. 16, 2010).

Que os adultos precisam ter para com elas.

Espaço de educar é o espaço da criatividade, das brincadeiras culturais, do jogo da amarelinha...

³² ARENDT, Hannah. A Crise da Educação. In.: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

³³ BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Parecer CNE/CEB Nº. 20/2009 e Resolução CNE/CEB Nº. 05/2009, Brasília/DF, 2010 (p. 16).

3.3 - Espaço das brincadeiras

As professoras/res de Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro, estão alocadas/os nos Espaços de Desenvolvimento Infantil, que atende crianças de 6 meses a 5 anos e 11 meses de idade. Mas o que é esse espaço e o que diferencia de uma escola?

Espaço substantivo masculino, extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos existentes ou possíveis. Para o filósofo Kant espaço e tempo é um atributo do sujeito, definidos como intuição apriorística pura, aquilo que não depende da experiência. E subjetiva, que são percebidas pelos sujeitos em particular, encontrados no espírito humano, o que permite o ser elaborar o conhecimento acerca do mundo sensível. É a partir de princípios intrínsecos entre o intelecto (a razão) e as noções intuitivas apriorísticas serão necessárias para que as experiências no mundo dos fenômenos ocorram. Sendo assim, espaço e tempo são puros, universais e libertos da experiência, já que são eles que permitem que a própria experiência aconteça.

A palavra escola tem um significado bem vasto no nosso idioma. Substantivo feminino que remete a um estabelecimento público ou privado destinado a ensino coletivo; conjunto de professores, alunos e funcionários de uma escola; prédio em que a escola está estabelecida; sistema, doutrina ou tendência estilística ou de pensamento de pessoa ou grupo de pessoas que se notabilizou em algum ramo do saber ou da arte (e. de Wagner); conjunto de pessoas que segue um sistema de pensamento, uma doutrina, uma estética etc (e. platônica); conjunto de certos princípios técnicos e/ou estéticos seguido por artistas (e. clássica); conjunto de conhecimentos; saber; o que serve para transmitir conhecimento, experiência, instrução; experiência vivida; vivência; conjunto de seguidores, imitadores ou apreciadores.

E como poderíamos relacionar a noção de Kant e da criança pequena no espaço-tempo? Primeiramente a criança vê e sente o espaço-tempo de outra maneira, onde ela extrapola este espaço-tempo, pensando para além dele e num tempo que é só dela. Quando é dada uma folha A4, por exemplo, a criança tem um espaço-tempo delimitado ou ela fica concentrada nesse pedaço de papel, ou ela rabisca para além dele. Dê um chão para uma criança rabiscar e ela terá o mundo. Será através da intencionalidade do adulto que a criança, a partir do seu intelecto e das suas noções apriorísticas, irá permitir que a própria experiência aconteça.

Desenvolvimento, substantivo masculino, ação ou efeito de desenvolver (-se); desenvolvimento; crescimento, progresso, adiantamento. Infantil, relativo ou apropriado à infância, às crianças.

Ao refletir a palavra a partir do seu significado pode-se dizer que escola é um lugar de ensino sistematizado, doutrinas e técnicas, ao qual se transmite um conhecimento, mas ela é só isso?

A escola para Hannah Arendt ³⁴ é um espaço-tempo para a criação de sujeitos livres, autônomos que pensam. Que tem um bom pensamento. Um bom julgamento. Que possam ingressar futuramente no espaço público da melhor maneira possível, através das ações. Ação aqui para Arendt é colocar as coisas em movimento, ato de pensar, de criar, de externar-se para o mundo. Diferente de impor aos educandos uma ditadura pedagógica ou do conhecimento. O que importa é aprender a propor a dialogar, *porque aprender a viver é que é o viver mesmo*³⁵. É a partir do diálogo que os educadores irão propor valores e condutas éticas para as crianças. E será na interação com os adultos que eles irão entender e praticar essas ações. Portanto que uma das críticas da filósofa é que a educação tecnicista só busca eficiência, racionalidade e produtividade, onde o educando assimila conhecimentos técnicos. Sendo assim, a autora compreende a crise na educação como parte da crise da modernidade tecnicista.

Já o Espaço de Desenvolvimento Infantil é uma extensão sem limites com objetos possíveis que propicia a criança desenvolver e crescer de forma apropriada a infância.

Para a Secretaria Municipal de Educação carioca (SME) esse espaço é um ambiente físico e educativo, pensado e voltado para a primeira infância que atende crianças de creche e pré-escola, onde *a criança é reconhecida como um sujeito de direitos, com necessidades específicas e não mais como um adulto em miniatura*.³⁶ A construção dos Espaços de Desenvolvimento Infantil vem nos oferecer uma nova concepção de infância e do desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida das crianças. Sob as questões individuais físicos, sociais, emocionais e cognitivos; Familiar e social com relação entre seus pares e a cultura.

³⁴ ARENDT, Hannah. A Crise da Educação. *In.*: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

³⁵ ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001d.

³⁶ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI)**. Modelo conceitual e estrutura. Rio de Janeiro, Fev. 2010. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/sme/downloads/coordenadoriaEducacao/2viaEDI.pdf>. Acesso em 30 de março de 2021. (p. 2)

Essa estrutura deve acolher as famílias e suas diferentes configurações e demandas. E na infância de maneira que se tenham recursos para o desenvolvimento integral da criança, nas suas habilidades e potencialidades. Esse espaço pensa também uma organização estética do ambiente físico adequado para essa faixa etária, rico, organizado e estimulado que ocasione impactos do seu desenvolvimento, principalmente nos primeiros anos do ensino fundamental. Desenvolvendo suas habilidades e vivências sociais, aprendizagem que promova a curiosidade, a criatividade e interesse pelo mundo à sua volta.

Esse precisa ser pensado para além de suas habilidades e potencialidades é preciso sempre lembrar que a educação infantil é também um lugar de interações e brincadeiras, um arcabouço de sabedoria brincante. Para Kishimoto o brincar faz parte do dia-a-dia da criança, sendo sua principal ação, pois é neste momento que ela irá expressar seus sentimentos, tomar decisões, ter relação com seus pares e a sua individualidade, criar e recriar suas ideias através do corpo e dos sentidos.

Seja uma brincadeira dirigida ou não é preciso pensar que este espaço de educação infantil está ali na, para e com ela. Deixar que ela seja no mundo! Deixar que a criança jogue a pedra outra vez, outra vez e outra vez....

CAPÍTULO IV: O SENTIDO DA PESQUISA

A linguagem é a morada do ser.

(Martin Heidegger)

A obra de Dante permite refletir sobre nossos juízos e advertências que vão para um espaço-tempo intervalar, onde nos concebem um ajuizamento atemporal, ético e político, como também transformador da humanidade. Aqui no purgatório, é um espaço-tempo concedido à reflexão, autoexame da consciência onde essa reestruturação interior faz apenas pela linguagem. A linguagem aqui não é apenas uma exposição dos nossos juízos ou um meio de expressá-la, mas como Heidegger, entende-se aqui que a linguagem é a morada do ser, antes de tudo existe o ser, o pensamento oferta uma relação com a essência do ser onde a linguagem é a chave decisiva desse encontro.

Desvelar na, com e pela linguagem -escrever- experiências inscritas no vivido em uma das unidades da rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro no Espaço de Desenvolvimento Infantil. No aí desse ser-aí, pensar, na prática, as práticas favoráveis à boa convivência entre o mundo dos adultos e mundo das crianças tendo por dever assegurar a todos e todas o direito a vida e à infância de cada criança, o pai do homem (Rosa): a eterna novidade (in Pessoa) da qual resultamos todos: a infância é o início, o nosso ser-estar-no-mundo, de um aparecer para um Mundo. Indeterminado, mundo dos homens? Só dos homens? Não, nascer é aparecer entre os homens e mulheres... é aparecer perante aos que já estão...

A educação tem a ver com o nascimento de uma criança, tem a ver com a natalidade e com a mortalidade. Tem a ver com chegada e com a saída de outro diferente de nós entre nós. Chega individuo único não substituível. Esse outro que chega e que habita entre nós, é outro inteiramente outro, traz sempre, sem exceção, consigo a possibilidade de que algo inteiramente novo possa acontecer.

O papel da educação não pode ser outro: cuidar do trazido de cada nascido no seu próprio devir-aparecer no mundo naquilo que lhe seja mais próprio. É no aí de cada nascido que se torce o pepino, que se cuida da semente de modo a produzir bons frutos que resultem em artistas, atletas, cientistas e poetas de todos os sexos, gêneros e raças. O outro que chega menino ou menina é uma espécie de Prometeu, aquele que rouba o fogo dos deuses e o entrega aos homens.

Cada criança é um presente roubado dos deuses, uma chama, uma promessa assim como no presépio: um messias deitado nas palhas da vida simples de bracinhos abertos, desafiando o poder dos poderosos, dos Herodes negacionistas da vida humana... Urge-nos, portanto, pensar o pensar da educação infantil na prática, nos cuidados e nos deveres que por dever devemos a todas as crianças. O dever da educação é educá-las de modo que as chamadas de suas potências venham desabrochar a caminho do bom e do belo, do justo e do verdadeiro em prol da humanidade terrena e mundana. Urge sermos com elas, por elas e para elas, pois ser com elas, por elas é ser para todos nós. A criança é o pai do homem.

Todavia, educar não é ensinar: daí os termos Educação Infantil e não ensino infantil. Como alguém chega a ser aquilo que se é? Mas o que é ser algo ou alguém para alguém? Que é o ser da professora? Qual a diferença entre professor e educador? Perguntar pelo ser, é perguntar por sua essência... pelo que é desse algo ou alguém no seu sendo no e com o mundo, na sua história junto a outras.

A dissertação nasce desta inquietação, desse emaranhado de pensamentos que me deixa tonta, zonzona, com labirintite, nasce da angústia, do desejo abissal: o de saber-se-endo nos ofícios de minha arte - a de educar crianças para o *apreender a viver porque o viver é o que o aprender mesmo*³⁷ no, com o mundo para um mundo, para uma sociedade.

A criança nasce para o mundo (Arendt). Da angústia do mundo do que não se sabe vem o método intuitivo, introspectivo, imanente: o fenomenológico, um jeito próprio, um *Dasein*, uma consciência dê, presente, intencional, paciente, serena, própria: um dispor-se-á quiçá nos aproxime da coisa intencionada, nos permite a um deixar ver as coisas mesmas, nelas mesmas, sem a priores... A revelia da nossa vontade, nos deixar num à vontade que nos afete os sentidos, o intelecto e comece a fazer sentido, a ter um sentido, um caminho.

O método fenomenológico não é doutrina, mas, presença! Astúcia imanente. Atos de pensamentos. Atos de linguagem. É criação, imaginação, raciocínio, tino, desatino, tato, visão, revisão, olfato, tátil, tático, técnico, linguagem, língua, fala.

No fundo, no fundo o caminho do método é o da Linguagem do pensamento na linguagem. A linguagem é o caminho do pensamento (Heidegger). Tanto faz. Em grego, pensamento e linguagem querem dizer o mesmo: *logos*. Pensamento é linguagem:

³⁷ ROSA, J.G. - *Grande sertão: veredas*. 13. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

logos! Logos e a morada do ser que fala *na, pela*, com a linguagem. Na, pela e *com* a linguagem, os humanos falam, pensam.

Enquanto falam e pensam, jogue a pedra outra vez...

4 O Método

Os labirintos remontam ao grande tempo da existência-transitiva e perene dos seres humanos. É um dos símbolos mais antigos do mundo, já estava presente em desenhos dos homens das cavernas, nos mitos, nas arquiteturas dos povos egípcios, gregos, babilônios, judeus, indianos, chineses, nazcas, entre outros. Sua versão mais conhecida é o labirinto do Minotauro³⁸, na ilha de Creta. Dele se sabe uma história, é história que nos diz algo a respeito de nós mesmo, do animal do humano.

Dante coloca esse personagem mitológico como guarda no sétimo círculo do inferno. Este círculo representa Minotauros e Centauros à *infâmia de Creta*, na qual são punidos os que praticaram violência contra a vida ou as coisas do próximo. O guardião do sétimo círculo afronta Dante, mas seu mestre Virgílio põe-se a sua frente: “*Cuidas*”, *bradou-lhe o sábio incontinente / Ser de Atenas o príncipe, o que à morte / Lá sobre a terra te arrojou valente?* O monstro mitológico com cabeça de touro e corpo de Homem, Filho do touro branco enviado por Poseidon ao rei Minos e de Pasífae, sua esposa, teria passado toda a vida aprisionado no interior do Labirinto, aonde veio a ser morto por Teseu.

O labirinto é uma construção de muitas linhas, divisões, galerias, corredores dispostos confusamente nos quais e pelos quais se busca uma saída. Labirinto é sinônimo de complicação, confusão, embaraço, enredo, meada. Designa ainda um espaço criado de forma “artificial” imaginado arquitetonicamente como um desenho de *Escher*³⁹ que tem diversas passagens de níveis e desníveis capaz de nos desorientar, nos confundir e no obriga a dispor-se a uma abertura deixar-se com paciência e serenidade até encontrar saída.

Em tumbas do Antigo Egito arqueólogos e historiadores encontraram representações de labirintos quadrados e retangulares, os labirintos circulares só surgiram mais tarde, em fins do século VII antes de nossa era. Não importa se desta ou

³⁸ BORGES, Jorge Luis. La casa de Asterión. In: O Aleph. Disponível em: Acesso em janeiro de 2022.

³⁹ Maurits Cornelis Escher foi um artista gráfico holandês conhecido pelas suas xilogravuras e litogravuras e meios-tons.

daquela forma, a ideia do labirinto é a arquitetônica do método é um dispor-se à entrar por uma porta e sair pela outra, uma após outra, porta atrás de porta na busca da saída.

O labirinto que se pensa aqui como método tem a ver com certa ascese da pessoa investigadora que reúne em si teorias, disciplinas e práticas definidas pela ação intencional de agir com austeridade e rigor o próprio corpo e o espírito, buscando fortalecer a busca empírica e teórica da verdade. Os labirintos circulares ou em espirais objetivam fazer-nos chegar ao centro. Nesse caso basta entrar e seguir intuitivamente o caminho que se apresenta.

Os labirintos do tipo o da cidade Dédalo, o do Minotauro, são mais complexos. Têm objetivos diferentes, são polissêmicos, tomam vários sentidos como o de esconder algo, cobrir-descobrir-impedir ou dificultar o acesso ao centro ou a saída, as saídas são falsas, só o centro é o verdadeiro... Um labirinto que se preza detém a coisa que se mostra no seu próprio mostrar-se que imediatamente se vela! Entrar e sair é a essência do método. O método só aparece no caminho, se anuncia na pergunta.

4.1 - Aranha e seu método

Dona aranha nos conta que Aracne se encontra no purgatório, por ser arrogante e soberba, acredita possuir dons inigualáveis e insuperáveis, dando um ar de superioridade. Na mitologia grega, Aracne tem extraordinária habilidade na arte de bordar, tão perfeitos que chamavam a atenção de todos. Mas essa admiração subiu-lhe a cabeça o que a fez se comparar a deusa Atena. Atena achou de uma petulância esta comparação, onde se sentiu desafiada promovendo uma competição de bordados contra Aracne. Ao conferir os trabalhos Atena viu que Aracne tinha bordado as traições amorosas de seu pai Zeus, furiosa golpeou sua cabeça e desfez seus bordados. Decepcionada Aracne tenta se enforcar, mas Atena a salva, transformando a corda em uma teia e Aracne em aranha, assim a tornou a tecedeira perfeita dos deuses.

Por isso dona aranha cria coisas tão belas de finas geometrias sólidas, flexíveis, perfeitas. Conta-nos também que na parte de trás do seu abdome existem umas glândulas chamadas sericígenas. Essas glândulas secretam um tipo de proteína líquida que em contato com o ar se solidifica em um fino fio de seda. É com esse fino fio de seda que aranhas tecem suas teias, suas moradias, suas fortalezas.

Para começar a aranha fixa uma cercadura num suporte e começa tecer fios em raios e depois uma espiral, enrolada do centro para fora. Por fim, percorre o caminho inverso, a fim de fazer uma fina espiral fechada e aderente, destruindo a primeira, da qual só conserva as primeiras espiras centrais, que asseguram a rigidez do conjunto. A aranha fica ligada à teia por um fio e quando um inseto cai na armadilha, a aranha percebe pela vibração.

As moradias das Donas Aranhas são bordadas de vários formatos. Tudo depende da finalidade que Dona Aranha quer para sua casa, seu ninho. Existem quatro tipos principais de teia: teias de captura, teias de refúgio, teias de cópula e teias de muda. Para construir a casa, a teia, uma aranha demora só um tempinho entre 20 e 30 minutos.

A durabilidade de cada uma varia de horas até mais de uma semana. Existem 4.000 espécies de aracnídeos, que é o nome científico desse inseto tão curioso e dotado de espíritos geométricos. Meditar sobre os afazeres das aranhas por certo nos ajuda a compreender a sentença “o caminho se faz caminhado” no caso da aranha o caminho não é apenas um fazer, mas autoprodução. O método da Dona Aranha é orgânico e imanente, o pesquisador também produz organicamente seu objeto de pesquisa com seus fios-finos de pensamentos.

O pesquisador produz ideias líquidas com a ajuda de seus neurônios. Como as aranhas, nós os humanos, construímos nossa morada, na linguagem e com a linguagem; com os nossos neurônios, captamos e organizamos as mensagens que nos chegam do mundo exterior.

Neurônios são as células que compõem o sistema nervoso, responsáveis por conduzir, receber e transmitir os impulsos nervosos através do corpo, fazendo com que este responda aos estímulos do meio. Por exemplo, quando a gente pisa com os pés descalços na grama molhada ou na areia da praia sentimos aquelas espetadinhas na sola dos pés. Essas sensações de dor ou prazer nós a sentimos. São neurônios agindo mandando estímulos, registrando as experiências sensoriais em nosso cérebro. Eles também transmitem e processam informações entre si através de sinapse (local de contato entre neurônios, onde ocorre a transmissão de impulsos nervosos de uma célula para outra) processos que consistem justamente na troca de informações entre essas células. Todas as ações dos seres humanos, desde locomoção voluntária, involuntária, pensamentos, memórias, capacidades cognitivas, sensações, entre outras coisas somente são possíveis graças aos neurônios.

4.2 - Não sei bem ao certo como tudo isso começou...

Como é próprio de um início, não havia caminho porque não havia caminhante, não havia nada..., só havia caos, pensamentos confusos. Bem aquele inferno de Dante. Mas caos já era alguma coisa... Na verdade era fio pra tudo quanto era lado. No meio de tantos fios desbordados, só havia uma intenção: encontrar o fio da meada. Depois de um tempo enrolada em meio a tantos fios, descobri que aquilo que procurava, não era uma coisa. Fiquei perdida sem objeto. E sem objeto, na pesquisa fenomenológica, o sujeito não existe. Neste tipo de método só há sujeito para um objeto. É assim que a fenomenologia vê a coisa no meio de outras coisas.

A coisa não é recortada, o artífice, interage com a coisa na sua manifestação mesma. Só há algo quando há alguma coisa para a qual nos inclinamos e nos afeta nos evoca a uma experiência direta, intuitivamente. Não havia ainda a pesquisa porque não havia intencionalidade. Intencionalidade é o "X" da fenomenologia.

Assim, às cegas, no vazio e de mãos vazias, vivia no tempo das dádivas imerso nos emaranhados das perguntas: Que é o ser...? Que é ser uma professora articuladora? Como se chega a ser o que se é...? - Era o que me acometia...

Dependurada por um fio sem teia de sustentação. Só aos poucos me dei conta que o caminho, o método que procurava, não era uma simples coisa, mas linguagem. O fato é que ele, o caminho, começou a se desvelar nas tentativas das respostas advindas na imanência das práticas, no envolvimento com as coisas concernentes a educação dos pequenos, estando nelas mesmas no ir e vir das conversas, das palavras pensadas e repensadas ainda mesmo quando não havia método. Só havia caos... bem inferno dantesco.

Segundo Hesíodo⁴⁰, caos é o primeiro deus primordial a surgir no universo: a mais velha das formas de consciência divina. Devido às mudanças que a ideia de "caos" sofreu com o passar das épocas, a natureza divina de Caos é de difícil entendimento. Seu nome deriva do grego antigo *kháos* (*χάος*), que significa "abismo", "vazio" ou "imensidão do espaço", referindo-se ao espaço vazio primordial.

O poeta romano Ovídio foi o primeiro a atribuir a noção de desordem e confusão à divindade Caos. Todavia, Caos seria para os gregos o contrário de Eros. Caos parece ser uma força catabólica, que gera por meio da cisão, assim como os organismos mais primitivos estudados pela biologia, enquanto Eros é uma força de junção e união.

⁴⁰ Hesíodo (2006). *Teogonia, a origem dos Deuses*. (J. Torrano, trad.). São Paulo: Iluminuras.

Aprendi com Heidegger que é no aí e por aí, no Dasein, no caos que toda investigação começa. Começa sem a priores, sem conceitos prévios... Começa no ato intencional do pensar, de pensar no caos. No pensar o pensar do pensamento, pois o importante é pensar, e pensar sem corrimãos, sem muletas, assim como as crianças aprendem a andar. Ver uma criança a andar é sempre um belo espetáculo, novo, inaugural, a gente fica feliz, se assusta quando ela cai, mas volta a andar e nesse cair levantar, encontra o equilíbrio. Assim como a criança anda para Arendt, deveríamos pensar, pensar sem corrimãos é que é o verdadeiro pensar, que nos torna capazes de criar-imaginar a partir do existente o que ainda não existe de modo claro em nossa consciência que se interroga: que coisa é isto?

Assim como a aranha tece a teia, o pássaro, o ninho, as pessoas que pesquisam, pensando, escrevendo, reescrevendo o imaginando criam-creiam seus métodos, criam mesmo quando de outrem se apropriam, assim como as crianças se apropriam de uma linguagem. O método é um jogo de linguagem, um jogo que se dá entre sujeito e o mundo como Drummond topou a pedra e do encontro com ela fez poesia, acontecimento que se desvelava em suas retinas cansadas- isso tudo aprendi quando lia a tese de Rosana, defendida no ano passado, 2021. No poema a coisa aparece, e vista mesma sem estar ali. Tinha uma pedra no meio do caminho. Tinha algo na memória do poeta.

A memória, segundo dicionário online é a capacidade de adquirir, armazenar, recuperar, evocar informações disponíveis, seja internamente, no cérebro, memória biológica, seja externamente, em dispositivos artificiais, memória artificial. Também é o armazenamento de informações e fatos obtidos através de experiências ouvidas ou vividas. Focaliza coisas específicas, requer grande quantidade de energia mental e deteriora-se com a idade. É um processo que conecta pedaços de memória e conhecimentos a fim de gerar novas ideias, assim como no livro de histórias “o Nicolau tinha uma ideia”.

No livro do Nicolau, que é também do leitor, cada um tinha uma ideia que os ajudavam a tomar decisões diárias, decisões pelas quais a pessoa se pergunta. Essa coisa que aparece, o fenômeno do aparecer da coisa, é o objeto de contemplação. Mas o curioso é que no mesmo momento que a coisa aparece, a coisa desaparece, vela-se!

Vou dar um exemplo famoso. É a história de Agostinho⁴¹. No livro de suas confissões, O Santo escreveu essa coisa engraçada, escreveu assim: o tempo eu sei o que é, mas quando me perguntam, já não sei mais... e no velar, desvelar que o objeto, o fenômeno, se manifesta. Esse sujeito pensava como passarinho, pensava com método. Lendo Comenius compreendi que qualquer pessoa curiosa que quer investigar deveria agir como os passarinhos preparam o seu ninho, preparar o método.

Segundo Comenius tudo tem um tempo natural, um estágio, um tempo. Veja o que ele escreveu na Didática Magna em que ele pretendia ensinar tudo a todos.

“Nada se faz fora do tempo, (...) uma ave, para multiplicar a sua raça, não começa a trabalhar no inverno, quando tudo está frio e inteirado; nem no verão, quando tudo está quente e se estiola; nem no outono, quando a vitalidade de todas as coisas, juntamente com o sol, está em decréscimo, e o inverno, inimigo das coisas novinhas, está para surgir; mas na primavera, quando o sol volta a dar vida e vigor a todos os seres. Efetivamente, quando a temperatura está ainda muito fria, a ave concebe os ovos e conserva-os no corpo, onde estão resguardados do frio; quando o ar começa a aquecer, põe-nos no ninho, e, finalmente, na parte mais quente do ano, abre-os, a fim de que, a pouco e pouco, a sua criatura se habitue à luz e ao calor”.

Segundo a fenomenologia o método não é uma coisa, um meio, uma ferramenta, ele é antes um conjunto de procedimentos, uma atitude ante as experiências e vivências do pesquisador-pesquisadora que a cobre, recobre e descobre com a linguagem. Ele, o método, não está antes nem depois, mas durante... No meio do caminho... No caminho do pensamento que se revela na linguagem e com a linguagem. No diálogo com a coisa. Aqui não se nega método, mas sua instrumentalização acaba por coisificá-lo, esvaziando-o, assim, de sua essência.

Toda pesquisa tem um método, um modo de fazer deliberado adotado pela pessoa que investiga, esteja consciente ou não. O método, repetimos, não é uma coisa, mas uma atitude, uma presença intencional, um modo de encaminhar questões adstritas aos fenômenos, aos acontecimentos que nos aparecem como fenômenos. O método é o caminho do pensamento. E o “caminho do pensamento é a linguagem” (Heidegger)⁴². É na linguagem, com a linguagem pela linguagem que os pesquisadores- pesquisadoras se arriscam.

O início é a pergunta. A pergunta é a questão. A questão é o inevitável abismo do ser que se pergunta: o que é ser? É desse abismo que advém a necessidade de um

⁴¹(1964, XI, 14, 17) AGOSTINHO, Santo. As confissões. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris, 1964.

⁴² HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. São Paulo: Vozes, 2012a.

método. Método que não pode ser previamente antecipado, mas aguardado paciente e serenamente até que ele se desvele a partir da nossa relação direta com a coisa mesma. O método é um como lidar com a coisa, o objeto a ser investigado, não mais como coisa fechada, mas como um ser no seu eterno vir a ser-não-ser nos labirintos da vida.

4.3 - E tive uma ideia

Essa é a história da professora articuladora. História que nasceu assim: Era uma vez uma escola onde cada pessoa tinha uma ideia na cabeça. Ela tinha uma ideia assim e o outro tinha uma ideia assado. Na dúvida entre nossas ideias, entre as minhas e as do beto, se assim ou assado, tivemos uma terceira ideia: conversar com outras pessoas, e começamos. Os encontros foram online devido à pandemia.

Conversamos com André, Cristiane e Ana Carla, colegas de trabalho. . A partir desses encontros e diálogos cotidianos surgiu-nos a ideia de fazermos uma reflexão sobre o que é ser professor-professora? Questões que giram em torno a vida, a arte e o conhecimento tendo em mira a educação infantil: de como as crianças se educam no seu sendo vira a ser no mundo com o mundo na e com a linguagem? Como elas aprendem a pensar, a distinguir o verdadeiro do falso, o bem do mal, do justo do injusto, coisa necessária a um correto pensar... Porque aprender a pensar é o que o pensar mesmo.

A criança, como Sócrates sabe que nada sabe, o aprender a pensar da criança, e aprender a pensar a si mesma, em si mesma e ser. Os seres humanos pensam! Falam! Ouçamos então o que elas estão nos dizendo a todo o momento. Ouçamos Comenius, cuidai com cuidado e com carinho, pois delas herdardas os reinos dos céus.

o caminho só se faz caminhando, como o jogo amarelinha, vai e joga a pedra outra vez...

4.4 – Que é ser uma professora articuladora?

ENTREVISTA CARLOS ANDRÉ

Agora vamos conversar com Carlos André, um professor de educação infantil que também foi professor articulador e que agora se encontra como assistente na Escola

de Formação Paulo Freire, onde gerencia formação para os profissionais que atuam na educação infantil na Rede Municipal do Rio de Janeiro. André como gosta de ser chamado é aquele menino de ouro que tem uma vida linda pra contar. Sempre foi meu companheiro de estudos, fizemos uma pós-graduação juntos e adoramos grandes conversas sobre a educação. E sabemos a agrura e a delícia de ser professor articulador.

Nossa conversa com André se deu num dia lá na pandemia, bem no comecinho daquela desgraça que nos aconteceu, afetando brutalmente o cotidiano de todos e todas nós. Nossa conversa começou assim, com o Beto abrindo os caminhos... Alguma coisa para pensar é maravilhoso. Pensar a pesquisa que é sobre ela mesma, a de que é ser professora articuladora. Mas antes de tudo me tira uma dúvida é André ou Carlos, perguntou Beto. É Carlos André, mas eu prefiro André, igual a você que prefere Beto. A ideia é bater um papo, de pensar sem corrimão, pensar livre é pensar. Às vezes a gente acha que pesquisa é ficar lendo aquilo ou lendo isso. E a ideia na pesquisa é saber como você vê, o que é essa coisa de ser professora articuladora? Que que é isso na sua cabeça. Que que seria esse sujeito. Por que que isso tem que aparecer, porque que está na escola. Porque não estava antes. Bora tentar pensar não com uma resposta pronta, mas pensar sobre isso. Vamos começar? Nós já começamos...

Mas André não. André antes de começar queria contar algo.

Senta que lá vem história...

Vou contar bem sucinto e entro na questão da articulação. Mas deixa-me contar um pouquinho da minha história. Quando comecei eu não pensava em ser professor, eu já vou chegar naquela questão da Dani da articulação, eu sou uma história viva, eu fui trabalhar numa creche. Na época não era a Secretaria Municipal de Educação, mas já existia a SME, as creches estavam ligadas a Secretaria de Desenvolvimento Social quando a educação de crianças pequenas era apenas vista como cuidar. Vamos colocar a criança ali para o pai e mãe irem trabalhar porque não tem alguém para tomar conta. Era nessa Ótica. Então a secretaria de desenvolvimento social, ela visava tomar conta dessas crianças, vamos fazer alguns trabalhinhos com elas enquanto os pais trabalham e vamos dar alimentação. Vamos cuidar mesmo. Não tinha a questão do educar. A secretaria de educação prima por essas duas vertentes, não se dissocia. Mas era só esse cuidar. E aí eu entrei, mas eu não entrei para cuidar de crianças. Eu entrei como auxiliar. Auxiliar no

sentido de limpar a instituição. Eu era agente auxiliar e comecei trabalhando à noite para tomar conta de uma creche onde ficava com a chave a noite inteira para limpar e tomar conta daquele ambiente. André, o invisível.

Eu fiquei seis meses assim. Sempre muito franzino e pequeno de estatura morria de medo, mas dava conta de limpar. Até que passou seis meses, eu consegui uma vaga no turno da manhã. E continuei limpando a instituição, mas agora vendo os recreadores, por que não tinham professores. Na época era aquela secretaria (SMDS) para crianças menores. E aí eu vi aquele movimento enquanto eu limpava uma sala, limpava outra, limpava o refeitório. E eu comecei a ter contato com esses recreadores. E aí Beto eu comecei a me encantar com o movimento das crianças. De vez em quando tinha oportunidade de me encontrar no corredor com uma criança ou com as recreadoras. Eu cantava uma musiquinha, mexia com o dedo e aquilo foi aflorando. Até que a direção da ONG me convidou e falou vamos estudar, fazer pedagogia e vem trabalhar com a gente, assino sua carteira como recreador. E aí eu topei e fui cuidar de crianças, mas sem ter essa coisa de professor eu nem sabia o que era. E aí a direção daquele local falou vamos fazer pedagogia Carlos André. Eu ganhava muito pouquinho. Mas aquilo foi aflorando em mim e eu fui me constituindo um professor sem saber e fui fazer pedagogia, na Estácio, não tinha muita condição financeira. Mas encarei porque tinha meus pais nesse caminhar, que me ajudaram muito e acreditaram no meu potencial. O pouco que ganhava fui empregando e fui tomando gosto. Fui assim me vendo como um professor. E essa paixão de você me ver falando, a Dani me conhece, de ler livros, de os olhos brilharem de falar sobre a literatura, de arte, a poesia igual você mesmo falou que foi encantado eu fui começando a perceber isso tudo, isso tudo estava dentro dessa profissão de professor.

E eu fui crescendo, crescendo nesse sentido de querer mais, de querer realmente terminar a pedagogia. Mas não para ter um papel, para ter um diploma. E aí Beto o tempo foi passando e eu André ali fui me vendo dentro dessa história. O município, a secretaria da educação e fui tomando posse disso. Houve concursos de acordo com a lei, a LDB, eles foram consertando as coisas como deveriam ser. E aí eu fui fazendo parte desse processo inteiro, eu era de uma secretaria que cuidava, que via a criança como depósito e eu fui passando por essa transição toda. Olha o André aí nessa história.

E a história não parou por aqui, eu fiz o concurso passei para auxiliar de educação infantil. Ainda não tinha professor na Secretaria de Educação. As crianças

também precisam estar sobre essa tutela da lei da LDB. E aí Beto eu fiz o concurso para professor de educação infantil (PEI) e passei. E sempre ali nesse contato com as crianças com a literatura, com o conhecimento científico, então, eu fiz outro concurso e fiquei com duas matrículas. Nesse cuidado nesse viver ali, nessa vivência, nessa construção da minha identidade como profissional, como professor, sendo constituído o que que aconteceu? Eu e Dani fomos convidados a trabalhar no Grupo de Trabalho de educação infantil pela Gerência de Educação 9º CRE. E aí agora além de amar esse trabalho com as crianças agora eu penso e cuido dessa formação. Agora também me vejo cuidando da formação de outros que é o que a gente faz lá no GT. Somos professores articuladores.

E aí depois dessa história, história que me constitui e que me faz ter um olhar sobre a questão da Dani. O que é esse professor articulador dentro dessa história, agora pegando a questão da pesquisa da Danielle. Eu vejo o professor articulador como aquele que tá em contato com pessoas. Que pessoas são essas? Eu vejo a Dani uma professora articuladora que vê pessoas e essas pessoas são: o porteiro os professores, os agentes, a equipe de direção. E agora mais do que isso, a Dani tem que articular essas pessoas que estão dentro da escola, às crianças e suas famílias. Porque por trás dessas crianças existe uma família e fazer a articulação, mas como é essa articulação? O que perpassa nisso tudo é o ensino-aprendizagem. Aquelas crianças estão ali para aprender alguma coisa na escola. A gente não chama de escola, chama de Espaço de Desenvolvimento Infantil. E aí essas pessoas que perpassam por ali, a equipe de direção que ela trabalha muito bem ali no meio dos professores, dos agentes, desde a pessoa que faz a comida. E essas crianças que chegam para serem desenvolvidas e também suas famílias. A Dani tem que fazer esse papel, ou melhor, a professora articuladora. Eu entendo que o professor articulador tem que articular trazer essas pessoas num denominador comum. O que que a gente quer ali? Que aquelas crianças se desenvolvam. Então, o palco daquele local. Principalmente o papel do professor articulador é trazer essas crianças, que é comum aos professores, a equipe de direção, a toda equipe de funcionários, mais as famílias que estão confiando essas crianças, mas o denominador comum é a questão da aprendizagem do desenvolvimento infantil. E aí entra no meu entender, eu André vejo que o professor tem que articular o que que é criança.

Precisa estar claro que ele tá lidando com crianças. Que crianças são essas? Que famílias são essas? Que estão ali contemplando esse trabalho e tem que seduzir esses profissionais, seduzir no bom sentido. Vem ver comigo quem são essas crianças, o que

essas crianças precisam? Eu preciso entender que desenvolvimento infantil é esse que a gente vai propor nessa instituição. E aí ela vai seduzir esses profissionais e essas famílias que muitas vezes precisam ser trazidas para perto.

Olhar e discutir o desenvolvimento infantil que estamos propondo para as crianças, pois temos toda uma teoria e teóricos que embasam a educação infantil. Daí ela vai mostrando todo seu conhecimento, as leituras, suas vivências.

Mas o tempo todo ela precisa trazer essa palavra articulação, trazendo a gente, professores, equipe, a família sempre para esse denominador comum que é a criança. Que estamos ali para as crianças. E aí vai perpassando várias coisas concepções de Infância, quais são seus fazeres, orientar um caminho, esse é um dos papéis da professora articuladora.

Então eu vejo sempre nesse primeiro momento fazendo isso: entendendo o que é a criança, entendendo que tipo de trabalho, que tipo de concepção de Infância. E sempre seduzindo, no bom sentido. Vem cá profissionais que estão aqui nessa instituição, vem aqui entender de perto comigo qual é a proposta do nosso trabalho. É isso que a gente vai fazer. Esse tipo de serviço que a gente vai prestar. E aí ao mesmo tempo nós eu, ela no caso como professora articuladora, Junto com aquela equipe, vamos agora também mostrar para essa família qual é esse o nosso trabalho. Então uma das coisas que eu quero ser repetitivo é isso a gente precisa entender, seduzir nesse sentido, ela tem feito isso muito bem. E aí isso vai desenvolver uma gama de possibilidades. Mais do que isso, o que é fundamental é a questão do Desenvolvimento Infantil, por isso que a gente está lá, e por isso que ela está lá articulando com a gente. Nesse trajeto, nessa trajetória acaba que ela, como professora articuladora vai fazendo outras coisas, além de ter a questão central das crianças, ela trabalha a questão da formação dos profissionais desta instituição. Olha quanta coisa né? O principal que foram as crianças. Agora assim o leque se abre. Vamos agora cuidar da nossa formação. Uma das coisas que o professor articulador faz é cuidar da formação daquela equipe, cuidar das leituras, das possibilidades, vamos ler, vamos pensar. E isso ela traz. Eu sei que é uma gama de infinitudes, mas assim eu procurei pontuar primeiro o principal que são as crianças. Das crianças ela alcança essa equipe, alcança as famílias e além de cuidar do primordial do papel como professora articuladora ela vai além, ela cuida da formação de uma escola, de uma instituição, de uma equipe.

*

E assim foi esse papo caloroso com André. Por já conhecer esse menino de ouro, Beto conduziu a conversa curioso, com os ouvidos bem abertos para se deliciar nessa história e que história minha gente! História acima de tudo de encontro com o conhecimento e a educação. É esta história que constitui o Carlos André seja para onde ele for. Não tem explicação, é a história de André.

Então quem tem ouvidos ouça...

Eu já conhecia sua história de vida, mas sempre me emociono junto com ele. E foi assim com o Beto também, depois de ouvir essa história bonita de formação. E o que chamou primeiramente sua atenção foi saber como que um auxiliar de serviços gerais via essa escola... Já que andava por todos os lugares, como que as pessoas lidavam com este espaço? E achei magnífica essa primeira colocação do Beto, pois ele queria que o André respondesse a partir da visão de um profissional que muitas vezes são invisíveis aos olhos de quem vê. André, o invisível, enquanto auxiliar de serviços gerais teve um olhar encantado pela educação. E a ideia foi pensar sobre esse homem invisível.

Pensar a educação e a formação de uma figura que agrega um lugar da invisibilidade, onde se generaliza o outro e o decreta como pertencente a um único espaço. Nessa história penso no olhar aguçado dessa diretora que falou para este auxiliar, para o Carlos André Vá fazer uma faculdade de pedagogia que assino sua carteira como recriador.

Esta direção viu com os olhos a potencialidade desse homem franzino. A diretoria viu com os olhos e André ouviu com os ouvidos... Como ele mesmo disse no início ainda não era professor, mas foi se constituindo. Mas o interessante, disse ele, que a pergunta o fez pensar naquele profissional que tem acesso a tudo. Acesso à sala, as paredes, a prática do professor da equipe de direção. Ele perpassa em tudo. No seu pensamento ele só ia limpar a sala sem a pretensão de um dia participar desse pedagógico. Na verdade, hoje, ele entende o que não entendia na época... Que fazia parte desse pedagógico da instituição, mas sem essa ciência, via muito seus fazeres sem pretensão. Foi com suas leituras pela vida que percebeu o que devia e o que não devia ser feito e com isso os equívocos do que era a educação infantil na época. E como bom contador de história se lembrou de mais uma: eu não sabia por que certos profissionais colocavam crianças numa roda ou por que pegavam uma folha para desenhar, por

exemplo, por que paravam para cantar. Isso tudo Ficava muito misturado. Eu sei que eu entrava na sala para limpar é certo que eu via fazeres ali. E aí Aquilo em mim Calos foi batendo um desejo de fazer parte.

O mais legal dessa conversa é ter a visão de alguém que está dentro da instituição, mas que está numa função que a princípio não é pedagógica, mas que pode ser. Tem alguém para limpar, mas eu enquanto outro preciso pensar em conservar, porque a escola é um lugar de interesses comuns, colaboração e respeito mútuo, neste sentido e limpeza também é pedagógica. O auxiliar da limpeza tem a sua função de deixar o ambiente limpo e acolhedor, mas é primordial que crianças e profissionais percebam a importância de preservar o meio ambiente e o patrimônio da instituição contribuindo para uma escola limpa, bem conservada e equipada. Todos esses fatores fazem parte da conservação de uma boa escola que possa oferecer condições para que as crianças, de fato, aprendam. A criança pequena se constrói pelo exemplo imagina o quanto elas aprendem só de olhar esse profissional, ou quando tem um direcionamento para a contribuição dessa limpeza. E essa conversa se dá para aqueles que são invisíveis desde quem atende o portão até o fazedor de comida. Como esses profissionais invisíveis veem esta instituição? Como veem esse trabalho? Será que elas enquanto profissionais também se veem no processo educativo, por que essa história constituiu a vida do André. Hoje ele entende que não só o professor ou a equipe de direção, mas que todos fazem parte do processo.

André limpava salas, mas via esse espaço com o olhar de curioso, pois não ia nesse ambiente só para pegar lixo, limpar mesas, mas tinha *olhos encantados*. Olho de coruja sabe elas enxergam para além da escuridão conseguindo ver o que os outros não veem e por isso são guardiões do conhecimento. André conseguiu enxergar para além daquela sala limpa. Ele via uma sala cheia de crianças, profissionais, músicas, artes, garatujas, paredes enfeitadas com produções de crianças e de adultos e com isso foi seduzido, foi se constituindo enquanto pessoa e professor. E no remexo da memória descobriu que sua vida é um longo quebra-cabeça, que envolve o corpo a alma. Esse André auxiliar de serviços gerais que o constitui hoje como professor e formador não é algo acabado. André não tá formado não. Como diz Paulo Freire *nós somos seres inacabados*. Cada dia essas peças estão vindo. E também a paixão de falar e pensar educação. Aquele local lá trás, é mais do que um local que foi projetado, ele se tornou um ambiente, ele se tornou um local de interações, tem trocas quando todas as pessoas, todos os atores entram ali independente da função que cada um exerce.

E ainda pensando nesse ambiente, André nos conta que na época as produções que via eram produções adultocêntricas (feito pelos adultos, não tinha a mão da criança) talvez por ser outra secretaria outro tempo histórico. Era tudo bonito de se ver, mas naquela época o André menino, mesmo sem saber, percebia que estava faltando alguma coisa e eram as produções das crianças. Hoje ele percebe que para além de se ter um ambiente acolhedor, precisa pensar num ambiente que visa o pertencimento e autoria das crianças, isso só entendeu passando pelas diferentes secretarias e pelas suas leituras. Isso tudo faz parte das peças de quebra-cabeça que o constitui o que é ser professor.

E colocando isso para os dias de hoje, para a importância da professora articuladora, André nos possibilita olhar este ambiente, porque as paredes falam, elas dizem quem são os autores. Que tipo de infância e educação infantil que esse lugar prioriza e produz. O que importa são as produções que as crianças fazem. Um dos papéis do professor articulador é nos fazer pensar na nossa formação, porque estamos sendo formado o tempo todo, pois estamos ali para proporcionar o desenvolvimento infantil, que passa por esse ambiente que fala, tem voz e autoria.

A escola foca muito na questão do cognitivo, de ler, aprender palavras. Aprender à letra, a palavra, a frase, isso fica muito em evidência. Mas na infância tudo começa na arte de desenhar. Hoje a escola, mas do que proporcionar letras, palavras, que tem sua importância, mas mais do que isso precisamos buscar outras linguagens, como a poesia, a arte, a literatura, o cinema, a música, o canto, a dança e o meio ambiente. Às vezes a escola, sufoca essas múltiplas linguagens. O papel do articulador é descobrir outras formas de linguagem e priorizar as crianças, pois elas oportunizam novas vivências, como se expressar melhor e explorar mais o ambiente na qual está inserida. Para Aristóteles criança é potência onde é capaz de se transformar em virtude desse fim próprio. Uma semente é uma potência da árvore. A criança é uma potência no que pode vir a ser, fazer ou produzir, principalmente se ela tem múltiplas linguagens no seu processo de existência e desenvolvimento.

Entre lugares e formações e concepções de crianças potentes e infâncias é que tem sido o bate-papo com André, que nos conta que se ele fosse um arquiteto construiria uma escola sem paredes... Ele traz na sua formação a autora Léa Tiriba, que criou e cunhou o conceito de desemparedar a infância. O “Espaço de educação infantil ele é muito emparedado”, quando o arquiteto fez este espaço fez pensando nesse espaço físico, ele fez uma sala. Ele botou janela, só que se esqueceu de ver quem eram os autores desse lugar, o de pensar nas infâncias, nas crianças que se desenvolveriam ali. E

aí fez janelas muito altas, fez a escada e não pensou na criança bem pequena. Ele fez um espaço arquitetônico deu conta que entregou para uma secretaria. Mas se eu tivesse a oportunidade de fazer, eu iria trazer a arquitetura para discutir com a pedagogia. Este espaço físico teria que se comunicar com essas crianças desde seu espaço até os mobiliários. O arquiteto pensou no óbvio, não no que realmente uma criança precisa.

Então André pensou assim: seria um espaço que tivesse mais Verde, que as crianças tivessem não mais um local, uma sala. A criança precisa identificar que ela tem um ambiente. Um ambiente para ela chegar ao encontro do dia. Ela tá ali para poder rever seus familiares, isso é importante, não é disso que estou falando. Mas ela não pode ficar o tempo todo naquele ambiente preso, é isso que Léa Tiriba fala de desemparedar. Esse espaço teria menos salas. Teria que ter um local para acolhê-las no início, para no final encontrarem seus familiares. Mas esse espaço tinha que ter outros tipos de possibilidades, teria que ter mais verde, um sonho um ideal. O professor articulador faz a gente pensar o tempo todo é como Ruben Alves diz “Eu quero ensinar as crianças. Eu quero ensinar.” Ele só ficou nisso. Hoje com a vivência eu acrescentaria na fala dele, “eu quero ensinar as crianças e aprender com elas”, mas o que me fascina é quando ele disse assim “porque elas ainda têm olhos encantados”. Elas de alguma forma, as Crianças, seja em que lugar em que local tiver, pode estar na guerra, pode estar num país que tem dificuldade, no aqui e agora, que corre na rua, acima de tudo elas brincam. Elas trazem esse encantamento. Então é isso que lá no início me cativou, quando eu comecei limpando aquele local. E aí Rubens Alves está certo, eu quero ensinar quero aprender com as crianças porque elas têm olhos encantados. E esse espaço que você me perguntou, eu queria dar mais vida nesse espaço. Questão de sonhar mesmo, talvez uma utopia.

Utopia quer dizer um estado ideal de completa harmonia onde estamos verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade. É a partir dessa ideia que André nos mostra a fotografia dessa escola. Essa situação imagética descreve sua fotografia como: Um campo imenso. Gramado em que as crianças possam sentar e rolar nessa grama. Sem essa coisa de só, no tempo do recreio. A gente não fala Recreio lá. Sem ser essa questão do tempo do Cronos ali. Vou até fechar o olho aqui, mas as crianças rolando brincando. Sem essa coisa de estar ali para aprender algo. Deixar ser criança. Espaço com muitos brinquedos. Brinquedo tipo escorrega, uma piscina com bolinhas, esse espaço externo precisa sim ter muros que vão nos proteger. Um espaço provocativo, que propicie oficinas no espaço externo com muitas sucatas, caixas e

coisas do dia a dia em que as crianças constituem aquilo como brinquedo. Um atelier seria tudo, onde ela pudesse fazer arte, brincar com tinta, esculturas, isso falta muito nos espaços de desenvolvimento infantil.

Esse encontro com André nos permitiu pensar a educação infantil na sua poética e como que a arte, a vida e o conhecimento atravessa a infância. Então pra terminarmos esse encontro de almas com André perguntamos cinco palavras-chaves que constitui essa escola ideal:

Primeira palavra: criança - A primeira palavra que quero destacar é criança. Porque criança? Porque o tempo todo eu tenho que saber para quem serve aquele espaço. Por isso eu coloquei criança é para elas que estamos ali. Nunca perder esse sonho esse encantamento, a criança. O propósito daquele espaço é a criança.

A segunda palavra: Concepção - Concepção porque, não basta ter apenas um espaço e não basta saber que tem só crianças. E agora começa a ter por trás uma intenção. Eu preciso me apegar a um ideal, a uma concepção, além de ter crianças ali. É a concepção que vai ditar agora o que eu vou fazer com aquelas crianças. O espaço está posto, construído e idealizado, sonhado. As crianças vão estar ali e agora o que eu vou fazer com elas? É a concepção que vai me conduzir o que eu entendo de educação, de criança, de infância, de brincadeiras, concepção de alfabetizar. O que é alfabetizar? É só ensinar o ba,be,bi,bo,bu. Para alguns é. Eu não tenho essa concepção. Só aprender as letras e pronto. Não! Porque entendo que tem outras linguagens.

A terceira palavra: formação - Porque eu entendo que o que vai ditar essa linha, essa criança, essa visão de criança, será o cuidado e a importância da formação. E digo que cuidar dessa formação é uma responsabilidade minha enquanto professor. A Dani cuida da nossa formação porque ela é uma professora articuladora. Quando digo formação ser primeiramente minha responsabilidade como professor é me proporcionar leituras e pensamentos, porque a busca do conhecimento é pessoal, não posso forçar o outro pensar, posso fazer provocações, esse é um dos papéis do professor articulador provocar pensamentos.

A quarta palavra: equipe – Eu posso ter a visão de criança, a minha concepção, as leituras que vão me formando. Mas além da minha formação, eu tenho

peessoas, eu tenho uma equipe. E aí eu não trabalho sozinho, eu posso fazer um bom trabalho na minha sala. Ali no fechado. Num grupinho de crianças, mas esse local para se tornar um local ideal, bom, encantado, eu preciso pensar nessa equipe. Não estou no mundo sozinho. Não posso dar conta do que o outro está fazendo ou deixando de fazer. Elas não devem fazer da mesma forma que eu, porque os fazeres são diferentes. Cada um faz um trabalho lindo. Não o mesmo que o meu. Eu vou contar uma história de uma maneira, eu posso pegar o livro contar e fazer caras e bocas, fazer vozes e entonações, mas o outro talvez não vá fazer assim, mas ele vai dar conta de atender aquelas crianças e desenvolvê-las e tornarem felizes. Mas preciso me preocupar, não estou nessa sala sozinho, existem outras salas, existe uma equipe. Será que eles têm esse mesmo sonho, esse mesmo encantamento? A palavra equipe nesse sentido. A gente precisa ser contagiada. Lembrando-se dessa criança, dessa concepção, dessa formação, dessa equipe.

Quinta palavra: leituras - Porque a Dani sabe que eu sou apaixonado por leitura, As vezes eu pego um livro e não leio ele de cabo a rabo. Mas são essas leituras que me proporcionam esse viajar esse sonhar com essa infância, com essas crianças.

E como para o poeta cinco palavras não bastam...

Sexta palavra: afetividade - Um espaço de educação infantil esta carregado de afetividade. A gente falou de parede, ambiente, da equipe, o profissional, a articulação, mas esse espaço é constituído de pessoas, de histórias, de afetividade. O tempo todo, a gente se afeta, chamando Wallon para a conversa neh, não só esse afetar de pegar a criança e colocar no colo, vem cá meu filho, é importante é, mas não é só isso. A importância de afetar o outro de forma a desenvolver o seu potencial, a potência de Aristóteles. A afetividade passa o tempo todo na aprendizagem, nas relações, nas interações. Esses espaços todos os dias que essas crianças se encontram precisa provocar alegria e provocar essa potência. Tanto em mim professor quanto naquelas crianças naqueles sujeitos que estão ali. Então a afetividade é que vai fazer isso vai afetar e provocar essa potência.

Sétima e última palavra: humanidade - Eu acho que a educação trazendo esse sentido de espaço, dos professores da articulação, articulador, não pode faltar à humanidade nesse sentido. O tempo todo essa educação precisa ser humana. Eu não

posso esquecer que nesse espaço eu estou lidando com humano. Eu preciso focar claro no desenvolvimento dessa criança no cognitivo, não estou tirando a importância disso, mas o que eu jamais posso perder de vista que eu André e professor estou lidando com humano. E essa humanidade na educação, eu não posso perder e entender que perpassa na criança, nas concepções, nos sonhos que acredito. Essa humanidade perpassa na formação, nessas leituras. Vou dar um exemplo, quando estamos na rodinha, e uma criança sai da roda, eu como professor, preciso ser sensível como ser humano para entender que às vezes um vai sair roda, por alguma necessidade infantil, mas eu não posso perder essa afetividade, essa humanidade e entender do porquê ele saiu. E quantas vezes a gente é surpreendido, achando que não estava prestando a atenção, fora da roda e ao ser perguntado ela respondia de lá “aconteceu isso, isso e isso”. Estava fora da roda, mas ela estava ligada. E isso é um trabalho é um exercício que fui aprendendo. Não estou tirando a importância daquele momento de ficarem todos ali. Às vezes é preciso ficar todos, às vezes não. Nesse sentido que a humanidade não pode faltar.

Vou finalizar esta entrevista com a última palavra do André: humanidade. A humanidade sempre será um fim e nunca um meio, porque segundo Kant, humanidade deve ser sempre o objetivo da ética. Onde todas as nossas ações, sejam elas como auxiliar de limpeza, merendeiras, professores, agentes de educação, equipe de direção... Todas as nossas ações devem estar subordinadas ao respeito da humanidade, não por estamos lidando somente com seres humanos, mas por sermos funcionários públicos que prezam e zelam por um bom trabalho a um determinado público. E a esse público temos o dever de respeitar e potencializar, que são as crianças de 0 a 6 anos que se encontram na Rede Municipal do Rio de Janeiro.

ENTREVISTA CRISTIANE

Cristiane passou por várias esferas da educação infantil dentro da Rede Municipal do Rio de Janeiro: auxiliar de creche, agente e professora. Temos uma história... Vamos contá-la aqui.

Quando cheguei ao EDI Ludmila vinha de um CIEP e não sabia quase nada da dinâmica de como tudo funcionava por aqui. Mas me encontrei com Cristine na mesma turma de maternal I. Eu a professora “regente” e ela agente de educação infantil. Cheguei sem saber de nada... como era a rotina, as músicas de rodinha, a dinâmica... Foi com Cris que dei meus primeiros passos.

Cris, como gosto de chamar carinhosamente, foi uma grande articuladora na minha vida, me ensinou tanta coisa, toda essa rotina, com tanta generosidade. Mais tarde quando me tornei professora articuladora e comecei essa pesquisa retornei ao contato com Cris. A ideia era pensar o meu próprio fazer enquanto tal... por isso fiz questão de conversar com ela. Saber como ela via o meu trabalho, qual o meu papel, ou que deveria fazer, ou precisaria ser feito.

Para Cris existe o ideal e o possível. Num primeiro momento o *fazerpensar* da professora articuladora é o de apoio pedagógico. Se por um lado é isso que seria o ideal por outro, dada às demandas da realidade cotidiana de uma escola acabei, como uma espécie de curinga, assumindo outros papéis como, por exemplo, respondendo pela equipe diretora.

Ouçamos as palavras de Cris.

Eu vejo a professora articuladora como aquela coordenadora pedagógica da escola; aquela pessoa que vai te dar um suporte, apoio, vai estar ali para fazer com que as coisas se conversem. As partes didáticas e pedagógicas dentro da escola. Vai desempenhar um papel também junto às famílias. Eu acredito que seria essa função da professora articuladora: ponte entre direção, professores, profissionais e as famílias. O articulador não trabalha com a gestão da cozinha, por exemplo. Ele está ali com a parte pedagógica das coisas.

Todavia como disse existe a expectativa e a realidade. A expectativa é que essa profissional seja realmente exclusiva a isso: ao pedagógico da escola. Para dar esse suporte e apoio ao professor que está em sala, para essa equipe de profissionais (agentes

e professores adjuntos de educação infantil). Essa seria a situação ideal, mas não real... Muitas vezes ela também é um membro da direção e como tal assume outras demandas. Além disso, geralmente os profissionais que atuam na secretaria/direção num EDI são reduzidos. Não têm muitos profissionais: é o diretor, o diretor adjunto e tem a professora articuladora. Então quando sai a diretora, precisa resolver algo ou para uma reunião, por exemplo, algumas vezes a diretora adjunta também não está, então a professora articuladora fica na secretaria tratando suas demandas.

Enfim, eu vejo como entraves na articulação pedagógica, quando você fica com outras funções que não lhe cabem e que muitas das vezes poderia estar fazendo melhor o seu trabalho como articuladora com o pedagógico. Fazendo aquilo que ela planejou e que muitas vezes não é possível fazer tudo, por que ela tem outras demandas é isso.

*

As palavras de Cristiane me levaram a pensar a relação entre pedagógico e burocrático, pensar o meu papel, pensar em quais demandas está-se sujeito um professor articulador dentro da EDI, pensar a partir daquelas ocasiões que por motivos vários e alheios a minha vontade tive que assumir a direção e o comando, tive que decidir algo... Lembro-me que um dia, só, por exemplo, tive de resolver sobre o que as crianças poderiam ou iriam comer. Um caso de fácil solução, porém curioso: “o caso da banana verde”. Lembro de M*** entrando na minha sala e foi logo dizendo “a banana está verde, o que as crianças vão comer?... precisa ser substituída por outra coisa”, como vamos resolver, tem maçã. Confesso que a primeira vista, achei que M*** estava apenas me comunicado, portanto fiquei calada e continuei fazendo o que estava fazendo, não disse nada, mas M*** continuava ali parada na minha frente aguardando a minha decisão que na minha vã filosofia, a própria M*** já havia decidido substituir por outro item. O que a senhora vai decidir, me pergunto M*** com alguma solenidade e que respondi com uma leve irritação, é claro, pensei eu, se a banana ainda está verde, deve-se servir outra coisa. A questão não era se serviríamos outra coisa no lugar da banana, isso M*** estava careca de saber. A questão era por que M***, uma profissional uma cozinheira e merendeira que reputo de gabarito precisava de minha autorização. É claro que M*** sabia o que fazer, e aquela não era a primeira vez que se encontrara na situação de ter substituir de última hora um item do cardápio. Todavia mesmo que as merendeiras saibam que podem fazer esta substituição, perguntam antes,

até porque tem um cardápio do dia, se chegar à fiscalização do Instituto de Nutrição Annes Dias, precisa-se dar conta da alteração do cardápio.

É importante ressaltar a importância desse instituto na qualidade das merendas das crianças, pois eles têm por atribuição coordenar tecnicamente o Programa de Alimentação Escolar na rede Municipal do Rio de Janeiro, onde se preocupam em orientar alimentação saudável como açúcar zero até dois anos de idade, bem como promover a prevenção e controle de doenças relacionadas à nutrição. Também promover evento como a Semana de Alimentação Escolar, que na educação infantil se faz o degusta que é a família almoçando na unidade escolar. Nesse dia tem sempre uma conversa sobre a importância da alimentação saudável e as famílias almoçam na escola apreciando o cardápio daquele dia. Essa ação fortalece também o laço entre família-escola.

Além desse exemplo corriqueiro... Há também conversas com os responsáveis sobre o pedagógico, onde é um dos momentos que pode ser trabalhado a desconstrução do olhar assistencialista sobre a infância e educação infantil. Questões burocráticas de secretaria, como atender telefone, os responsáveis, listar frequências e anexar relatórios no sistema. E concordo com a Cris que essas demandas se acumulam quando não tem alguém na secretaria, onde o suporte pedagógico com os professores acaba ficando em segundo plano. Principalmente para os professores da pré-escola.

A creche tem os Agentes e professores adjuntos de Educação infantil, onde estes profissionais raramente ficam sozinhos com as crianças dentro de sala. Então, a maior dificuldade como professora articuladora é estar junto com as professoras da pré-escola, por estarem sozinhas o tempo inteiro, com 25 crianças e isso me afeta, me aflige porque eu não consigo dar conta da pré-escola nesse sentido. Os profissionais desse grupamento se sentem sozinhos porque não se consegue garantir o planejamento, lei 11.738, que determina que o 1/3 do tempo seja destinado ao estudo, formação e planejamento do professor da educação básica. Em uma das portarias sobre o planejamento, a prefeitura deixou a cargo de a direção pensar em estratégias para a implementação do mesmo, sendo que devido à falta de profissionais não se consegue de fato assegurar 1/3 de planejamento desse grupamento que tem apenas dois tempos de educação física e dois tempos de literatura na infância.

Esse é apenas um pontinho de situações que se encontram num EDI. Mas se me perguntarem hoje, tudo é pedagógico dentro de um EDI, porque o cuidar e educar são ações indissociáveis na educação infantil de 0 a 6 anos, eixos que estão impressos tanto

nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil como também reafirmada na Base Nacional Comum Curricular. Isso fica muito difícil, por exemplo, na hora de explicar para os pais. Porque ao mesmo tempo o cuidar é pedagógico. O desfralde é um cuidar, mas ele também é pedagógico quando se trata da autonomia da criança. Fazer com que uma criança do berçário coma com a colher e não com as mãos esse cuidado é pedagógico.

O interessante é que Cris trouxe questões de dentro do EDI que Beto não conhecia o que fez com que fizéssemos algumas reflexões como pensar efetivamente no papel da professora articuladora. Cris traz uma questão do que deveria ser e o que é. E o que é sempre é um conceito abstrato, mas a professora articuladora é aquela que traz o conceito. Na verdade, ao invés de dizer o que que é, é mostrar essas pequenas histórias. Pensar em situações da escola para poder mostrar uma escola viva em funcionamento na sua lida, não só teórica. Pensar no que é escola? Pensar que essa professora articuladora é uma pessoa que está ligada na criança, ligada no professor que está na sala de aula, ligada na direção, ligada na merenda, ligada com os pais. E na verdade ela articula esse mundo que a criança está entrando no mundo, como nos diria Hannah Arendt, é na e pela ação livre que nós nascemos e nos renovamos, tendo o espaço público como um lugar que ele mostra o que se é. Essa profissional articula todas as ações em direção à criança que não é o ensinar que é o educar, pois educar uma criança é preciso uma aldeia inteira, de uma cidade inteira. E essa nossa conversa, minha e da Cris traz essa lida, eu não sei o que a professora articuladora é, qual é a forma que ela tem, mas ela tem uma função muito ampla.

A ideia desse bate-papo com a Cris é pensar nessa articulação que se passa no espaço de desenvolvimento infantil. Pensar quem é a professora articuladora, mas também pensar o que o professor, a direção articula, porque todo mundo articula alguma coisa. O problema é cada um encontrar o seu lugar de articulação, e questionar o papel da existência dessa profissional, por que cargas d'aguas ela precisou aparecer para unir as coisas? Ela é fruto de um sintoma. Porque a escola não é um lugar de encontro? Cada um vai para um lugar com a sua turma. Faz na sua tarefa. Aí a professora articuladora vem querendo fazer esse meio de campo, sendo uma mediadora de questões da escola.

E aí nesse encontro de tu e eu começamos pensar a escola como não sendo um lugar de encontro, onde cada um está ali realizando sua tarefa, cada qual no seu quadrado e aí me lembrei do grande poeta que diz que a *vida é a arte dos encontros*,

embora haja tanto desencontro pela vida, porque se encontrar de verdade é muito mais do que compartilhar o mesmo espaço tempo, o encontro é uma arte. A arte de conhecer o tu, o eu, o nós. É estar juntos, só assim nos tornamos humanos e autênticos. É uma construção de uma relação que não é só com o outro mais consigo mesmo. E Cris traz na nossa conversa um olhar desse encontro no espaço de um EDI, onde eles muitas vezes não acontecem porque não se tem um momento de estudo e reflexão. Temos outros momentos? Sim! Momentos que nos oportuniza trocas em espaços que nos permitem unir turmas, em fazer trabalho conjunto com outros professores ou do mesmo segmento. As crianças vão interagindo e a gente também com os outros professores. Mas se tem o hábito de fazer as coisas na conversa de corredor, até trabalhamos de maneira que as turmas estejam na mesma sintonia do projeto. O projeto nos propicia conversas na qual vamos passando pelas mesmas coisas, só que em formas diferentes. Mas ainda sim, não chega a ser a arte do encontro, porque o encontro de verdade precisa de tempo conversa de olho no olho, do sentar e pensar junto, do tu, eu nós.

E são essas histórias do dia a dia do que acontece e não acontece que foram contadas pela Cris que são importantíssimas para a nossa pesquisa. São essas coisas do cotidiano que a Professora articuladora precisa saber lidar, saber resolver os problemas e as desarticulações que surgem no cotidiano escolar. E o que é que está desarticulado? Está desarticulado o trabalho. Estamos rompendo a barreira a partir de trabalhos com projetos. A articuladora consiste em organizar um projeto pedagógico anual em que todos estejam articulados tudo e todos no mesmo tempo e espaço. O projeto é um caminho metodológico que interage muito com a educação infantil, pois nos permite trabalhar com a criatividade e ludicidade, ajudando as crianças a pesquisar, argumentar, fazer crítica, refletir e expor suas ideias. Além de articular o projeto, penso em reuniões que a gente possa trocar ideias. Preparar formações continuadas para a equipe escolar em diferentes temas relacionados à educação. Pensar em caminhos viáveis para cada grupamento. Pensar família, pensar merenda que está faltando. Não se pode esquecer que tudo é pedagógico dentro de um EDI. Quase que um bombeiro que veio para apagar o fogo que não consegue.

Na verdade nossos pensamentos fervilharam nessa conversa, porque Cris trouxe situações reais que nos possibilitou pensar nas coisas mesmas nelas mesmas, na lida do dia a dia. O que para mim, o problema não é a troca entre a equipe, pois temos muitas conversas de corredor. Mas, encontros efetivos, *a arte do encontro* não acontece na

verdade e nem em dias de Conselho de Classe, que é tanto pepino pra resolver, demandas da escola, de turmas. Que o pensar mesmo a arte de pensar nossas práticas, nas infâncias, nas crianças. Sabe pensar sem corrimão, pensar nesse fazer diário, ter realmente um encontro do pensar a educação e as demandas do dia a dia, não acontece como deveriam.

Como essa conversa da Cris também é o encontro do pensar esta professora articuladora. Hoje, nessa conversa virtual estamos tendo um encontro do pensar, nessa reunião virtual, já se deu um encontro. E aí se precisa questionar porque as trocas ainda não acontecem efetivamente. E se perguntar por que razão estamos aqui. E às vezes não sabemos responder por que viramos os tarefeiros de plantão da educação... Onde um dos caminhos desse encontro do pensar é nos deparar no que é mais importante o “conheça-te a ti mesmo” só assim se busca a verdade, diz um dos aforismos mais famosos da história grega. Saber quem se é qual o seu papel e pensar nisso a partir de si mesma. Sair dessa maquina engrenada que se dá a educação que só fica nas demandas do cotidiano. E com isso pensar que o problema não é o que faz o professor, mas no que ele se tornou: o tarefeiro. Há um desvio e isso aconteceu em todas as escolas.

Então uma das coisas que a articuladora precisa é ter clareza do seu papel, para que o outro lhe veja, não de forma inacabada, mas que a compreenda. Mas é porque o papel não estava claro e a primeira coisa que o professor articulador deve saber é o que ele é para si mesmo, é o “conhecer a ti mesmo”, para que sua imagem possa mostrar-se com clareza. E saberem que nem sempre é seu papel fazer algo, mas faz e quando isso acontece todos tem que compreender que este não é o seu papel. Eu posso até fazer, mas não é o meu trabalho. É preciso colocar isso por escrito para que a gente possa construir a professora articuladora, a partir da sua experiência. E quem sabe mais qual é o papel da professora articuladora do que a própria professora articuladora?

Aqui me deixo vagarosamente refletir sobre essa conversa e de quão é importante o pensar a mim mesma enquanto professora articuladora, porque todo esse papo com a Cris e o Beto nos fez conjectura várias ações do cotidiano de um EDI. Eis a máxima desta pesquisa que é - O que é ser de fato uma professora articuladora? – e aí vale lembrar aqui que o coordenador pedagógico ele tem função definida e estabelecida, inclusive pesquisas acadêmicas. A professora articuladora não. É jogada na rede com outro nome, fazendo muitas das vezes a mesma função de uma coordenadora pedagógica, voltado para a educação infantil. E quando isso vem estabelecido, eu não preciso ficar fazendo tudo ao mesmo tempo, atendendo a todos. Hoje eu tenho uma

noção do que é ser uma professora articuladora, mas o que Cris falou é um dos pontos principais para ser uma professora articuladora. Se eu estou ali para articular, estou ali para articular várias coisas. Mas, para mim, o objetivo central é dá esse suporte para os professores, para as crianças e para as famílias. É por causa delas que estamos ali, onde o fundamental é o suporte pedagógico.

E esse trio de tricoteiros mais uma vez pensou junto que a máxima da pesquisa é quem é a professora articuladora e a máxima de um EDI, o ponto central é a criança. Isso veio para mim com uma clareza indubitável apontando que o centro e o único lugar de discussão são as crianças. Saímos e entramos em uma batalha em sua defesa e na garantia de uma educação harmônica e de qualidade. Uma criança se educa numa sociedade, numa aldeia. Quando uma criança entra numa escola, está também o pai, é as relações da criança com a família, a relação da criança com os professores e a escola. Se a gente pegar a criança como o nosso centro... Ela é a potência que dirige nossos atos, para que ela seja no mundo. Entendi que o objeto do Amor, a criança, não pode ser tratada como um bem, mas sim o fim em si mesmo. Porque a razão da educação infantil é a criança. A essência da educação infantil é a educação das crianças.

E entre tantas prozas de crianças como potência de um espaço de desenvolvimento infantil, Cris retoma a conversa sobre a função da professora. Se pensarmos no nome Professora articuladora dar a esta função uma amplitude no fazer pedagógico, enquanto que o coordenador pedagógico é mais delimitado. O articulador, por estar na educação infantil, trabalha de forma mais ampla, multilateral, ou seja, dá esse nome amplo, que não defina o que ela vai fazer para que se possa articular tudo o que está desarticulado. Já que os Espaços de Desenvolvimento Infantis não tem uma secretaria estruturada como tem as escolas do fundamental.

E aí adentramos a nossa discussão política a partir da defesa da criança. Se a criança é o centro da articulação, então essa escola é burocrática. Porque o diretor também está cuidando e educando, tudo ali está cuidando e educando a criança que é o centro dinamizador e potencializador. Nesse momento estamos falando de como é educar as crianças, como é que nós vamos continuar dando uma educação de qualidade? Como é que nós vamos continuar garantindo a infância? Nunca foi tão importante defender a vida e a educação das crianças. Principalmente a gente que trabalha em escola pública defender a vida dos menos desfavorecidos. A educação infantil e a escola é o grande ganho dos pobres. Garantir quatro refeições por dia para as crianças que

estão dentro de um estabelecimento de 7 horas, isso é revolucionário, pois pode ser o único lugar que muitas crianças irão fazer suas refeições e a importância como já foi dito, ter um órgão nutricional que acompanha essa alimentação.

E o inesperado da coisa foi entrar na questão política que atravessa a professora articuladora, onde a Prefeitura do Rio de Janeiro não quer ter mais gastos. Porque esse coordenador pedagógico que está na escola de ensino fundamental já esteve na educação infantil. O coordenador pedagógico trabalha 40 horas, recebe uma gratificação por ser o coordenador pedagógico, hoje em dia não leva mais para a aposentadoria e o professor articulador, recebe na sua matrícula ou dupla regência. A história da educação infantil no Município do Rio de Janeiro é pormenorizada, eles abrem um concurso para auxiliar de educação infantil e depois de dois anos para professor que poderia ser um professor PII. Ainda tem um desmerecimento de ser um professor de Educação Infantil num concurso de Ensino Médio normal. Não estou falando que um professor de Ensino Médio não possa dar conta. Mas estou falando da importância da formação, por estar lidando com crianças e bebês que poderiam ter professores de formação e de qualidade.

A ideia é defender uma educação pública e de qualidade e não desmerecer esse profissional que chega em massa, mas pensar em professores graduados e bem preparados, pois é um *novo ser que chega ao mundo*. Estamos lidando com crianças que estão na idade e na plenitude do conhecimento. Então, um dos temas da professora articuladora dever-se-ia trabalhar com algumas teses, sobre o conhecimento, sobre a ética. O trabalho do articulador é intelectual, ele não é manual. Ele não é um tarefeiro, mas é o cara da articulação. Ele precisa organizar e discutir reuniões coletivas, discutir sobre o que é conhecer, sobre ética, porque é isso tudo que a gente tem que estar ajudando as crianças a ver. Com importância da leitura e da literatura. Educação Infantil é a porta de entrada para o novo, para o conhecimento. O que for feito é definitivo na vida dela. A questão não é elitizar o ensino, quando falamos da formação dos professores na modalidade normal. O problema é que às vezes leiam a educação infantil como um lugar de babá mesmo. E muito mais fácil dar aula na universidade do que dá aula na educação infantil como se deveria. Esse professor é um epistemólogo, ele é um conhecedor das Infâncias, ele é um erudito da infância. Ele é um sujeito de conhecimento de infância, de conhecimento sociológico. Para apoiar as crianças, não pode ser um alienado. Ele vai lidar com a violência na infância.

Então contar a história dessa equipe é maravilhoso. Porque a gente pensa que pesquisa na escola é para falar dos problemas, NÃO! Há vida, além da pandemia, á

vida. É um belo registro, o funcionamento de uma escola. A educação pública precisa ser defendida. A gente só fala mal da educação pública. Mas as pessoas têm uma visão. Então a gente precisa contar essas histórias reais. Essas histórias de experiências como professora articuladora.

E nos deparamos com alguns caminhos, porque o caminho só se faz caminhando, tendo a arte do encontro. E assim acabou nosso bate-papo virtual com a Cris, um caminho de discussões e pensamentos no fazer aí dessa profissional, a de pensar as coisas nelas mesmas, na lida do dia a dia, nas questões mais árdua da professora articuladora, que é encontrar um caminho, mas o meu caminho, no meu contexto, no Espaço de Educação Infantil Ludmila Máximo Moreira Cardoso.

ENTREVISTA ANA CARLA

Ana Carla chegou ao EDI, no ano da pandemia, mas naquele um mês de convivência nos identificamos, e muitas trocas aconteceram, pois já vinha com uma bagagem de anos pela educação na rede privada principalmente na coordenação pedagógica. Conhecemo-nos como professora adjunta de educação infantil, hoje se encontra com os maiores, como professora do ensino fundamental. Lindo caminho para ti, lindo caminhar no tão pouco tempo no EDI Ludmila. E nossa conversa começou ainda em tempos de pandemia com a seguinte questão: Ana qual seria a função da professora articuladora?

E ela começa nossa conversa assim: a professora articuladora articula os conhecimentos eu acho que está ligada a palavra mesmo, vai fazer uma ponte entre o conhecimento e a equipe pedagógica, o que ela deseja que aconteça e o que a equipe vai entender da proposta naquele momento. Antes, eu não sabia o que era uma professora articuladora e eu ligava muito a ideia de coordenador pedagógico, porque eu vim da rede privada, só que a professora articuladora na rede pública, ou então a Dani que passa a impressão, sempre vem com o assunto muito amarrado. O amarrado que eu digo é bem prontinho com as ideias que ela vai lançando. E aí as pessoas vão pegando a ideia e as pessoas vão comprando sabe, como se cada um pegasse fragmentos e as pessoas vão compondo o que ela deseja que aconteça. Não o que ela deseja, mais realizando os projetos com a ideia central. Eu falo muito da rede privada, porque eu estou há muito tempo e estou na rede pública desde novembro do ano passado (2019). Então, eu não tinha uma ideia prévia. Eu não sabia o que ia acontecer, mas eu fiquei maravilhada com a escola que eu passei antes. Eu posso falar que achei tradicional tá? Desculpa, sendo um pouco antiética, mas quando eu vim para cá me identifiquei mais, por já ser uma proposta que eu já trabalhava na rede privada que é o trabalho com projeto. Eu sei que a outra também trabalhava com projeto, mas um projeto que se perdia quando vinha pronto. A professora articuladora articula e vai jogando as ideias para que os projetos sejam montados. Então, aqui tem muita liberdade para que cada professor possa falar sobre o assunto e fazer com que mostre o seu potencial. O que a criança pode aprender o que ele espera que vai acontecer com a sua turma naquele momento e se não acontecer, pensar em alguma coisa que possa acontecer de outra forma, eu acho que a professora articuladora é fundamental. Eu vejo a gente trabalhando, assuntos muito pertinentes a atualidades, assunto que eu nunca pensei em trabalhar na rede pública por serem

assuntos às vezes muito delicados e difíceis, mas que a gente trabalha dentro do possível, mas com muita naturalidade e as coisas vão se organizando muito bem. Dentro da Ludmila a gente tem um grupo que compra a ideia, pega e assume pra ele. A pessoa se sente fazendo parte daquilo tudo. É muito gostoso só vivendo isso, para você saber.

*

Nesse primeiro momento com a Ana nos deparamos com algumas questões que o Beto não conhecia como foi a sua chegada ao EDI, onde ela conta que fez um concurso para PAEI (professora adjunta da educação infantil). Esse concurso não é para professora regente. Ana nos conta que já tem vinte e dois anos de magistério e que veio da rede privada, de uma escola particular que já trabalhava há dez anos. Ela trabalhou onze anos numa escola tradicional até o último fio de cabelo. Aqui se entende como escola tradicional, como aquela ainda centrada no conhecimento do professor, onde a criança é apenas uma tábula rasa, passivo nesse processo educativo. A ideia de uma educação bancária, apresentada por Paulo Freire como *um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante*, ou seja, a ato de depositar conhecimento no educando como se fosse meramente um receptáculo.

Mas, quando passou para esta outra escola privada, conheceu um novo caminho, onde ficou muito feliz de trabalhar com a metodologia de projetos. A metodologia de projetos tem o intuito de realizar um processo educativo intencional, criativo, autônomo que possa despertar a curiosidade, diálogos e reflexões. Hoje na Ludmila, está num lugar de muita felicidade, e de muito conforto, mas não um conforto a leva a estagnar, mas que é remexido o tempo todo, pois as discussões levam as pessoas a pensar de maneiras diferentes e reaprender o que se traz de ranço de muitos anos.

O que Ana quis dizer sobre ranço, que ainda tem, na educação é que na nossa Unidade Escolar sempre discutimos muito as questões da diversidade, seja ela de gênero, raça, indígena, étnico-racial, crianças incluídas. E isso na pandemia ficou evidente porque tivemos vários encontros *on-line* para formação, incluindo o grupo de estudos que realizamos com o Beto. Esses temas ainda são muito estigmatizados, onde devemos ter ainda muita leitura e um olhar muito cuidadoso para não manter o preconceito.

E toda essa formação quem pensa e encontra caminhos é a professora articuladora, então mesmo que Ana tenha estado fisicamente pouco tempo, insistimos na pergunta, no que ainda precisava ser articulado. Ana responde com cautela que o que falta é as pessoas terem outro olhar para o que é novo e não o trabalho da articulação em si. As pessoas têm muitas ideias presas as suas concepções. Então modificar isso é um trabalho diário e devagar. A ideia é lançada e vai modificando um aqui, aí eu não consigo modificar três, três ainda tem aquela preconceção. Eu coloquei uma *live* para que pudéssemos discutir e trabalhar a diferença de gênero. E Ana me mandou uma mensagem no privado maravilhada, porque nunca pensou em estudar dentro de uma rede pública questões sobre gênero, por ser um assunto muito difícil para todo mundo, principalmente para as pessoas que tem concepções religiosas muito fortes. Então, modificar pessoas diferentes que tem aquilo já dentro delas, essa é a dificuldade. Além disso, estamos lidando com pessoas diferentes todos os dias e precisamos saber lidar e entender o limite daquela pessoa.

Eu prontamente entendi o que Ana Carla esta falando, porque quando você está sozinho na sala de aula é você com as suas concepções... De infância, de vida e aquilo que você acredita o que tem que passar para as crianças. E na creche é muito diferente, no berçário onde ela se encontrava na época da pandemia, era um professor e mais quatro profissionais, então olha quantas concepções de vida há dentro de um berçário? São quatro adultos agindo de maneiras diferentes, para dar uma direção para aquele grupo de crianças. A creche tem essa particularidade que não é o professor sozinho, é o professor junto com agentes e professores adjuntos. Por mais que o professor dê um tom, o outro também é importante de ouvir, de participar. Quando eu Dani estou com o grupamento de bebês gosto que a equipe que esteja comigo participe das ações. A gente conversa sobre todo o planejamento e os incluo na rotina das crianças. Realmente não é fácil. E no grupo a gente sempre discutiu muito sobre essa questão de gênero, diversidade crianças com necessidades, com dificuldades de aprendizagem. Para a gente saber lidar mesmo com o diferente de nós. E Ana Carla chegou esse ano. Trabalhou um mês e veio a COVID. Então os pepinos ainda não conseguiu pegar.

E como Ana pegou o berçário queríamos saber um pouco mais sobre esse trabalho com bebês. Como já tinha sido coordenadora de uma creche, nunca deixou de ir à sala de aula e ficar no meio da creche. Como é que ia ensinar o trabalho se eu não soubesse fazer? Então ficava sempre ali envolvida para ver o que acontecia. Quando se

trabalha com bebês as pessoas que estão de fora, acham que não acontece nada pedagógico. Só cuidar, trocar a fralda, dar comida. Daí a criança vai crescendo porque você cuidou, você fez tudo e não aconteceu nada. A concepção que as pessoas têm de bebê na creche é meramente o de tomar conta, mas deve-se lembrar de que o cuidar e o educar são ações indissociáveis na educação infantil. A gente tem que observar o desenvolvimento, o crescimento, a fala, o sentar, o olhar é tudo muito observador e saber como que uma criança está se desenvolvendo, até criar um olhar aguçado, a ponto de precisar mudar algumas estratégias. Percebe-se alguma coisa no olhar da criança, no andar, no jeito que a família entrega criança, você já observa algumas coisas diferentes. Você consegue perceber nos pais como tratam a criança, na maneira como eles entregam, na maneira que eles entregam a mochila para você. O jeito que é cuidado a mochila já sabe como é que acontecem as coisas em casa, se é organizado, se é normal, porque tem gente que é organizado demais. Passar pelo berçário é saber que cada criança tem seu tempo de desenvolvimento.

É lindo acompanhar o crescimento, a criança sentando, segurando e ai depois balbuciando as primeiras palavrinhas, depois ficando de pé, andando. E participando das coisas também, você observa como ela se comporta cantando, se está participando da rodinha, se está batendo palma, se ela está prestando atenção nas coisas que a professora e cuidadores também estão falando, ela estar participando faz parte daquele grupo é muito bom ver o desenvolvimento.

A maior questão na articulação de pessoas é na creche. Ana aponta que passou para um concurso para professora adjunta, e entende que tem uma hierarquia, mas aqui na Ludmila não sente essa hierarquia pois é tudo junto e misturado. Só que a professora tem mais responsabilidade, ela que vai determinar como vai acontecer a rotina, o que ela quer que aconteça, a gente vai participar de tudo, a gente vai até pensar junto, mas a palavra final é da professora regente. Tem as agentes que estão lá para auxiliar com tudo, que participam do cuidado e da parte pedagógica também.

Entramos nesse assunto porque a prefeitura lá em 2008 fez um concurso errado e só em 2019 vem corrigir com o novo concurso de PAEI, então o professor articulador precisa também encontrar estratégias para que haja harmonia entre as pessoas. A ideia central do nosso trabalho vai sempre cair num denominador comum, à criança. Sempre penso que estamos ali em prol das crianças, mesmo cada um tendo seus salários e feito

concursos diferentes. Estamos prestando um serviço à comunidade. Esse trabalho tem que ter um diálogo onde um não é melhor que o outro. Mas não foi o que aconteceu com a Ana antes de vir para o nosso espaço, onde ficou dois meses e meio. Via a diferença de trabalho e de tratamento. Era a hierarquia que funcionava, colocando cada pessoa no seu lugar. Tipo reunião de professores em assunto pedagógico, PAEI e nem auxiliar participavam da reunião. Isso vem de direção para direção, de professor articulador para professor articulador, mas quando a equipe não trabalha junto, as coisas não fluem. Era uma diferença, uma briga, uma guerra. Quando chegou, ao final do ano, eram três professoras adjuntas para mesma escola, estavam todas felizes, não ligavam para cara torta que faziam, continuavam cantando e brincando com as crianças. Sua função era ajudar a cuidar, se mandavam trocar dez fraldas, limpava sorrindo. Até as aceitarem era muita cara torcida, muita cara feia porque as próprias pessoas que fizeram concurso lá dentro da escola, não tinham sido chamadas ainda, foram chamadas esse ano (2020). E aí o problema, uma pessoa nova na escola, vai tirar minha vaga, vai tirar o meu lugar. Mas a escola que fazia essa diferença, reunião diferenciada coisas que só pertenciam a professores, aí criavam os buchichos e desconfortos. Ana ficou um mês na Ludmila e nunca sentiu essa diferença. É claro que tem a hierarquia, a gente tem que respeitar o espaço do outro, se tem uma professora na sala de aula.

Esse acirramento se dá por várias questões dentro do Município, por concurso errado, pessoas e políticos que instigaram essa disputa, então nunca houve uma união entre esses profissionais até porque o primeiro concurso por ser de ensino fundamental, os auxiliares não faziam parte nem do corpo de professores. Quando cheguei em 2012 eu tinha medo, porque falavam pra eu ter cuidado com os agentes de educação, que eu estava entrando no território deles. A gente entra como professora regente num lugar com pessoas que já estavam ali pelo menos uns três anos fazendo tudo. Teve escola que chegou perto dos agentes e auxiliares e falou q não podia mais chegar perto da agenda, não podia mais escrever no diário. E eram coisas feitas por eles, por não haver professores. Em alguns espaços tem essa diferença muito marcada, cria uma rixa dentro do próprio segmento de professores. Não estou falando que a Ludmila não passou por algumas coisas no início, mas fomos aprendendo, e eu não era Professora articuladora quando cheguei à Ludmila, mas tinha umas coisas mais centradas no professor e aí fomos reorganizando o grupo. Tem coisas que eu falo diretamente com o professor para resolver logo, mas as reuniões são para todos, porque todo mundo esta cuidando e

educando as crianças. Todos precisam ter um olhar de concepção de infância, o que o nosso espaço pedagogicamente quer passar, precisamos ter uma fala próxima até para conversar com as famílias, não é só o olhar do professor. Afinal estamos juntos e misturados dentro de uma sala de aula em prol da criança. Para mim, professor regente e adjunto é uma questão de nomenclatura porque são todos professores, cada um com suas especificidades.

E concluo que enquanto a gente não entender, que o cuidar e o pedagógico são intrínsecos na educação infantil, não vai para a educação infantil. É uma turma com 25 crianças, ahh eu vou ficar só com o pedagógico, o cuidar não. É impossível você não pegar e dar um banho em uma criança que está precisando de um adulto. Você está sozinho com uma criança, fez as necessidades dela, aí vai esperar alguém. A criança caiu e se machucou eu não vou ajudar porque eu sou professora? Não é um assunto fácil, se eu estiver no berçário eu não ligo de botar a mão na massa. A gente vai se ajudando. Já trabalhei com as meninas com braço ainda em recuperação, e elas foram de um acolhimento. Sabíamos que seria difícil no início. Eu não conseguia dar o banho e nem pegar criança no colo, então tentei suprir de outras maneiras. E é isso, eu acho que quando você está trabalhando com o outro, com um grupo grande, precisa saber lidar com o outro.

Não têm como não fazer nada com 25 bebês, então sim quatro pessoas cuidando desse montão de crianças, cuidaria do mundo inteiro. E aí tocamos na rotina dos bebês que no início do ano você tem todos chorando. Tem cinco ou seis crianças em cima de você. Todo mundo igual um polvo para dar conta de tudo. Você percebe que a outra tem mais afinidades com aquela criança, vai se entendendo pelo olhar com a amiga que trabalha com você. A criança que te escolhe, olha para você e para perto e aí já sabe, esse aqui já ganhamos. Tem uns que te olham e nem querem chegar perto, depois que se acostuma com todos ali dentro. Mas no primeiro momento, é a criança que te escolhe. Eles que mandam e te direcionam o tempo inteiro.

Além dessa rotina temos o pedagógico que andam juntos e misturados que no berçário eles vão aprender através da interação de música, contação de histórias, fantoches, mexer em papel como amassar, rasgar, colar, pintar, mas tudo dentro do projeto, com aquele tema que todo mundo esteja trabalhando. Algo que seja pertinente a eles, algumas atividades de coordenação grossa como correr, pular, rolar. Bem como

desenvolver a coordenação fina, brincadeiras com som, ritmos, eles vão trabalhar a expressão corporal o tempo inteiro, reconhecerem o próprio corpo, reconhecerem o outro, como que eles vão estabelecer esse contato. Desenvolver a interação com as crianças da própria idade. Porque antes eles estão dentro de casa com as suas famílias, com adultos, e eles que mandam. Essas coisas de aprender a dividir, aprender a brincar, a criança pequena não sabe brincar com outra criança. Eles vão inicialmente brincar sozinhos, mais tarde que eles vão começar a dividir a brincadeira. Ter mais atenção na hora do pedagógico, prestar mais a atenção no adulto. O adulto que vai fazer, eles vão reproduzir, eles vão cantar igual, eles vão bater palmas igual, vão mexer a cabeça. Reconhecer que tem olhos também, vão se reconhecer no espelho, saber que um tem o cabelo diferente do outro.

E uma das questões que mais são desenvolvidas no berçário que é muito perceptível é a oralidade de uma criança de creche. Quando ela entra, aumenta muito o seu vocabulário. Eles têm línguas próprias, você os percebe se comunicando com o outro, conversando na linguagem deles. Tudo é através das brincadeiras, não tem uma hora exata para fazer o pedagógico no berçário, vamos parar tudo e fazer o pedagógico agora. Não é assim no berçário. E sim todos os professores deveriam passar pelo berçário, principalmente para os maiores, nos dá um olhar de como deveria ser um professor de pré-escola. De como que a brincadeira é importante. Quando chega à pré-escola o professor e a família estão preocupados com a alfabetização e a intenção desse grupamento é propiciar o letramento e a criança que for conseguindo ler e escrever, daremos continuidade a isso, mas não é a preocupação. Quem passa pelo berçário vê como a brincadeira estimula e a sua importância para o desenvolvimento da criança pequena. O berçário foi um ganho para as crianças pobres, pois não teriam isso em casa, no EDI são tratadas com respeito e civilidade. Digo o quão importante é, pois vemos o bebê como outro alguém.

A conversa sobre bebês nos deu pano para manga, Beto perguntou e aí tem homens trabalhando no berçário? SIM! Temos um professor regente na turma nos bebês o Márcio. Tiago e Rodrigo estão em outros grupamentos. Eles são maravilhosos e a figura masculina é importante, as crianças gostam porque às vezes é a única voz que vão ter na vida deles. A maior dificuldade está no entendimento dos responsáveis. Isso

quebrou um pouco, mas podem surgir questões com a família como: se ele dá banho, troca a fralda. Quando isso acontece é preciso fazer todo um trabalho com as famílias de acolher e assegurar que eles estão ali passaram por avaliação, são concursados e que estão aptos para aquela função. Tenho um amigo (Rodrigo Merat) que tem uma pesquisa bacana, homens na educação infantil. Colocamos sempre para as famílias que entendemos a sua preocupação, mas vamos sempre mostrando nosso trabalho, o trabalho de equipe, que se tem a preocupação dos próprios profissionais homens de não estarem totalmente sozinhos. Os três citados estão no EDI há anos, então, no nosso caso as famílias vem acolhendo bem, mas pode surgir de uma família indagar, como já aconteceu e termos que enquanto direção, conversar com esta família. E esta entrar na questão de gênero tanto em relação ao professor homem, como da importância do próprio tema na educação infantil. Porque aí entramos nas questões de que há brinquedos de meninos e meninas, casinha é para menina, carrinho para menino e são coisas que já vem de casa com as crianças e as famílias que reforçam. Então temos o cuidado de realizar este trabalho. Tivemos uma criança que tinha preferência por bonecas e gostaria de ter cabelo grande. A mãe chegou à professora e pediu para que ela tirasse a boneca da mão dele quando visse ele com uma boneca, a professora respondeu que isso era uma coisa de família, pediu para resolver em casa, pois ali ela via como qualquer outro brinquedo, e não queria interferir na brincadeira dele, além disso, ela era sozinha numa turma de 25 crianças de pré-escola. E por isso a importância de trabalhar, ler e da formação da diversidade na educação infantil, onde percebe ainda muito o racismo e preconceito. Terminamos nossa conversa com a sensação de que o assunto nunca se acaba, quando se fala de articulação na educação infantil, muitos assuntos se entrelaçam e que afetam a identidade e a autoestima da criança desde o berçário.

CAPÍTULO V - RESULTADOS E DISCUSSÕES

A professora articuladora é uma gestora de pessoas e de pensamentos.

(Beto Carvalho)

5 O fazer-pensar

Tudo narrado até aqui tem sua importância para constituir o ser-aí da Professora Articuladora que estou sendo na Rede do Município do Rio de Janeiro. Precisei passar por esse caminhar para construir aqui a essência central dessa dissertação: Que é ser uma Professora Articuladora?

E para discutir o ente dessa profissional, como se tem feito até agora, precisa buscar o significado do que seja articular. Adjetivo substantivo feminino: aquela que articula que possibilita a articulação, que estabelece contatos, combinações. Até aqui pode-se pensar que Professora Articuladora é aquela que articula e estabelece contatos.

Cabe retomar o processo histórico que a professora articuladora vem vivenciando na Rede do Município, que vem junto com a responsabilidade de reestruturação dos Municípios em englobar a educação infantil na Educação Básica, com a LDB de 1996. No Rio de Janeiro, findou essa inclusão em torno de 2003, que tinha como estrutura inicial 1 diretor ou a diretora, 1 professor ou a professora articuladora, recreadores e merendeiras.

Com a LDB de 1996, a Educação Infantil passou de assistencialista a práticas mais pedagógicas para essa faixa etária, onde o educar e o cuidar são parceiras no desenvolvimento dos pequenos. As crianças ficavam com os recreadores e cabia a professora articuladora a função planejar, articular e dinamizar o pedagógico com as crianças. Nesse primeiro momento o seu papel central era desenvolver essa criança integralmente nesses espaços, através de práticas mais pedagógicas. Quem dinamizava essas atividades eram professores e professoras regentes, PII, do próprio Município do Rio, nomeadas para esse fim, já que não tinha professor e professora regente para cada turma.

Esse é o panorama inicial da professora articuladora, que está na Rede do Município do Rio de Janeiro desde 2003, onde os estudos e leituras são bem escassos. A primeira leitura da Professora Articuladora foi encontrada na Resolução SME nº 816 de 05 de Janeiro de 2004, que normatiza o funcionamento das creches públicas do Sistema

Municipal de Ensino. Fui ter acesso a esse documento anos depois da minha atuação como Professora Articuladora. Esta resolução tinha como formação inicial a Direção, o professor regente articulador, recreador, cozinheira, lactarista e auxiliar de serviços gerais, onde hoje o corpo de profissionais não são mais os mesmos, alterando assim até suas funções do professor articulador dentro de um Espaço de Desenvolvimento Infantil que é composto hoje em dia por diretor/a, diretor/a adjunto/a, professor/a articulador/a, Agentes de educação infantil, professor/a de educação infantil, professor/a adjunto de educação infantil, cozinheira, lactarista, auxiliar de serviços gerais. Depois de 17 anos de esta profissional estar na rede, a Secretaria de Educação promulga a Resolução SME n.º 270, de 02 de julho de 2021⁴³ que estabelece as atribuições e os critérios de requisição para o exercício da função de Professor Articulador e dá outras providências bem como: mediar o currículo junto aos profissionais e a direção da Creche e Espaço de Desenvolvimento Infantil nas atividades de planejamento, execução e avaliação curricular, cumprindo o que é proposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, na Base Nacional Comum Curricular e em outros Documentos Oficiais; assessorar tecnicamente o projeto político pedagógico da unidade; oferecer formação de professores, organizar Centro de Estudos e Concelhos de Classe, mantendo o grupo motivado integrado e atualizado; executar e criar estratégias para a divulgação do programa MULTIRIO e articular ações pedagógicas às crianças incluídas.

A partir desta resolução analisei alguns pontos importantes a serem discutidos na educação infantil, porém é negligenciado. Como a importância da professora articuladora em discutir, executar, planejar ações que envolvem as questões de gênero, raça, indígenas e quilombolas. Bem como estreitar laços afetivos e formativos com a família-escola-comunidade, tendo em vista o bem-estar das crianças, já que além de mediadora dos profissionais que ali estão, estamos neste espaço para desenvolver as potencialidades das crianças.

Por mais que eu tenha em tese funções próximas as de uma Coordenadora Pedagógica, não sou ainda reconhecida como pedagógica. Este documento ainda não foi discutido na Rede e nem se sabe a divulgação da mesma nos Espaços de Desenvolvimento Infantil. Por muitas vezes esta profissional é vista sem importância dentro da Educação Básica. Em coisas básicas como um simples e-mail vindo da

⁴³ SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Atribuições dos cargos da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.** Disponível em: <http://www.rio.gov.br/web/sme/atribuicoes-dos-cargos>. Acesso em: 20 jan. de 2021.

Secretaria Municipal de Educação e até mesmo da Coordenadoria que seria destinado ao pedagógico, eu, a Professora Articuladora não é mencionada. Somos à base dessa construção, se a criança se desenvolve na sua integralidade, seu caminho no Ensino Fundamental pode ser menos impactante. Principalmente se tiver o meu reconhecimento pedagógico e as atribuições bem definidas.

Então qual seria o meu papel como articuladora dentro de um espaço de desenvolvimento infantil? Dentre conversas com a equipe de profissionais do Espaço de Desenvolvimento Infantil, pesquisas e pensamentos entre eu e o Beto, refletimos algumas interpretações do ser-aí dessa profissional da rede, do meu papel de Professora Articuladora:

Gestora de pessoas

Em nossas discussões surgiu que a professora articuladora é uma gestora de pessoas. Gestora é o feminino de gestor; O mesmo que: administradora; a que planeja; a que organiza. A Professora Articuladora tem uma relação próxima com a comunidade escolar com as famílias, as crianças, os professores, as merendeiras, as faxineiras e a comunidade em torno do Espaço de Desenvolvimento Infantil. Ela que vai mediar à relação entre escola e comunidade. E essa relação só pode existir através de um posicionamento ético, com entendimento do outro, onde muitas vezes compreender não é concordar e assim possamos realizar um bom trabalho pedagógico.

Nós, professores e professoras, devemos ter uma responsabilidade ética no exercício do trabalho docente como o respeito ao próximo; a diversidade negra, indígenas e crianças inclusivas; as relações que estabelecemos entre responsáveis e funcionários e funcionárias da educação *quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana*⁴⁴. Os professores estão a todo o momento sendo no mundo, se constituindo socialmente e historicamente nesse processo. Um ser que aparece (ARENDDT, 2019) que intervém que transforma que rompe.

⁴⁴ FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996 (p.18).

Estar “sendo” professora é *criar imagens de uma profissional que escolhi ser, naquele momento, escolhendo-me eu me lanço no mundo*⁴⁵, então ser ética é aparecer para o outro. Educamos, somos responsáveis por aquilo que fazemos na vida, como professora, como formadoras, como professora articuladora, com os responsáveis, com as crianças e com os/as profissionais que trabalhamos. Segundo Kant a ética é inevitável, ou deveria para todos os seres humanos, e principalmente para professores e professoras.

Gestora de conhecimento

Conhecimento no dicionário é ato ou efeito de conhecer; Ideia, noção; Informação, notícia, ciência; Prática da vida, experiência; Discernimento, critério, apreciação; Consciência de si mesmo, acordo; Portanto gestar o conhecimento é administrar o conhecimento. Mas o que é conhecer?

Conhecer para o filósofo Kant é que primeiro que todo ser humano é dotado da razão, ou seja, tem a faculdade de pensar. E suas duas principais fontes de conhecimento do sujeito é a sensibilidade (empirismo) e o entendimento (racionalismo). Sensibilidade é o modo como os objetos são percebidos pela intuição, como somos afetados por eles; e o entendimento como são pensados os conceitos desse objeto. Ao compreender os objetos as mentes também alteram essas coisas. A sensibilidade ela será percebida de formas diferentes para cada indivíduo.

Um das maneiras que a nossa mente tem em conhecer a realidade é o espaço e o tempo discutido por Kant, onde sem as intuições do espaço e do tempo seríamos incapazes de compreender a realidade em si, eles preexistem na faculdade do sujeito. Para o filósofo espaço e tempo são atributos do sujeito e condições de possibilidade de qualquer experiência. Kant chega a uma síntese entre racionalismo e empirismo sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado, e sem entendimento nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas⁴⁶.

Conhecimento é o ato de conhecer algo ou alguma coisa, a maneira que adquirimos. E uma das propostas de Kant é pelas sensações, pelas experiências e vivências. As crianças pequenas, por exemplo, principalmente as do Espaço de

⁴⁵ SARTRE, J-P. O existencialismo é um Humanismo. São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.

⁴⁶ KANT, I. Crítica da razão pura Os pensadores Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

Desenvolvimento Infantil seus conhecimentos advêm principalmente pelo corpóreo sensorial. Como já defendido por Aristóteles, a criança é sensorial, passa pelos sentidos, mas como também diz Kant, um bebê constrói seus primeiros conhecimentos através da experiência, mas nem todo conhecimento provém da experiência, passa pelo entendimento, pela razão. A principal função da professora articuladora como gestora de conhecimento é mediar junto às crianças e aos profissionais que ali estão o conhecimento, entendimento que passa pela razão. Já que o sensorial, como aquele objeto lhe afeta, é sentida de forma diferente por cada indivíduo.

Com as crianças, o conhecimento vem através do Projeto Pedagógico Anual (PPA) e com os professores no processo de formação.

Teoria e a prática

A professora articuladora irá vincular o conhecimento entre a teoria e a prática. A palavra teoria é um substantivo feminino que quer dizer um conjunto de regras ou leis, mais ou menos sistematizadas, aplicadas a uma área específica ou conhecimento especulativo, metódico e organizado de caráter hipotético e sintético. E prática, substantivo feminino, ato ou efeito de praticar; o que é real, não é teórico; realidade; práxis. Podemos dizer então que teoria são pensamentos sistematizados sobre algum determinado assunto e a prática aquilo que acontece na realidade, mas essa realidade também pode ser vista através de uma práxis, observada por Paulo Freire, como algo dialógica e transformadora da realidade, uma reflexão entre teoria e prática que contribua para a consciência crítica dessa realidade.

Vai caber a mim, professora articuladora, ser a mediadora entre a teoria e prática principalmente através da formação pedagógica, que para Paulo Freire os saberes *são indispensáveis à prática docente*⁴⁷ cabendo ao professor e a professora refletir sobre a sua prática pedagógica, que são apreendidos e adquiridos ao longo do seu caminhar profissional. A teoria e a prática do professor e da professora de educação infantil precisa estar de acordo com documentos oficiais e pensadores da infância e refletir nos aprendizados, nas estratégias, nas possibilidades e nas necessidades das crianças.

⁴⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 20ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (p.12).

Mesmo tendo muito pensadores que reflitam a educação infantil, ainda percorremos um caminho tênue entre o cuidado e educar. Ora pensado apenas no cuidado, como a criança estar num Espaço de Desenvolvimento Infantil este ser um lugar de certa maneira confiável para tomar-se conta, ser alimentada e higienizada. Ora pela supervalorização da educação infantil como um processo de alfabetização. O que vai fazer com que a Professora Articuladora pense com as famílias e os profissionais de educação essa relação entre a teoria e prática, vida e conhecimento. É preciso pensar nessa comunidade, porque estamos sendo-no-mundo. E estar sendo-no-mundo para Heidegger⁴⁸ é essencialmente com os outros.

Paulo Freire nos agracia *que a leitura do mundo precede a leitura da palavra*⁴⁹. Ler vem do latim *legere* que significa colher, recolher, reunir. Então percebo que ler o mundo é recolher-se, meditar no que se vive, no que se sente, no que se experiência. Para Paulo Freire toda palavra é *palavra-mundo*, pois ela reúne o mundo de fora e o mundo de dentro, portanto, cada leitura de mundo será diferente para cada pessoa. No entanto, penso que precisamos nos recolher mais enquanto seres pensantes. Levamos muitas vezes a vida no automático, sem pensar nas nossas atitudes e vivências do cotidiano.

E essa atitude vai nos levar a outra questão da Professora Articuladora, onde a teoria e prática por muitas vezes não se conversam, por acharmos que um pensamento possa vir a ser universal, justamente porque não nos recolhemos pra pensar sobre elas. A práxis pedagógica precisa ser meditada sem corrimão. Que nos possibilite pensar na teoria sim, mas de forma transformadora e cabível até certo ponto ou não para um determinado acontecimento. Ou até mesmo, refleti-la de forma mais aberta, dinâmica, consciente e mais autônoma no processo de aprender.

Além disso, a construção do conhecimento se dará no caminhar da autoavaliação revendo sempre os teóricos, os conceitos de educação e infância, das novas tendências, pensar o hoje e o agora, compreendendo que sempre estamos no papel de aprendiz, de que nada sei, de olhar o Espaço de Desenvolvimento Infantil de novo, em um eterno vir a ser.

Cabe-me pensar que esta professora articuladora é uma teórica do cotidiano, já que cada Unidade Escolar fica numa determinada localidade, numa determinada

⁴⁸ HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, RJ: Vozes, 2012.

⁴⁹ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam. 49ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

estrutura e numa determinada realidade. A palavra cotidiano é um adjetivo, algo que acontece diariamente; que é comum a todos os dias; diário. Posso concluir que a Professora Articuladora é uma teórica do cotidiano, o cotidiano é o próprio *ser aí* da professora articuladora.

Ser aí no mundo é ser uma pessoa que pensa, que articula e que sistematiza suas conjecturas, de acordo com as vivências e experiências que ela tem com o seu grupo, com o outro, levando em conta também os aportes teóricos que envolvem a educação e a educação infantil. *Ser-no-mundo*⁵⁰ é ser essencialmente social, principalmente com o nosso modo cotidiano de ser com os outros, de forma impessoal, no imediato da experiência com outras pessoas.

A arte, a vida e o conhecimento.

O que seria da vida sem a arte e sem o conhecimento? A arte, a vida e o conhecimento são três campos da cultura humana, Mikhail Bakhtin diz que lamentavelmente esses três campos são experienciados pelo ser humano de forma fragmentada, ora *está na arte, não está na vida e vice-versa*⁵¹. Cada qual tem seu mundo particular, onde não dialogam entre si, ainda que estejam lado a lado e se toquem, em si mesmas são estranhas umas às outras.

Como pedagoga, percebo que uma das possibilidades da arte, da vida e do conhecimento serem estanques no ser humano, viria de uma visão tecnicista e positivista que permeia até hoje na nossa vida, não só na educação. Vivemos ainda numa dicotomia nas ciências sociais.

Uma ciência positivista visa um único conhecimento verdadeiro, havendo uma separação entre sujeito e objeto. Onde compartimentamos saberes, cada qual no seu mundo, criando especialistas e generalistas em uma determinada área, como a parcialização e disciplinarização do saber, o que acarreta efeitos negativos nas ações dos seres humanos. Além disso, a educação tecnicista tem visão modeladora do comportamento humano. Onde o ato criativo e dialógico não acontece.

⁵⁰ HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, RJ: Vozes, 2012.

⁵¹ BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. In.: **Estética da Criação Verbal**. 6ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Para Bakhtin essa relação acontece de forma mecânica e externa a nós, onde o artista e o homem, mesmo sendo uma unidade, veste a roupa que mais lhe cabe naquele momento, sem entender que ele é isso tudo ao mesmo tempo. Se o ser humano é uma unidade e esses três campos são uma unidade que se dialogam, então o que vai garantir que a arte, a vida e o conhecimento aconteçam será a responsabilidade.

Responsabilidade esta que cabe a nós educadores e professoras e professores articuladores serem responsivos e dialógicos pedagogicamente, orientando que a criança tenha no seu desenvolvimento integral esses três campos da cultura humana. De certa maneira percebo que o currículo na educação infantil é transdisciplinar, ou pelo menos deveria. Mas quem vai dar o tom da arte, da vida e do conhecimento é o educador, que para isso também precisa ter um olhar estético de vida e de mundo para poder oferecer a essa criança a unidade desses três campos.

Nessa unicidade, todo ato criativo ele é responsivo⁵² e dialógico, pois não é só o artista que realiza a criatividade, mas o espectador também faz parte desse ato criativo, pois quando ele interpreta e ele experiência uma arte ele trás para si e para a vida dele. Temos então como educadores um ato responsivo e responsável, onde a base ética ou o princípio comum seja de eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro. Uma postura ativa, interessada, onde as categorias temporais e espaciais sejam marcadas por uma intencionalidade única desses sujeitos, sujeitos principalmente autorais.

Além de educadores e crianças serem autorais, somos responsivos e ativos. Respondemos ao mundo, pois a gente se constitui na língua. O outro está na língua, portanto o outro está em mim e é na relação com o outro, na resposta com o outro que me constituo a todo o momento, sem ignorar e levar em conta o mundo físico, pois a vida tem um peso que é dela, mas somos sujeitos dialógicos que se constitui na linguagem havendo uma relação entre a vida, a arte e o conhecimento.

Como nos diria Bakhtin, *arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade.*

⁵² BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável.** Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

A importância do deixar-ouvir a fala

Levar em consideração a existência de outros com os quais convivemos, é uma das lições que aprendi no texto da amiga, parceira, companheira de vida e pesquisa, uma pessoa sempre pronta a nos esclarecer as crases, a desentorta o torto do texto.

Em “Deixa a obra falar”, nos fala a importância do ouvir, que para ouvir tem que aprender escutar, é um aprendizado cotidiano. Em um de seus textos da tese defende a seguinte ideia: quem fala quer ser ouvido, quem ouve quer ser escutado, que ser compreendido. Esse parece ser esse o caso, o acaso ou o caso de toda criança, toda criança fala e quer ser ouvida, escutada quer existir, ser compreendida. Cada criança é um enigma, um dom, uma abertura para o contemporâneo, o aqui agora, no aí, no Dasein! Lidar com a criança no seu aí...

O que aprendi no texto dessa amiga de pesquisa é que compreender não significa concordar. A leitura da tese expressa neste enunciado me levou a tentar compreender uma criança a partir desta sábia advertência: a de que compreender não significa concordar; que uma coisa é uma e outra coisa e outra. Identificar esses dois termos é apenas um equívoco, concordar é ato responsável, amoroso, a criança precisa ser compreendida e amada, só o amor educa uma criança, o amor educa o corpo e a alma, reforça as potências das crianças.

Criança sem amor não cresce bem, a alma sem amor entristece, aborrece fenece a criança, torna a criança insegura, impertinente significa *responder por* dos educadores e educadoras que foi o que ela havia compreendido de Hannah Arendt. Mas compreender, para ela, nunca quer dizer concordar, concordar com as crianças é vê-las, como elas são e estão sendo no vir a ser... Compreender no sentido de ver intuitivamente é o útil necessário ao trabalho de um educador ou educadora que lida com matéria tão sensível de que é feito e refeito o ser vira a ser no mundo e com o mundo de cada criança, de cada ser humano.

Brincar-aprender

Uma das questões que a professora articuladora pensa é sobre o brincar-aprender. Não existe modo, mas direto e claro de fazer compreender a importância das brincadeiras para o desenvolvido infantil, não há modo mais evidente de deixar-ver a cláusula Pétreia da educação infantil já presente na didática Magna de Comenius *a criança, antes de ser ensinada precisa aprender*.

E como ela aprende? Quando ela aprende? A criança aprende o tempo todo no mundo com o mundo; aprende com e nas experiências, nas suas vivências, nas brincadeiras. O termo vivência se refere a uma experiência de vida que deixa marcas em uma pessoa de maneira duradoura.

Elas podem ser das mais variadas e dos campos compreende o sistema de numeração, sequência, obediências a regras, do que pode e o que não pode, pontos de fundamental importância para socialização dos divertidos pequenos. Divertidos em todos os sentidos. A criança gosta é de se divertir, gosta de ficar feliz e contente até mesmo quietinha ouvindo uma historinha, ela brinca de era uma vez... Os mais diversos, mas se caracterizam através da aprendizagem que deixam de maneira profunda.

“Era uma vez” são as primeiras reflexões sobre o tempo, Antigamente. Brincando de antigamente a criança apreende, na linguagem, o sentido do presente, do antes e do depois dos advérbios e dos tempos verbais.

Nada complicado! Aprende fazendo e fazendo aprende. É coisa que todo mundo sabe: a criança a aprende a falar, falando; a andar, andando; a pensar, pensando. Vivendo, fazendo e pensando é que aprendemos e apreendemos tudo porque *o viver é que é o aprender mesmo*. Toda criança brinca e brincando pensa e aprende a viver em uma determinada sociedade, segundo Durkheim, educar é socializar.

Como Comenius nos alerta veementemente que ideia de castigo deve ser abolida por outra ideia: a de correção fraterna, aquela que acolhe a criança que precisar refletir sobre seus atos, mas jamais proibi-la de brincar e aprender. Não é aconselhável deixar a criança sozinha isolada, separada em enquanto outras brincam. A brincadeira não é uma concessão dos adultos, mas um direito inaliável da criança faz parte de suas inclinações naturais. Ao contrário de castigo muitas vezes disfarçado de “o cantinho do pensamento” não é punitiva, mas corretiva e deve ser aplicada imediatamente para que a criança possa tomar consciência de seu comportamento inadequado, e que, portanto, em quanto tal não dever ser praticado.

A correção fraterna é papel dos adultos no sentido de ajudar a criança na formação de seu caráter e de valores. É um instrumento, portanto de correção amoroso que contribui para que a criança passe a se conhecer a si mesma a partir de seus atos e assim poder melhorar a boa convivência com as outras pessoas com as quais convive.

Gestão da escola

A equipe gestora de um Espaço de Desenvolvimento Infantil, atualmente é composto por 1 diretor ou diretora, 1 diretor ou diretora-adjunta e a professora articuladora. Não temos profissional técnico administrativo, não temos portaria, não temos inspetores, nem coordenadores pedagógicos, já que a professora articuladora que desenvolve o pedagógico junto aos profissionais da educação e a comunidade escolar. No nosso caso temos duas profissionais que foram readaptadas⁵³, onde uma ajuda na portaria e materiais pedagógicos quando solicitados pelos professores e professoras. A outra readaptada ajuda na secretaria realizando algumas demandas administrativas.

Para ser professora articuladora há uma indicação da direção para este cargo, onde não perco a função de professora e nem recebo a mais para isso. A indicação dá-se pela matrícula ou pela dupla regência. Aqui há uma questão de precarização desta profissional, já que a coordenadora pedagógica que está na mesma rede no ensino fundamental tem gratificação e tem suas funções mais definidas, estudos e pesquisas.

A coordenadora ou coordenador pedagógico, é aquele ou aquela pessoa especializada que se responsabiliza pelo andamento pela equipe, pelo progresso de um projeto, pela orientação escolar e pedagógica de crianças; quem se qualifica para atuar na organização e estruturação metódica de alguma coisa: coordenador de projetos; coordenador pedagógico. Pode refletir que a coordenadora ou coordenador pedagógico delega e planeja. Nesse sentido, penso que a escola é mais sistematizada, como o seu currículo e muitas vezes maior no quantitativo de educandos que um Espaço de Desenvolvimento Infantil. Portanto, as funções do coordenador pedagógico são mais diretivas e burocráticas que na educação infantil e por isso podemos ter uma visão que esta profissional delega de algum lugar e não com o lugar e seus pares.

A professora articuladora, como já foi dito ela articula e estabelece contatos. É uma mediadora do cotidiano, estando com os seus pares, as crianças e as famílias. É um sujeito que está no centro da ação, não apenas delegando o trabalho. Faz parte da equipe técnico pedagógica, mediando as demandas diárias, burocráticas, formação e pedagógicas com os professores e professoras e as crianças. Mesmo fazendo parte da

⁵³ A profissional readaptada é uma funcionária que realizará outra função da que lhe cabe, quando passa por uma perícia médica havendo a necessidade de redução da capacidade física do funcionário ou estado de saúde que impossibilite ou desaconselhe o exercício das funções inerentes ao seu cargo. Exemplo: Uma merendeira concursada que adquiriu alguma doença por carregar peso ou por ter tido câncer. Hoje não tem mais concurso para merendeiras e vemos a precarização dessas profissionais que agora são terceirizadas e contratadas, tendo seus direitos reduzidos.

equipe técnico-pedagógica de um Espaço de Desenvolvimento Infantil como Professora Articuladora, nos documentos de nomeação, está como professora regente. Muitos e-mails e preenchimentos de links direcionados a equipe pedagógica não vem nomeados também a Professora Articuladora, e sim a coordenadora ou coordenador pedagógico. Esta profissional tem um enorme potencial na educação infantil do Município do Rio de Janeiro, e mesmo assim não temos reconhecimento e legitimação na própria rede.

Diversidade negra e indígena

As relações étnico-raciais perpassa toda a minha vida acadêmica. Primeiro por ter participado de um grupo de pesquisa e bolsista o que motivou na minha monografia de graduação com tema a Lei 10.639/03 e jovens do terreiro de Nova Iguaçu. E segundo por ter feito a pós-graduação *lato sensu* Diversidade étnica e educação superior brasileira, na própria Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, curso este que também abordou a Lei 11.645/08 com a temática indígena. Minha monografia de pós-graduação foi direcionada a Lei 10.639/03 voltada para a minha turma de educação infantil.

Desde o meu primeiro ano, como professora na escola pública, venho desenvolvendo a diversidade dentro do currículo pedagógico. Ao longo dos meus 9 anos de rede, muitas vezes caminhei solitariamente carregando sozinha este tema. Hoje, estou num espaço de educação, onde a equipe de direção abraçou a diversidade negra e indígena. Juntas conseguimos, ainda com algumas lutas, desenvolver um trabalho que venha percorrer todo o currículo na educação infantil e não apenas em datas específicas.

Ser professora articuladora me possibilita pensar num currículo antirracista. Temos a Lei 10.639/03 que tem a obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira” no ensino fundamental e médio. E a Lei 11.645/08 que tem a obrigatoriedade de incluir a história da cultura negra e indígena nos currículos escolares. Leis tão importantes que precisam ser incluídas desde a educação infantil porque possibilita pensar em infâncias múltiplas envolvendo práticas pedagógicas mais multiétnicas.

É a partir deste lugar como mulher branca e professora a que venho tecer minha relação com a cultura afro-brasileira. Sabendo dos privilégios que a branquitude me proporciona *por mais que pessoas pertencentes a grupo privilegiados sejam conscientes*

*e combatam arduamente as opressões, elas não deixarão de ser beneficiadas*⁵⁴. Então venho falar desde lugar como professora articuladora branca que dinamiza o trabalho pedagógico dentro de uma instituição pública de educação infantil e que devido a esse processo de formação acadêmica e profissional que realmente desenvolvo esse trabalho, por conhecer um pouco sobre como o racismo estrutural permeia a nossa sociedade.

Vou destacar a questão da formação, pois mesmo estando a 8 anos nesse mesmo espaço, realizando formação, incluindo a temática no currículo durante todo o ano e não apenas nas datas comemorativa, ainda ouço alguns professores e professoras colocar o racismo no mesmo patamar que outros preconceitos existentes na sociedade como: “todos são iguais”, que a “cor não importa”, ouvi de outros professores e professoras que os pais das outras crianças não vão entender porque só enaltecer a beleza negra. Já ouvi que o que faço é militância, e argumentei que existe uma Lei e que meu trabalho é pedagógico, até porque acredito sim que uma criança com autoestima baixa na educação infantil, devido o seu fenótipo, ainda mais se reforçado dentro do ambiente escolar, essa criança poderá ter dificuldades na alfabetização.

Temos um grupo de profissionais heterogêneo dentro do espaço de educação infantil. Não quero desmerecer o cargo e concurso desses profissionais, mas a formação e a abertura para o diferente, conta muito para que temas referentes à diversidade sejam realmente discutidos dentro deste espaço. Se um profissional está trabalhando a autoestima ou a valorização da cultura negra, você pode ter outras três que não toca no cabelo porque é crespo, ou culpa o responsável por ter deixado o cabelo solto, são exemplos de como pode ser uma sala de educação infantil com tantos atores diferentes.

Sempre que possível estamos realizando formação sobre o tema. No momento de quarentena envie *lives*, cursos antirracistas, convidei uma amiga para conversar sobre racismo e *bullying* e ações pedagógicas. A direção sempre me apoia e atualmente tenho duas professoras que abraçam o tema e juntas conseguimos organizar formação e práticas pedagógicas antirracistas, e sempre ouvimos lá vêm elas de novo. E vamos de novo sempre. Até por que o corpo profissional da nossa escola é majoritariamente preto. Então discutir o racismo estrutural é fundamental para que, mesmo a passos de formigas, consigamos desenvolver um trabalho que envolva tanto o corpo profissional como também as famílias.

⁵⁴ RIBEIRO, D. **O Que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

Percebo as questões indígenas um pouco mais distantes a serem trabalhadas já que eles não foram incluídos na sociedade e sim afastados, tutelados pelo Estado, à margem da sociedade, longe da civilização. O imaginário social brasileiro sobre os povos indígenas é reforçado por um forte processo sócio-histórico de idealização e folclorização. Ideias como vivem na floresta, andam nu com pena na cabeça, ainda é uma imagem criada e deturpada que vive até hoje no imaginário social e reforçada nas escolas quando colocam as crianças fantasiadas de “índio”. Presas a questões como utensílios, como vivem e nas vestimentas. Não levam em conta as diferentes etnias, suas linguagens, suas vastas sabedorias medicinais, seus contos, a forma como veem o mundo e a natureza, suas contribuições na cultura brasileira. Seus processos de lutas e conquistas não são divulgados nas escolas, havendo ainda imagens distorcidas e estereotipadas dos povos indígenas, visto ainda como preguiçoso e submisso diante dos colonizadores.

Cabe a mim como professora articuladora fomentar e proporcionar educação antirracista negra e indígena junto às crianças, as famílias e os profissionais que ali estão. Cabe a nós primeiramente estarmos de pensamento aberto para aquilo que nos é diferente. O diferente assusta e nos distancia, mas estamos lidando com a primeira infância e as primeiras impressões da vida de uma criança, temos o dever de mostra-la como é o mundo e a ideia de diminuir o preconceito desde a tenra idade.

Gênero e sexualidade

Outra questão importantíssima dentro do Espaço de Desenvolvimento Infantil é a discussão de gênero e sexualidade. Tema difícil de trabalhar dentro das unidades escolares, pois esbarra principalmente nas nossas próprias concepções de sexualidade, e de entender que a criança que ali está tem sua própria sexualidade. O pedagógico sobre esse tema precisa ser desenvolvido diariamente, pois muitas crianças já vêm de casa com uma concepção de coisas de meninos e coisas de meninas. Na verdade essa concepção vem sendo construída socialmente no imaginário das famílias bem antes do seu nascimento, onde *a construção social feita sobre diferenças sexuais gênero refere-se, portanto, ao modo como as chamadas “diferenças sexuais” são representadas ou*

*valorizadas*⁵⁵. Como por exemplo, brincadeiras ditas de meninos ou meninas. Menina brinca de boneca e menino joga futebol.

Claro que algumas concepções vêm mudando ao longo desse processo, mas em passos bem pequenos. Essa temática implica muita formação dos profissionais que ali estão ainda mais por ser um tema complexo que precisa discutir e buscar reflexões críticas na educação dos pequenos e assim podermos desconstruir padrões preconceituosos referentes à sexualidade infantil, levando em conta as necessidades e desejos das crianças, afinal esta questão também faz parte do seu Desenvolvimento integral.

Como atendemos crianças de 0 a 6 anos percebo que temos algumas estratégias para se trabalhar gênero e sexualidade no Espaço de Desenvolvimento infantil, que perpassa nas diferentes formações de famílias até a desconstrução de brinquedos e brincadeiras, deixando as crianças livres para optarem com o que querem brincar.

A questão de equidade de gênero também é um tema que se pode desenvolver com as crianças onde passa pelo respeito, oportunidades igualitárias, mesmos direitos, ninguém pode ser desrespeitado por sua sexualidade, raça e gênero (sabendo que muitas vezes raça e gênero vão andar juntos); tanto meninas como meninos precisam ser cuidados, precisa cuidar das suas coisas e terem responsabilidades; direito de expressarem seus sentimentos livremente; como ninguém tem o direito de tocar no corpo do outro sem autorização.

Hoje encontramos livros infantes-juvenis que trabalha o tema na educação infantil, sendo possível desenvolver o assunto com as crianças. Quando por exemplo uma criança diz que não vai sentar na cadeira rosa, você pode abrir uma roda de conversa informal, mas intencional. O menino que pega a boneca para bater, abrir discussões sobre o cuidado com o outro, por um dia ser pai e vai precisar cuidar da sua filha ou até mesmo instigar a cuidar de alguém, trazendo a importância da maternagem, onde se estabelece um vínculo afetivo de cuidado e acolhimento. É comum que no maternal II ou pré-escola a questão do corpo seja mais evidente e aí o profissional que estiver ali vai precisar de forma livre saber lidar com esta situação.

A professora articuladora precisa problematizar esse tema nas formações dos profissionais da educação infantil, precisando se desprender das suas próprias amarras para discutir o tema livremente.

⁵⁵ LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa: Porto editora, 2000. OLIVEIRA, Zilma Rama de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2008, pp. 57-102.

Crianças inclusivas: escola é para todos

O Espaço de Desenvolvimento Infantil atende também crianças inclusivas e como professora articuladora, percebo a importância de estarmos atentos as demandas das crianças que estão conosco desde o berçário. Nesse espaço elas são incluídas nas turmas regulares, aonde estas vão diminuindo o número de crianças para que ela possa ser mais bem atendida, por exemplo, todas as turmas têm 25 crianças, se tem uma criança incluída, a ideia é que se tenha 23 crianças. Dependendo da necessidade chega um estagiário para a criança específica, ou temos a presença do Agente de Apoio a Educação especial que fica responsável por todas as crianças da unidade. Ela vai dinamizar o pedagógico junto com o professor ou a professora regente.

Uma das maiores dificuldades referente ao estagiário e o agente de apoio à educação especial é a unidade receber esses profissionais, já que a demanda é muito grande em toda rede. E quando chegam não conseguem suprir toda a necessidade da unidade escolar, já que o número de crianças com laudas e sem laudas cresceu absurdamente este ano de 2022.

Algumas crianças chegam ao EDI com um laudo, outras vão apresentando ao longo do seu processo educacional, na qual cabe o professor ou a professora regente e os demais profissionais observar a criança antes de conversar com as famílias. A criança que tem uma *Necessidade Educacional Especial*⁵⁶ “visível”, como a síndrome de down, ou com diagnóstico trazido pelo responsável, conseguimos atendê-los melhor pedagogicamente. Podem-se realizar pesquisas e ações mais voltadas a essa necessidade mesmo que haja uma dificuldade dos professores, por falta de uma formação desejável. Comumente, as crianças tem atendimento individualizado com o neuropediatra, o fonoaudiólogo, o psicopedagogo, psiquiatras.

Como professora articuladora a nossa maior dificuldade ainda é na criança que tem um comportamento diferenciado para a sua faixa etária, mas que não tem uma Necessidade Educacional Especial aparente, como é o caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD), déficit de atenção, hiperatividade, deficiência intelectual, dentre outras, que tem dificuldade na diagnose devido a idade, mas passível de intervenção e investigação.

⁵⁶ FONSECA, Vitor da. **Dificuldade de Aprendizagem**: Abordagem neuropsicopedagógica. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

Primeiro cuidado está em observar atentamente esse comportamento antes de sinalizar para a família, já que não podemos nunca diagnosticar uma criança, e sim orientar os pais a procurarem determinado tipo de especialista. Toda criança precisa passar pelo pediatra, pois é ele que encaminha para o especialista. Aqui segue a real dificuldade, algumas vezes o pediatra não encaminha por dizer que ele está fisicamente de acordo com a sua idade. Mas nossa preocupação é que muitas das dificuldades da criança são perceptíveis no convívio entre seus pares e em algumas ações pedagógicas. O que precisaria de outros especialistas para a sua averiguação como psicólogo, neurologista, fonoaudiólogo, psiquiatra ou psicopedagogo.

Segundo é a formação dos profissionais que estão dentro das salas de aulas com 25 crianças. A formação ainda é muito precária sobre o tema, tanto para mim como professora articuladora, como para os profissionais que estão nas salas, ainda mais para a faixa etária dos pequenos. O que eu tenho são cursos e uma especialização que busquei por conta própria para poder dar conta do meu trabalho na sala de aula como professora articuladora, dinamizando formação para a minha equipe.

Buscar práticas pedagógicas para os pequenos não é um trabalho fácil, precisa de muita pesquisa, formação, observação, conversa com as famílias sem perder de vista que essa criança precisa se desenvolver integralmente mesmo diante das suas especificidades. O espaço que me encontro também se preocupa em práticas educativas mais condizentes o que nos faz pensar nos seus espaços, tempos, nos profissionais e também nos recursos pedagógicos específicos para as crianças inclusivas.

Formação da equipe

Ao caminhar pelo meu texto é perceptível como a formação atravessa a educação. *Quem forma quem*⁵⁷, durante nossa trajetória profissional? A formação é pessoal. É processo de tudo aquilo que temos ou tivemos acesso. Processo de autoformação. É um conjunto de experiências que produziram aprendizagens ao longo da vida, isto é, que contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Refletir e fazer educação são processos diários de pensamentos, de maturação de ideias e de ações eficazes levando sempre em consideração os valores sociais e culturais

⁵⁷ SOLIGO, Rosaura Angelica. **Quem forma quem?: Instituição dos sujeitos**. 2007. 223p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252100>. Acesso em: 9 abr. 2021.

das crianças e dos profissionais, dos instantes locais e ou mundiais vividos. Quando se pensa em formação precisa considerar todos esses contextos citados acima, pois a maneira como vamos receber algo novo interage com aquilo que está interno, com a filosofia de vida que acreditamos, ou seja, se as informações serão também bem recebidas ou não vai depender do qual eu estou disposta a pensar sem corrimão sobre algo novo.

Reflico sobre essa questão do quão estamos abertos ao novo, por que estou num espaço onde há ainda uma frágil formação dos professores do Espaço de Desenvolvimento Infantil. O professor de educação infantil tem um acesso à educação através de um concurso de ensino médio normal ou de pedagogia, mas não se paga a este profissional assim que ele passa no concurso seu salário de Nível Superior, essa correção só vem depois que ele passa dos três anos de estágio probatório.

Estamos lidando com a primeira etapa na vida de uma criança, onde o cuidar e o pedagógico são intrínsecos nessa faixa etária. A Educação Infantil é à base de toda educação e a base do desenvolvimento das pessoas, dando toda uma projeção, para as outras etapas do ensino, nesse sentido, uma Educação Infantil de qualidade passa por uma formação de professores e professoras de qualidade e também dos auxiliares e agentes de creche que ali estão.

A formação dos/as profissionais da educação precisam passar pelo campo da escuta e da observação. Elas se expressão de modos diferentes olhar a criança de maneira que você possa entende-la na sua fragilidade, na sua alteração de humor, ter um olhar e uma escuta sensível, faz a diferença para a criança.

Percebo também que falta um olhar estético em alguns profissionais da educação. Essa questão passa pelo escopo da experiência que temos com o mundo, na relação que temos com a arte e na nossa formação cultural. Vou falar de um lugar que estou em Campo Grande, subúrbio do Rio de Janeiro, que fica umas duas horas de ônibus para chegar ao centro da cidade, onde está a maioria dos nossos teatros e museus. Percebo que ainda não temos uma cultura de contemplação com as artes e esse seria um dos aspectos fundamentais para que a gente possa ter um olhar diferenciado para a educação.

Estar em contato com as artes nos possibilita desenvolver intelectual e esteticamente uma plenitude e uma dignidade humana. Possibilita-nos ter um espanto diante a apreciação do belo, a refletir sobre coisas da vida, traz a emoção à tona. A arte provoca uma sensibilidade no ser humano, e é essa sensibilidade que percebo que ainda

falta os adultos terem com as crianças e de também possibilitá-las as compreensões de estética de assombramento diante do belo.

Nesse percurso de vivências, vejo a minha importância como Professora Articuladora em promover essas experiências estéticas onde elas estejam contextualizadas e sejam significativas tanto para as crianças como os professores e professoras. Por isso, a importância das formações, das pesquisas, onde eu preciso estar a par das novas Leis e emendas, de rever o currículo, de relembrar as concepções de infâncias e de educação infantil. Eu *pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade*⁵⁸.

Estou Professora Articuladora desde 2016 e venho desenvolvendo uma formação ética e multiétnica com o meu grupo que é bem heterogêneo, com diferentes formações e concursos públicos. Esse grupo é bem diversificado, no que se refere aos profissionais que ali estão, mas o motivo da formação é exclusivamente a infância, educação infantil, ética e política.

É com este grupo que compartilho minhas teorias, minhas pesquisas e minhas leituras. É com eles que interrogo “*O que é pensar?*” Pensar é um ato político “*o que estamos fazendo quando nada fazemos a não ser pensar?*”⁵⁹ Nós professores e professoras na correria do dia-a-dia, no chão da escola, paramos pouco para pensar. As coisas vão pelo automático, na burocracia, na etapa de mais um dia vencido. Mas as crianças precisam mais do que isso, é nosso dever de professor e professora pensar a educação, pensar novas metodologias, pensar a avaliação, pensar novas formações de famílias, pensar no gênero e na diversidade.

Foi com este grupo que percebi ainda mais a importância do ato de formação, onde Paulo Freire nos abraça quando diz que “a gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.” (FREIRE, 1991, p. 58), o intuito da formação é justamente essa de sair desse lugar maquinal e dar lugar devido a Educação Infantil que são as “inventiones” e “peraltices” que um currículo de educação infantil precisa percorrer, não é algo dado e já estabelecido, mas construído diariamente por nós e pelas nossas crianças.

⁵⁸ FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996 (p.32).

⁵⁹ ARENDT, H. **A Vida do Espírito**: O pensar, o querer, o julgar. 8ª Ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019 (p.8).

Política e educação

O processo histórico da educação infantil está relacionado com a entrada das mulheres para o mercado de trabalho, portanto está entrelaçada diretamente com o capital. As creches ou asilos foram instituições criadas para manter a criança pobre de mães trabalhadoras num ambiente assistencialista de cuidado, alimentação e higienização das crianças.

Essa imagem da assistência ainda é muito disseminada principalmente na época eleitoral na construção de mais creches para os pais irem trabalhar. Por mais que tenhamos pensadores desde início do século XX que reflita a educação infantil como base o desenvolvimento integral da criança, e não apenas um lugar para que as crianças tenham um lugar para ficar, ainda tem uma luta constante que permeia na qualificação dos profissionais que estão nesses espaços e com isso sua baixa remuneração e também nas questões metodológicas para essa faixa etária. Hora pensada como um lugar para ser apenas cuidada, hora para alfabetização precoce.

No Município do Rio de Janeiro a creche (0 à 3 anos e 11 meses) ocorre através de sorteio e a pré-escola já se tem a obrigatoriedade da criança a partir de 4 anos. Um dos principais requisitos é se a criança vive em vulnerabilidade. Outros requisitos também estão no formulário como doença crônica na família, familiares alcólatras ou presidiários. Mas não se o pai e mãe trabalham. Porque o espaço de desenvolvimento infantil hoje é pensado para qualquer criança independente se a família trabalha. Sei que a creche pode ser pensada sim como política pública para que os pais também possam ir trabalhar, mas não somente para essa demanda e sim para o desenvolvimento pleno de qualquer criança.

Pensei em fazer esse panorama devido às dificuldades que nós professoras e professores de educação infantil temos que enfrentar diante, principalmente, da política assistencialista que assola a educação infantil. Primeiro pela qualificação desse profissional de concurso de ensino médio normal, como também pela desqualificação da própria educação infantil, vista ainda como insignificante pedagogicamente.

Então enquanto profissional da educação infantil precisamos o tempo todo reivindicá-la e termos um posicionamento político diante dos enfrentamentos do cotidiano.

E ter esse posicionamento não é fácil para nós da educação infantil. Demanda muita sabedoria e reflexão sobre, o que já vem sendo discutido nesse texto, que perpassa

desde o que é infância até sabermos o que é ser professora. É sabermos habitar politicamente na educação infantil.

Habitar é residir em um lugar, mas para o filósofo Heidegger⁶⁰ habitar é uma força argumentativa de ser no mundo (círculo de conhecimentos, afetos, interesses, desejos, preocupações, etc.), habitar como existência humana. A fenomenologia, parte da análise do ser humano, no que ele compreende como Dasein, ser-aí, isto é, “estourar”, “eclodir”... a existência do Dasein é estar-no-mundo, ser-em-situação. O importante do ser-em-situação é não estar preso a ela, mas aberto para algo novo.

E aí venho a pensar no sentido do ser das coisas, no sentido de ser professora de educação infantil diante de pensamentos tão contraditórios. Habitar politicamente a educação infantil é ter um posicionamento frente às demandas assistencialistas que vivenciamos na própria rede.

Habitar politicamente na educação infantil é se colocar perante o mundo. É dizer, se posicionar, através na, com e pela linguagem, não meramente como um meio de expressão, mas contribuir para se deixar dizer. Para Arendt é na linguagem que o ser humano moldará o palco das ações que atua, através de sínteses conceituais e nas suas vivências linguísticas. É a partir da ação que o indivíduo faz validar sua condição de humano, onde ele pode disseminar, empreender significantes para as suas experiências e assim poder intervir na esfera pública. O educador e a educadora fará valer o seu discurso a partir de suas habilidades em lidar com o novo e também através do seu posicionamento político e técnico diante da educação infantil.

Família na escola

O Espaço de desenvolvimento infantil é um lugar que acolhe e educa crianças bem pequenas. A primeira vez da criança num espaço longe do seio familiar precisa ser acolhedor para ela e a família. As conversas são feitas previamente através de reuniões, onde conversamos sobre o projeto pedagógico da unidade, sobre a rotina das crianças e o comparecimento da família no período da adaptação. Adaptação da criança, da família, da criança com o adulto na sala, da criança no espaço, e da relação do adulto com a criança. Portanto, a família é fundamental nesse primeiro momento, por estar dentro da escola, por estar em alguns momentos da rotina e muitas vezes faz parte da

⁶⁰ HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: Parte I. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2002a.

criação dela, e dá importância de estar por dentro do pedagógico. Esta parceria e confiança estabelecida entre família e escola são fundamentais nesse primeiro momento da criança a uma instituição pública.

Penso que uma das principais conversas, e que nunca se esgota, é a compreensão da família com o trabalho que a instituição desenvolve. E uma primeira questão que destaco é da família perceber que a criança não está ali apenas para ser cuidada e alimentada, mas para desenvolver suas potencialidades, onde há uma relação intrínseca entre o cuidar e o educar. Elas estão ali para desenvolver sua oralidade, sua socialização, para desenvolver seu cognitivo, sua coordenação motora fina e grossa, isso através de brincadeiras, contação de histórias, que atravessam o corpo, a linguagem e sua imaginação.

Uma segunda questão que precisa de muita conversa é sobre a proposta de trabalho. Como não trabalhamos com datas comemorativas, a família espera que a criança sempre saia fantasiada de alguma coisa. Nossa proposta é através do Projeto Pedagógico Anual, onde esse tema vai ser desenvolvido durante todo o ano. Esse ano de 2022 o tema é a O EDI pelo mundo das brincadeiras, objetivo é brincar pelos 6 continentes do mundo, descobrir suas culturas, explorar o espaço externo, o quintal. As práticas pedagógicas estão sendo pensadas para esse momento ainda de pandemia. O projeto dá uma continuidade nas propostas do desenvolvimento integral da criança, de forma contextualizada.

E a terceira questão é a alfabetização e o letramento, até porque durante muito tempo a educação infantil foi vista como base de preparação o ensino fundamental. As famílias ficam ansiosas pela alfabetização das crianças e temos sempre que lembrá-las que o intuito da educação infantil não é alfabetizar, *embora crianças da pré-escola possam se alfabetizar por interesse particular a partir das interações e da brincadeira com a linguagem escrita, não cabe à pré-escola ter a alfabetização da turma como proposta. Na Educação Infantil, muito mais importante do que, por exemplo, ensinar as letras do alfabeto é familiarizar as crianças, desde bebês, com práticas sociais em que a leitura e a escrita estejam presentes exercendo funções diversas nas interações sociais*⁶¹.

Para Magda Soares a alfabetização tem uma natureza complexa e de muitas facetas, onde o conceito de letramento está indissociavelmente relacionado ao de

⁶¹ BRASIL. Ministério da Educação. **Leitura e Escrita na Educação Infantil** – Caderno 3 Linguagem Oral e Linguagem Escrita na Educação Infantil: práticas e interações. Brasília: MEC/SEB, 2016 (p.26).

alfabetização. A autora *define Alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar 'alfabeto. E Alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever*⁶². E o conceito de letramento é o resultado da ação de ensinar as práticas sociais de leitura e escrita⁶³.

Na educação infantil, mesmo que a criança não esteja alfabetizada, ela está interagindo com as práticas sociais de leitura e escrita ao folhear um livro, quando finge ler ou escrever, quando ouve histórias, quando está rodeada de material escrito, por isso as paredes falam num espaço de educação, ou seja, a criança está no letramento quando ela percebe o uso e a função da leitura e da escrita no seu cotidiano. Quando propiciado essas práticas desde o berçário, quando chega na pré-escola, mesmo que a educação infantil não tenha o intuito de alfabetizar, ela está mais propícia para a aprendizagem da leitura e da escrita.

O responsável que está de fora desse cenário da alfabetização e letramento, tem muitas dúvidas sobre esse processo, até porque ele tem em suas vivências outra ideia de educação e cabe a mim como professora articuladora conversar de forma ampla qual a concepção de educação infantil, de infância, de letramento e de educação, está sendo desenvolvido no nosso espaço de desenvolvimento infantil.

Volta-me a memória neste momento de escrita, uma cena que vivenciei nos primeiros momentos da quarentena em 2020, onde um responsável questionou o uso da xerox, pois não enviávamos folhas para a criança se desenvolver melhor. A distância naquele momento, dificultou um pouco nossa comunicação já que cabia a nós responder pedagogicamente que até fazíamos momento de folhas xerocadas, mas não era um hábito constante na nossa unidade.

Comentei esse fato num dos encontros com o Beto, e debatemos a ideia de que compreender não é concordar. Faltou um tato de compreender o pai, ou a família naquele momento, da sua preocupação com o desenvolvimento do seu filho em plena pandemia, com a concepção que ele tem sobre a educação e que ele achou que por meio de folhas xerocadas que essa demanda seria suprida. Lembro que conversamos com ele disponibilizamos uma discussão no *facebook* como desenvolvemos o pedagógico.

Faltou uma escuta sensível da minha parte como professora articuladora de acolher aquele pai, mesmo que ele tivesse as suas convicções e eu as minhas. Seria um

⁶² SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: As Muitas Facetas**, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782004000100002>. Acesso em: 22 abr. de 2021. (p. 31)

⁶³ SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: As Muitas Facetas**, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782004000100002>. Acesso em: 22 abr. de 2021. (p. 24)

momento de mostra-lo com mais afinco o nosso trabalho. Meu momento de *exotopia*⁶⁴ sobre esse acontecimento, veio em conversas com o Beto. Para entendê-lo precisei me distanciar, me colocar de fora do fenômeno para perceber a minha falta de compreensão perante o pai, onde entendê-lo não seria o mesmo que concordar.

Quarta e última questão é sobre a ética que atravessa todo esse trabalho. Onde, eu como professora articuladora preciso ter diante da família e na relação que eu tenho com o outro. A primeira relação de ética que essas crianças vão ter será junto as suas famílias recebendo suas primeiras noções de valores, formação de caráter e de desenvolvimento da sua personalidade e logo em seguida no espaço escolar. Aqui no caso do espaço infantil a partir de 1 ano de idade. Ser ético é proceder ao bem de maneira que não prejudique o outro, respeitar o diferente.

A ética para Kant, fundamentada exclusivamente da razão, aponta que apenas o pensamento autônomo pode levar o indivíduo ao esclarecimento da maioridade. Maioridade esta que não tem a ver com a idade e sim com a maioridade civil, ou seja, a capacidade racional que o indivíduo tem em decidir por si mesmo o que é o dever. Portanto, assim como Kant, acredito que ser ético é um dever a cumprir, para que assim possamos viver em sociedade. Ética e moral, moral aqui não quer dizer com intuito religioso, mas digo *sobre a lei moral dentro de mim*⁶⁵, é ela que irá reger a relação que temos com o outro, com a família, com a criança e com os meus pares. Com a ideia sempre do respeito mútuo entre família e escola.

Trabalho coletivo

A professora articuladora será uma teia de iterações entre currículo, prática pedagógica e o conhecimento entre seus pares e as crianças. É ela que vai mediar o currículo junto aos professores, é ela que vai promover a formação das professoras e professores e é ela que vai precisar lembrar sempre para quê e para quem estamos ali... Estamos sempre para e pelas crianças. Então toda a gestão de conhecimento é para que a criança tenha seu desenvolvimento integral e que ela possa sempre ser no mundo, ela mesma.

⁶⁴ BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 6ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

⁶⁵ KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. 1º Edição Bilingue. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Percebo-me nesse processo como uma mediadora de “invencionice” como diria Manoel de Barros, por que mediadora? Por que tento na medida do possível discutir com a comunidade escolar sobre propostas e demandas. E “invencionice” porque Educação Infantil *é fazer com que o menino que era esquerdo viu no meio do quintal um pente. O pente estava próximo de não ser mais um pente*⁶⁶, ou seja, propiciar um currículo que passa pela experiência, pela invenção. É percorrer um caminho de aventuras ao desconhecido todo ano através do Projeto Pedagógico Anual, com isso construímos currículos, viajamos nas literaturas infantis, nas artes, na lua e nos super-heróis.

Estou num espaço que não prioriza as datas comemorativas, algumas entram se tiver em conformidade com o Projeto Pedagógico Anual. Ele sempre é conversado no ano anterior junto com a comunidade escolar, levando em conta o desenvolvimento integral das crianças e as práticas pedagógicas junto ao Projeto Político Pedagógico. A ideia é levar em conta os saberes da infância e assim tecer práticas educativas pluriculturais que estejam mais próximas à faixa etária de 0 a 6 anos, tendo como eixo que estrutura a Educação infantil as interações e brincadeiras, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se encontrados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Uma das ações de articular esse trabalho coletivo é quais são os objetivos, que a Unidade Escolar pretende de fato atingir naquela comunidade; encontrar estratégias para cada faixa etária; promover a cidadania, a autoestima e a identidade cultural; participar da avaliação das crianças no conselho de classe; auxiliar no atendimento e orientação a pais e responsáveis e suprir eventuais faltas de professores; formar e problematizar junto com a comunidade escolar práticas educativas para aquela faixa etária.

O maior desafio é a conversa entre a escola e os responsáveis sobre a metodologia que trabalhamos. A rede Educação do Município do Rio de Janeiro é muito grande, afinal é a maior da América Latina⁶⁷, com 1543 escolas e cerca de 634,007 mil educandos, portanto muitas escolas ainda seguem um currículo prescritivo e em datas comemorativas, mesmo a rede tendo documentos oficiais que orientam outros tipos de metodologias pedagógicas.

⁶⁶ BARROS, M. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2008 (p. 23)

⁶⁷ Informação extraída no site da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro - <https://www.rio.rj.gov.br/web/sme>

A educação infantil ainda tem uma “tradição” em fantasiar as crianças em datas comemorativas, como páscoa, dia do “índio”, dia da árvore, dia do soldado. O nosso espaço acredita que ao trabalhar com datas comemorativas a educação fica estanque, muitas vezes o tema é folclorizado e sem um caminho a ser percorrido. E nossa unidade escolar percebe hoje que alguns temas não devam se utilizar da fantasia, pois descaracteriza uma cultura. Como é o caso do dia do índio, percebo em outras escolas ainda um trabalho cheio de estereótipo onde ele vive, o que ele come e pinta a criança de índio, muitas vezes um índio americanizado.

Nosso Espaço de Desenvolvimento Infantil não trabalha datas comemorativas como páscoa, índio, dia das mães e dos pais. Trabalhamos as culminâncias do projeto, a festa da família e a festa junina para arrecadar dinheiro para a semana da criança.

Não deixamos de trabalhar algumas datas, mas elas precisam estar contextualizadas no nosso projeto, podendo aparecer até em outro momento do ano. Como é o caso da Lei 11.645/08 que tem a obrigatoriedade de incluir no currículo escolar a *história e a cultura negra e indígena*. Acreditamos também que esse tema deva atravessar o currículo, não tendo apenas uma data específica para acontece-la.

Quando a gente trabalha uma cultura, a indígena, por exemplo, não é apenas colocar a criança de cocar, pintá-la e dizer como ele vive. São centenas de etnias para coloca-lo num único estereótipo o de “índio”. Essa prática mantém um preconceito histórico e abafa centenas de anos de lutas e conquistas desses povos. Então podemos dizer que temos INDÍGENAS, no plural, onde cada etnia tem suas lendas, suas línguas próprias, brincadeiras e convívios particulares, seus desenhos corporais. Muitos vivem em cidades, estão na política, estão nas escolas e universidades. Esse indígena não estereotipado, desmistificando o preconceito que ainda muito cerca na nossa sociedade. Não só indígena, mas negra também.

Um dos papéis da Professora Articuladora é fazer formação com os profissionais, explicar as famílias à organização do nosso projeto pedagógico anual e desenvolver um pedagógico que não passe pela imagem do senso comum e menos estereotipado junto com professores e as crianças.

Berçário

Quando cheguei ao Espaço de Desenvolvimento Infantil, o meu maior medo era pegar o berçário. Imaginam 25 bebês alguns de colo, outros chorando, querendo o ceio

familiar. Não peguei de imediato o berçário, mas posso dizer que todo professor e professora, seja qual for o segmento e o ano, deveria pegar uma turma de berçário uma vez na sua vida!

Nesta modalidade são em torno de 4 profissionais (1 professor ou professora regente de educação infantil e 3 agentes de educação infantil ou o professor adjunto de educação infantil). Mas no início, mesmo com todos esses profissionais, parece que não vamos dar conta. O começo do ano é desesperador sim! O início da adaptação é o momento mais crítico do berçário. Eles choram por não nos conhecerem, choram porque estão longe da família, choram quando mudamos de ambiente, choram para comer... Mas posso dizer que este momento é passageiro e quando passa é a turma que mais desenvolve suas potencialidades no Espaço de Desenvolvimento Infantil.

Os bebês quando entram na rotina, conhecem os espaços e se acostumam com os profissionais é perceptível seu desenvolvimento que se dá diária e continuamente. Primeiro que eles estão entre seus pares, cada um com suas espertezas e manias o que interfere no comportamento um do outro. E também as/os profissionais que mediam as experiências pedagógicas, o cuidado e o brincar. Tudo é motivo de desenvolvimento para uma turma do berçário.

Que vai da coordenação motora grossa, de andar, correr, pular, dançar, fazer gestos da música, contação de histórias até o desenvolvimento da sua oralidade, dos balbucios as primeiras palavrinhas. Dos gostos e desgostos, manias e jeitos que interferem na formação da identidade. Do reconhecimento do corpo, do eu e do outro. Da importância em despertar sua autonomia como largar a chupeta, comer sozinho, começar o desfralde. No berçário é isso tudo ao mesmo tempo e misturado! As crianças são sujeitos ativos que tem iniciativas, vontades, criatividade e o desejo de explorar. Cabe ao adulto ter uma escuta sensível, a tenta e de observação com os seus pequenos.

Quando digo que todo professor e professora, seja ele ou ela qual modalidade de ensino seja, precisaria passar pelo berçário é para que não esqueçamos a criança que fomos um dia. Estar no berçário é entender que cada criança tem seu ritmo, seu jeito de ser. Ou seja, o educador precisa ter uma concepção do desenvolvimento integral da criança que vai do brincar, do educar, do cuidar e acima de tudo da importância ética para e com as crianças!

É saber que elas são crianças e que todo pedagógico se dará através da brincadeira e da espontaneidade. A criança é corpo, movimento, arte e música seja ela a idade que for. Uma criança de 12 anos deveria estar apenas sentada atrás de uma

carteira realizando coisas sistematizadas? NÃO! Claro que este modelo de educação é maior que o professor ou a professora que está na sala de aula. Então posso reformular que a rede deveria ouvir mais as crianças do berçário e emanar suas energias para outras modalidades de ensino.

Maternal

A criança do maternal, se ela começou conosco no berçário, já se sente de casa. Ela reconhece os espaços alguns profissionais além dos da sua sala como as merendeiras, a direção e serviços gerais. O maternal é dividido em Maternal I idade de 2 anos e maternal II na idade de 3 anos. Nesta modalidade temos 1 professor ou professora de educação infantil e 2 agentes de educação infantil ou o professor adjunto de educação infantil.

No maternal I as crianças já vêm do berçário com a rotina da creche, precisam de pouca adaptação no início. Aqui a oralidade já está bem mais desenvolvida formando pequenas frases. Isso não é de regra, pois dependerá muito também do desenvolvimento de cada criança. No maternal I iremos explorar mais os desenhos com a utilização de giz de cera grande, uso do chão e do papel 40 kg. Contação de história e música para ampliar seu vocabulário. Dar continuidade na autonomia como tirar e colocar sapatos e roupas e a continuidade do desfralde. As crianças ainda são consideradas bebês no maternal I, então seu desenvolvimento dependerá de cada criança e do estímulo que ele recebe do adulto, seja na creche ou em casa.

A criança do maternal II está mais independente, já vai ao banheiro sozinho, conversam com mais clareza. A utilização dos cantinhos como canto da leitura, da chamadinha, do calendário, janela do tempo, aniversariantes, alfabetário, números, tem-se desde o berçário, mas de forma menos sistematizada como aqui no maternal II. Pois se precisa pensar na transição desta modalidade que sai da creche e vai para a pré-escola. Aqui a quantidade de adultos é 1 professor ou professora regente de educação infantil para 1 agente de educação infantil ou professor ou professora adjunta de educação infantil.

As crianças sentem quando passam de uma modalidade para outra, pois o número de profissionais vai diminuindo e com isso a importância de trabalhar cada vez mais a autonomia das crianças e informar as famílias sobre este processo.

Pré-escola

Na pré-escola as crianças de 4 anos (pré-escola I) e 5 anos (pré-escola II) precisam estar com sua autonomia encaminhada, pois aqui é apenas uma professora ou professor de educação infantil que estará com elas todos os dias e 1 professora de educação física que terá dois tempos na semana. Pode-se ter um agente de apoio a educação especial caso tenha alguma criança incluída na turma.

É importante frisar que o letramento se dá desde o berçário. Tanto as salas da creche como os da pré-escola são ambientadas com os cantinhos de leitura, de chamadinha, do alfabetário, dos números, a janelinha do tempo, calendário, aniversariantes, ajudantes. Desde o berçário também visamos à importância da sala e do ambiente escolar estar com os trabalhos coletivos e individuais espalhados na altura da criança. E também a utilização do espaço externo, do quintal para todas as modalidades.

Todos esses cantinhos na pré-escola farão a diferença, pois fará parte da rotina que também ajudará no seu desenvolvimento integral. O letramento se dará também através de brincadeiras e da escrita espontânea e dirigida em alguns momentos. O desenho continua sendo essencial para o seu desenvolvimento psicomotor como também a utilização da tesoura como recorte e colagem, massinha e blocos de montar. Como também a importância de relacionar o numeral à quantidade, jogos e brincadeiras que estimulam a resolução de problemas.

A professora de educação física dará a continuidade com a questão da coordenação motora ampla e fina como a lateralidade, equilíbrio, força, onde tudo isso junto e misturado ativa as potencialidades das crianças para o seu desenvolvimento psicomotor.

A diferença de uma pré-escola para a outra é que a pré-escola I, algumas crianças, estará no início do desenvolvimento da sua psicomotricidade, daí percebo a importância do desenho em várias formas diferentes como o chão, o papel A3, na parede, pois ele ainda não tem limites espaciais. Como também na variação de objetos como giz de cera, giz de quadro, tijolo, carvão.

Uma questão que já foi comentada é sobre a importância de sempre conversar com as famílias que na pré-escola não se alfabetiza. Iremos sim proporcionar a leitura e a escrita, mas de forma lúdica e espontânea e que cada criança tem seu tempo de aprender, pois acabam equiparando as crianças com outras escolas e outras crianças.

Alfabetizar ou não na educação infantil vai depender do olhar do educador ou educadora, principalmente o que concerne as suas concepções de infância e educação infantil. É possível fazer um letramento brincante para a faixa etária da pré-escola e chegar às séries iniciais com a experiência de letramento rico e prazeroso para e com as crianças.

Esses são alguns dos fazes da professora articuladora num Espaço de Desenvolvimento Infantil, vamos agora para a última casa do jogo para que possamos pensar na pergunta novamente e desafiá-los a pensar será que o céu é o limite?

CONCLUSÃO: O CÉU NA TERRA, O PARAÍSO É QUE AQUI?

Esquece o vão temor, deixa a tibieza: move o teu passo firme, entra seguro.

(Dante Alighieri)

E chegamos a ultima casa do jogo amarelinha, o céu. Virgílio deixa Dante na porta do paraíso e retorna para o limbo. Para Dante, todos aqueles que nasceram antes de Cristo e não foi batizado, não entraram para o reino dos céus. Mas Virgílio deixa Dante ali na companhia de sua eterna Beatriz, ela o conduzirá as nove esferas celestes do paraíso que é retratado como um conjunto de esferas concêntricas que cercam a terra que consiste na Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, as estrelas fixas, o *Primum Mobile* e, finalmente, o Empírico. Essa visão de paraíso é pessoal do próprio Dante, como ele percebe e no que seus olhos humanos permitem ver.

E disse o mestre *move o teu passo firme, entra seguro*, declarando Dante senhor e mestre de si mesmo. A andança entre os mundos é um mero conhecer a ti mesmo. Um caminho que começa no caos, no mundo hostil, nas questões do ser, ou seja, te tira do estado de miséria e coloca-nos para o estado de plena felicidade. Mas será que chegar ao céu no jogo da amarelinha é ficar no paraíso pela eternidade? Será que...

O paraíso é aqui?

Chego aqui plena e realizada com a pesquisa, mas sou professora e nunca estaremos na eternidade segura e plena, porque educar é está no jogo da amarelinha ano após ano encontrando diferentes estratégias para lidar com um novo ano, novas crianças, novo projeto pedagógico, novos profissionais, novos desafios, novas leis da educação. No jogo amarelinha, quando se chega ao céu, se volta para o jogo para as casas que já percorreram e joga a pedra novamente. Nesta última casa volto para o meu jogo, para a minha pesquisa.

Volto para o jogo com os companheiros desse percurso pessoas tão importantes que fizeram a diferença na minha vida profissional, com aqueles que me disseram quem é este *ser*, quais as suas demandas, suas fragilidades, seus fazeres, suas obrigações. Realizamos a arte de conversar e pensar juntos na tríade eu, tu (entrevistado), ele (Beto) e assim narrar para você leitor o que é ser uma professora articuladora. É na conversa com meus pares que nasce a pergunta novamente, que me volto a mim mesma...

Conhecendo a mim mesma

A frase “*conhece-te a ti mesmo*”⁶⁸ um dos aforismos mais famosos da história grega se encontra na entrada do templo do deus Apolo, na cidade de Delfos. Onde segundo ele, um dos grandes desafios da humanidade consistiria em buscar o conhecimento de si, e somente a partir daí conhecer a verdade sobre o mundo. O oráculo de Delfos decretou Sócrates a ser o filósofo mais sábio do mundo. Sócrates não entendendo o oráculo expressiu a frase “sei que nada sei”. Intrigado procurou vários filósofos de Atenas para revelar-lhes o que era o conhecimento. Ao perceber que esses sábios não passavam de pessoas com interpretação erradas, preconceituosas e falsas certezas sobre o conhecimento, percebeu o que o oráculo se referia ao autoconhecimento e o reconhecimento da própria ignorância, reconhecendo-o o mais sábio dos sábios.

A filosofia nasce a partir da reflexão, do autoconhecimento, tomando consciência da sua própria ignorância e se abandonando dos preconceitos. Só assim se busca o conhecimento verdadeiro. “Conhece-te a ti mesmo e conhecerá o universo e os deuses” exclamou Sócrates, dando extensão à frase.

A partir dos encontros com o meu orientador, do meu grupo de pesquisa, da equipe escolar, e das três entrevistas que me ponho a pensar a mim mesma, volto para o jogo amarelinha e revejo meu percurso. Esta professora articuladora que está na rede do Município do Rio de Janeiro desde 2003, que articula o projeto político pedagógico (PPP) junto com o projeto político anual (PPA); precisa está “atenada” com as demandas da educação infantil e principalmente com as questões éticas, pois promoverá a formação dos profissionais do espaço que ela está.

Ela pensa nesse trabalho coletivo, mas ela também carrega algumas mazelas. A Cris trouxe na nossa discussão o acúmulo de função que não é mais a questão da gratificação, onde o coordenador pedagógico levava para a aposentadoria e a professora articuladora recebia o seu salário como dupla regência ou matrícula. Mas, por falta de profissionais administrativos e portaria a professora articuladora acaba realizando outras funções que não são pedagógicas dentro do espaço de desenvolvimento infantil. Eu faço sim o que não é o meu papel, por acreditar que somos uma parceria eu e a direção.

Mas a falta de profissionais como secretário escolar, portaria faz com que a direção fique com mais um trabalho burocrático, eu como professora articuladora, acabo

⁶⁸ PLATÃO. Diálogos. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA. 14v.

não dando conta das demandas pedagógicas que precisam ser articuladas com os professores, os agentes, as crianças e as famílias. A entrevista da Cris nos propiciou olhar mais o professor da pré-escola que está sozinho, da garantia de 1/3 de planejamento, onde a Secretaria Municipal de Educação insiste em colocar essa demanda na conta da direção.

A nossa luta vai ser sempre contra o desmonte do funcionalismo público dentro da rede do município do Rio de Janeiro. Hoje só temos os professores como funcionário público dentro da rede. Todos os outros funcionários são terceirizados como cozinha e auxiliares de serviços gerais. Antes estes cargos eram ocupados por merendeiras concursadas e a COLURB. A direção é regida por professores e professoras eleitas através da votação pela comunidade escolar e a professora articuladora é indicada pela direção para mediar o pedagógico deste espaço.

Um das questões que reflito sobre o papel da professora articuladora na rede do município do Rio de Janeiro, questão que também surgiu na entrevista da Cris... Qual é o ser-ai desta profissional? Sou uma coordenadora pedagógica? O coordenador pedagógico é um profissional que está na escola majoritariamente no município do Rio, no ensino fundamental. Este é designado para esta função com gratificação, que devido à última reforma não leva mais para a aposentadoria. O coordenador perde a regência e é visto por todos e todas como pedagógico.

Se eu sou uma professora articuladora e realizo funções de uma coordenadora, porque tenho esta nomenclatura? Por que há uma mudança de nomenclatura na educação infantil já que por volta de 2014 os coordenadores e coordenadoras pedagógicas estavam presentes nas creches e EDi's e depois foram tirados, deixando o cargo só para os professores e professoras articuladoras? Porque a professora articuladora não é vista como pedagógica? Porque durante certo tempo recebemos menos por isso? Porque a educação infantil ainda é vista pormenorizada?

Algumas dessas questões eu tenho vagas reflexões, outras precisaria de mais um tempo como o doutorado para maiores discussões e pesquisa, mas o que me ponho a pensar é que a Educação Infantil ainda é pormenorizada perante a rede municipal de educação.

Então como isso ainda não me cabe, venho refletir de forma a não generalizar o que é a professora articuladora na rede, que é a de me contextualizar junto aos meus pares. Onde minha incumbência não é salvar o mundo, na verdade escola nenhuma deveria carregar este fardo, mas ampliar as potencialidades das crianças.

Ampliar a potencialidades das crianças do berçário até a pré-escola. Ana Carla nos oportunizou pensar nas crianças do berçário da importância do corpo, do movimento, das brincadeiras. Onde discutimos que todo professor de educação infantil precisa passar pelo berçário para entender também aquela criança que está na pré-escola, onde a brincadeira, o corpo precisa fazer parte das crianças de quatro e cinco anos e não apenas uma tentativa de alfabetização precoce.

Esta pesquisa também me faz refletir e pensar é que não estou aqui apenas para os professores. Isso ficou muito pertinente na entrevista com o Carlos André, eu enquanto professora articuladora estou aqui para desenvolver e promover as potencialidades das crianças. É para elas que estou aqui. É para ela que fui designada para este cargo. Porque sou uma servidora pública, que implica em vocação servir um público indistintamente, nesse caso às crianças de educação infantil. Percebi que este é um dos maiores erros no pensamento da rede. Tanto coordenador pedagógico quanto professor articulador está na rede para desenvolver as potencialidades dos alunos e das crianças, através de professoras e professores que estão na sala de aula.

Então, todo o trabalho da professora articuladora é está em contato com as pessoas e promover nos professores o interesse em desenvolver a potencialidades das crianças. Carlos André também nos propiciou pensar na formação dos profissionais. E realizamos esta faceta através de formação e estudos que envolvem as leis da educação; através de autores que versam sobre a educação infantil; filosofia e história da educação; estudo sobre a ética; leis que promovam a educação inclusiva, a igualdade negra, indígena e de gênero. Para isso a professora articuladora precisa ter uma visão estética e experiência de mundo que acolha o novo e o diferente a mim.

Essa visão estética perpassa também nesse trabalho, na escrita dolorosa que é narrar alguma coisa. Esta pesquisa na sua estrutura já desconstrói um mito, esta forma de ver a pesquisa é ou não é acadêmica? Essa visão estética está incutida arte, vida e conhecimento na sua vida. Nos desenhos que fui ganhando carinhosamente ao longo da vida profissional, a disponibilidade da minha sobrinha de oito anos em desenhar a mim mesma. E não posso deixar de registrar o ilustrador italiano Matteo Bertoni que deu vida a *A Divina Comédia*, realizando uma adaptação infantil em formas geométricas, lembrando trabalho com xilogravuras. O trabalho deste ilustrador se encontra no seu *site* e também no livro *A Divina Comédia (para crianças)* do autor Paolo di Paolo.

Construir esse texto, toda essa estrutura, essa estética, essa formatação, foi pensado na educação infantil e na vida desta professora articuladora. E agora aqui nesse

jogo da vida amarelinha a de voltar para mim, “voltas às coisas nelas mesmas”, é o que fez o caminhar desta pesquisa. Saber que nada sei que muitas coisas ainda estão por vir, e que a educação em si é sempre movimento. Precisei me desvencilhar de várias amarras e preconceitos, outras ainda estão aqui, mas sendo refletidas e voltas o pensamento para elas. Então, cheguei a minha última casa, as minhas reflexões ao longo do jogo e volto a perguntar o paraíso é aqui?

NÃO! Com certeza NÃO

Porque como professora e pesquisadora ainda tem muito mais o que pensar e a discutir, não tem nada achado e acabado, afinal *ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria* como nos diria nosso eterno Paulo Freire. Viver não é algo linear, *viver que é aprender mesmo* ora se caminha pra frente, ora erra a pedrinha, ora pára, ora volta uma casa. Esse jogo nunca acaba, estaremos sempre jogando a pedra outra vez...

Amarelinha⁶⁹

Chão, caminho de sonhos,
Andar, correr, pular.
Fazendo riscos,
Desenhos muitas marcas pra deixar.

Vou pulando só num pé,
Nos dois posso descansar.
linhas contam histórias,
Territórios pra pisar.

Eu jogo uma pedrinha,
Casas quero alcançar.
Muito cuidado com a linha,
Nela não posso pisar.

Brincando de amarelinha,
Chão e céu vão se encontrar.
Vou pulando só num pé,
Nos dois posso descansar.

⁶⁹LEITÃO, Mércia Maria. e DUARTE, Neide. **Folclorice do Brincar**. Editora do Brasil, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, S. **As confissões**. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris, 1964.

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia: Inferno**. Traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. Jandira, SP: Principis, 2020.

_____. **A Divina Comédia: Purgatório**. Traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. Jandira, SP: Principis, 2020.

_____. **A Divina Comédia: Paraíso**. Traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. Jandira, SP: Principis, 2020.

AMUDE, A. M. e SILVA, G. B. **Os Jardins-de-infância – um estudo sobre a formação do ser humano a partir dos postulados de Friedrich Froebel**. IN.: *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v.11, n.2, p.168-172, maio/ago. 2008.

ARENDT, H. **A Vida do Espírito: O pensar, o querer, o julgar**. 8ª Ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

_____. **A Crise da Educação**. In.: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Ética a nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/%C3%89tica-a-Nic%C3%B4maco.pdf>. Acesso em: Jun de 2020.

ARENILLA, L. et al. (Org.). **Dicionário de pedagogia**. Lisboa: Piaget, 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 6ª Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARROS, M. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta, 2008.

_____. **O livro das Ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2001b.

_____. Bordados de Antônia Zulma Diniz, Ângela, Marilu, Martha e Sávia Dumont sobre desenhos de Demóstenes. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BERTON, M. **Dante na selva tenebrosa**. Disponível em: <https://matteoberton.com/La-Divina-Commedia> Acesso: Jan de 2023.

_____. **Dante e Virgílio com as almas vagantes no purgatório**. Disponível em: <https://matteoberton.com/La-Divina-Commedia> Acesso: Jan de 2023.

_____. **Dante e Beatriz com deus Apolo na entrada do paraíso**. Disponível em: <https://matteoberton.com/La-Divina-Commedia> Acesso: Jan de 2023.

BORGES, J. L. **La casa de Asterión**. In: O Aleph. Disponível em: <https://www.literatura.us/borges/lacasa.html> Acesso em janeiro de 2022.

BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

_____. **Lei nº. 11.645 de 08 de março de 2008**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2008.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. **Referencial curricular para a educação infantil**. v.1-3, Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Parecer CNE/CEB Nº. 20/2009 e Resolução CNE/CEB Nº. 05/2009, Brasília/DF, 2010.

_____. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 20 out. 2020.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão**. Brasília, DF, 2017.

_____. Ministério da Educação. **Leitura e Escrita na Educação Infantil**– Caderno 3 Linguagem Oral e Linguagem Escrita na Educação Infantil: práticas e interações. Brasília: MEC/SEB, 2016. 120 p. Disponível em: . Acesso em: 25/04/2021. (BRASIL, 2016, p. 26).

CONÍMBRIGA, Casa dos Repuxos. **Labirinto quadrado de quatro sectores**, em trança, com corredor pela esquerda e com cabeça de Minotauro no centro – Le Décor, II, est. 323b *In* Mosaicos de Conímbriga X Colóquio Internacional, Museu Monográfico de Conímbriga, 2005, p.13.

COMENIUS, J. A. **Didática Magna**. Fundação Calouste Gulbenkian. 4ª ed. Praga, 1957.

CAPPELLANO, L. C. **Painel Paulo Freire**. CEFORTEPE - Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional Prof. "Milton de Almeida Santos", SME-Campinas, 2008.

DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> . Acesso em: 27/03/2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

_____. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da Esperança**: reencontro com a pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FONSECA, V. **Dificuldade de Aprendizagem: Abordagem neuropsicopedagógica**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A caminho da linguagem**. São Paulo: Vozes, 2012a.

HERÁCLITO. —Fragmentos de Heráclito de Efésio. In: **Os Pré-Socráticos**. Tradução De José Cavalcante De Souza Et Al (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1989.

HESÍODO. **Teogonia, a origem dos Deuses**. (J. Torrano, trad.). São Paulo: Iluminuras, 2006.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. 4. ed. Lisboa: Colouste Gulbenkian, 1997.

_____. **Crítica da Razão Prática**. 1º Edição Bilingue. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Crítica da faculdade do juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1993.

_____. **Sobre a pedagogia**. Trad, Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. In.: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>. Acesso: 20/01/22.

KULHMANN JR. M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediações, 1998.

LEÃO, E. C. **Aprendendo a Pensar**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEITÃO, M. M. e DUARTE, N. **Folclorice do Brincar**. Editora do Brasil, 2009.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade**. Lisboa: Porto editora, 2000.
OLIVEIRA, Z. R. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008, pp. 57-102.

PESSOA, F. **O manuscrito de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caeiro**. Edição fac-similada. Apresentação e texto crítico de Ivo Castro. Lisboa: D. Quixote, 1986.

PLATÃO. **Diálogos**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA. 14v.

_____. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PRADO, A. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

RIBEIRO, D. **O Que é Lugar de Fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RILKE, R. M. **Cartas do poeta sobre a vida:** a sabedoria de Rilke / organização Ulrich Baer; tradução Milton Camargo Mota. (Coleção Prosa). São Paulo: Martins 2007.

ROCHA, F. V. e VASCONCELLOS, V. M. R. **Trajetória das Creches Públicas do Rio:** da LDBEN 9394/96 à estrutura organizacional da SME/RJ. X Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste /Anpedinha. Rio de Janeiro: RJ, 2011. Disponível em: http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/trabalhos/PROPED_UERJ_008.589.137-12_trabalho.doc. Acesso em: 25 de nov. de 2018.

ROCHA, R. **Nicolau tinha uma ideia.** São Paulo: Abril, 1977.

ROSA, J.G. - **Grande sertão: veredas.** 13. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

SARTRE, J-P. **O existencialismo é um Humanismo.** São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI).** Modelo conceitual e estrutura. Rio de Janeiro, Fev. 2010. Disponível em: <http://www0.rio.rj.gov.br/sme/downloads/coordenadoriaEducacao/2viaEDI.pdf>. Acesso em 30 de março de 2021.

_____. **Atribuições dos cargos da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.** Disponível em: <http://www.rio.gov.br/web/sme/atribuicoes-dos-cargos>. Acesso em: 20 jan. de 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Portaria 073/19** que Dispõe sobre critérios e procedimentos a serem adotados para o processo de atribuição de classes e/ou aulas do Professor Articulador de Aprendizagem, pertencente ao quadro das Unidades Escolares da Rede Estadual de Ensino, e demais providências. Disponível em: <https://www.iomat.mt.gov.br/portal/visualizacoes/html/15449/#e:15449/#m:1063115>. Acesso em: 20 jan. de 2021.

SOARES, M. **Letramento e Alfabetização:** As Muitas Facetas, Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782004000100002>. Acesso em: 22 abr. de 2021.

SOARES, T. de S. Sobre A Dimensão Epistemológica da Alma Em Platão. IN.: **AUFKLÄRUN, Revista de Filosofia.** V.1, N.2, Outubro de 2014.

SOLIGO, R. PRADO, A. **Quem forma quem? Instituição dos sujeitos.** 2007. 223p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252100>. Acesso em: 9 abr. 2021.

TRENTINI, J. **Aprendendo a Falar:** do “gugu-dadá” ao “mamãe me dá”. Rio de Janeiro: Muchi Editora, 2018.

VYGOTSKY LS. **A formação social da mente.** 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.